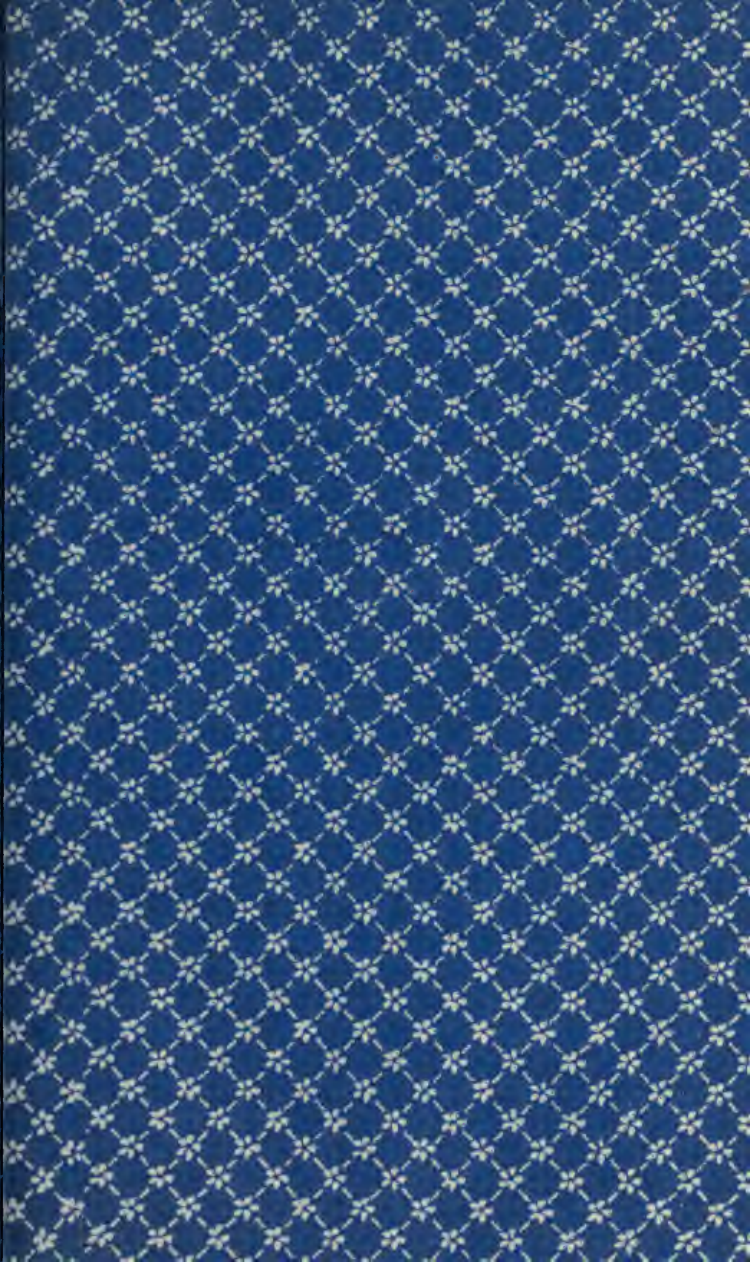


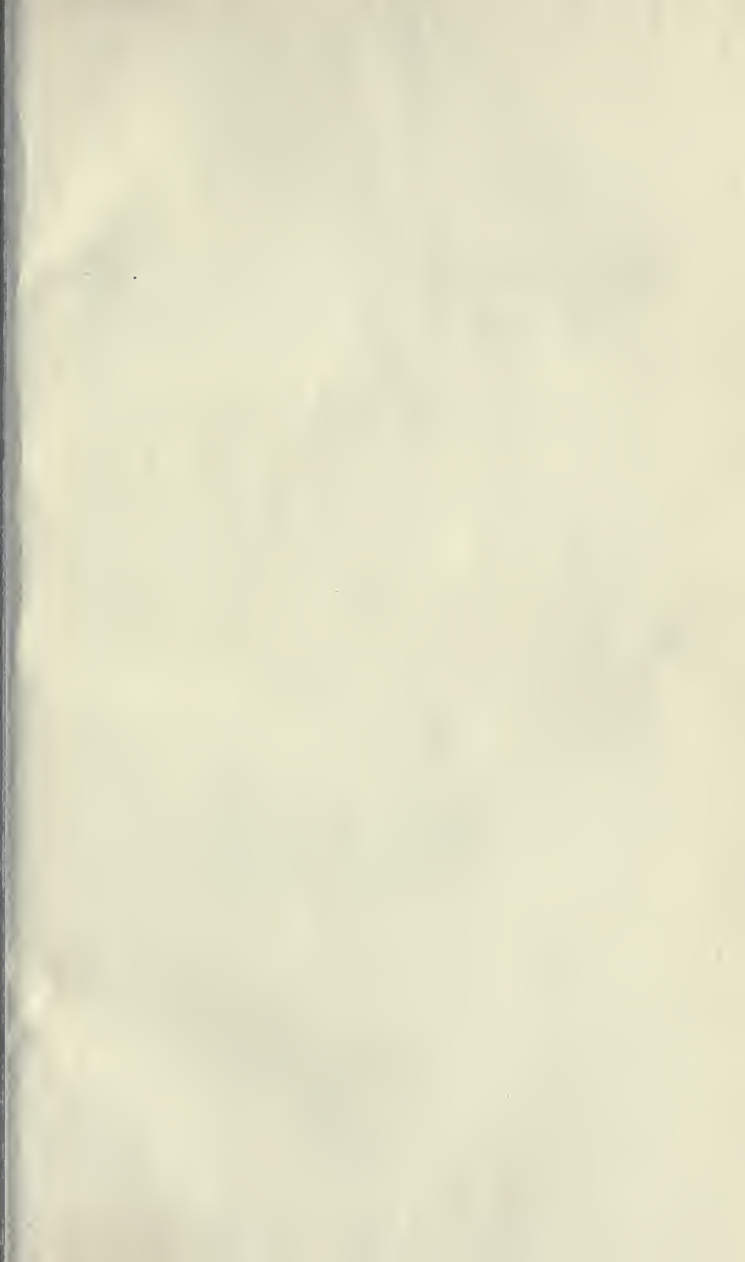


3 1761 04645602 6

PQ
9261
C22A75



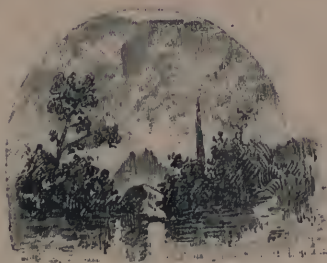




CALDAS CORDEIRO

Anciosos

(SCENAS DA VIDA EM LISBOA)



AGENCIA UNIVERSAL DE PUBLICAÇÕES — EDITORA

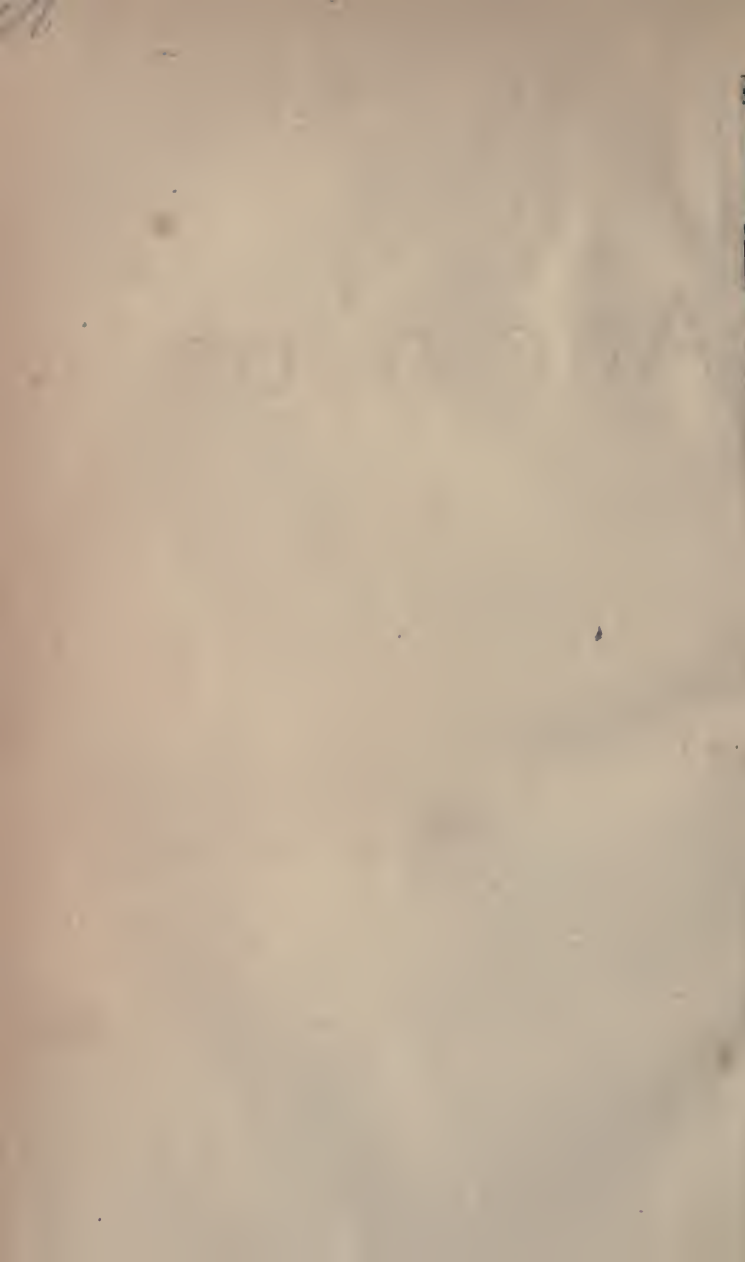
38 — TRAVESSA DA VICTORIA — 38

LISBOA



21
meia francesa
azul

ANCIOSOS



CALDAS CORDEIRO

Anciosos

(SCENAS DA VIDA EM LISBOA)



LISBOA

MDCCCXCV

PORTO

Typ. da Empreza Litteraria e Typographica

178, Rua de D. Pedro, 184

PQ
9261
C22 A75



Helmer — Falas como uma creança :
não comprehendes nada da sociedade de
que fazes parte.

Nora — Não, não compreendo; mas
quero conseguil-o, e ter a certeza de qual
de nós tem razão, se a sociedade se eu.

IBSEN.

PRIMEIRA PARTE

I

Em 1872 o ferreiro José Mendes habitava no largo de S. Miguel d'Alfama n'uma casa composta de loja, recanto escuro e lugubre onde estava installada a forja, e um pequeno andar de duas janellas, para o qual se subia por uma escada de pedra.

O ferreiro era um velho de sessenta e cinco annos, apparentando rijeza, a tez tisonada pela convivencia com a fornalha, as sobranceiras carregadas, o olhar luzente, os beiços grossos. A barba branca, chegando-

lhe quasi ao peito, dava á sua phisionomia um vigor antigo.

Seu pae estabelecera-se ali no começo d'este seculo e conseguira obter numerosos freguezes, alcançando em setenta annos da sua trabalhosa e triste existencia o sufficiente para adquirir a casa, onde se viera estabelecer. Quando morreu, victima d'excessos d'alcoolismo, o filho, já orphão da mãe, morta em 1836 do cholera, ficou com a loja. Apprendera o officio com o pae e, tanto alcançara o habito de lidar com o fogo e amoldar o ferro, que a sua vida foi toda passada na lobrega caserna, martellando as ferragens, sentindo nos ouvidos os sopros das labaredas, destillando dos olhos — enxutos a toda a dôr — lagrimas provocadas pelo fumo e pelas fagulhas.

Quando em 1857 lhe morre com a febre amarella a mulher, que lhe deu duas filhas, elle não chora: a fornalha ciumenta bebera-lhe antecipadamente todas as lagrimas e o pobre homem, tendo de partilhar o seu amor e a sua ternura entre o fogo e as duas pequenitas, viu-se forçado, para o não

trair, a encarregar da educação das creanças, a condessa de Refoyos, madrinha de Bertha, a mais velha.

As filhas, ao completarem os rudimentares estudos, como já tivessem idade, vieram residir com o pae. Aos vinte e quatro annos Bertha era uma grossa mulher, exuberante, de olhos negros e contemplativos, tez leitosa, e polpudas orelhas; os macios cabellos, d'um castanho escuro, tombavam-lhe pelas costas, abundantes e desalinhados.

Alta e forte, realisava o typo, hoje raro, d'uma fina rapariga do povo com todo o misto mulheril da perfeição, da delicadeza, da saude. Carlota, mais nova quatro annos do que a irmã, não tinha nem a formosura, nem as esculpturaes formas de Bertha; o seu rosto pallido e sem brilho, as orelhas côr de cera, os labios exangues, revelavam umas d'estas encantadoras e frageis creaturas, cuja belleza discreta não tem tanto fulgor e tanta fascinação.

José Mendes, á medida que convivia com as filhas, partilhava com ellas o amor que tinha á fornalha; a sua indole soturna

transformava-se, e, invadido pela ternura de pae, muitas vezes ao contemplal-as, os olhos se lhe humedeciam. É que via para ellas o futuro carregado. Na idade em que estavam, era facil perderem-se por causa d'um homem, e o velho, ciumento em excesso, encarava esta possibilidade como uma conjectura triste. O seu orgulho de pae, e mais do que tudo o egoismo, obrigava-o a idealisar casamentos vantajosos para ambas, mas sobretudo para aquella que era o seu idolo, para Bertha. N'ella se revia ufanamente o velho, e, muitas vezes, quando roçava as barbas brancas pelas faces pallidas de Carlota, vinha-lhe uma impaciencia e um desgosto por ver um tão flagrante contraste entre essa florita d'estufa e a outra, resplendente e viçosa.

«As filhas do ferreiro» assim lhes chamava a gente miuda d'Alfama, eram muito estimadas pelos visinhos e vistas com respeito e inveja. Ellas vestiam-se tafulamente, e era facil, na rua, confundil-as com raparigas da classe média.

Eram sete horas d'uma tarde invernosa de dezembro. O ferreiro acabava d'apagar o lume, de fechar a loja e de recolher-se.

— Bertha, disse elle, entrando em casa, arranja-me um caldo bem quente. Lá fóra faz um frio de rachar pedras.

— O pae quer migas e bacalhau ? perguntou ella.

— Pois sim, isso vae-me saber muito bem. Olhem vocês como a chuva cae, disse elle, approximando-se da janella e olhando para a rua deserta.

O largo estava todo encharcado. Grandes bategas d'agua tombavam e iam fazer enxurrada na regueira das ruas; as luzes bruxoleavam, sopradas pela força do vento.

— O pae hoje fica em casa ? perguntou Bertha.

— Não, tenho de sair.

Bertha trouxe o comer e pôl-o sobre a meza.

— Sentem-se aqui junto de mim, disse o velho; vocês são a minha alegria e a minha vida. Ainda as hei de fazer felizes, creiam, ainda as hei de fazer muito felizes.

Fazem lá idéa o plano que descobri para arranjar um dotesinho a cada uma!

— Qual é, ó pae? perguntou Carlota.

— É o meu segredo, um segredo que jurei nunca revelar! Nunca! entendem? Não me obriguem a dizer-lhes mais. O que lhes posso affiançar é que, se Deus me der ainda dez annos de vida, vocês ficam com o seu patrimonio e terão uma existencia feliz.

— Eu considero-me feliz, atalhou Carlota.

— E tu? perguntou o pae, olhando com meiguice para Bertha.

— Eu tambem, respondeu ella, baixando os olhos.

— Dizem-me isso por que são minhas amigas e não querem desgostar o velho. Mas eu tenho um dedinho que adivinha tudo e me diz: « Ó José ferreiro, as tuas filhas são raparigas bonitas e prendadas e não foram feitas para viver n'esta casinha pobre, sem distracções, a aturar a tua rabugice.»

— Ó pae, deixe-se d'isso, respondeu Carlota; não esteja a metter-nos ambições na cabeça; nós estamos conformadas e contentes com a nossa sorte.

— Se o pae tem um plano para nos melhorar a posição não o deves desanimar, Carlota, disse Bertha. Elle tem mais idade e mais experiencia do mundo para saber, melhor do que nós, o que nos quadra.

— Ahi está! isto é que é falar! exclamou o velho enternecido. Dizes bem, Bertha, um pae deve sempre ambicionar muito para as suas filhas. Olhem que o meu educou-me e não desejava que eu fosse ferreiro; mas como elle morreu e me deixou a casa e a loja, eu que em pequeno aprendera o officio, dediquei-me a elle com amor. Cheguei mesmo a julgar que nunca vos amaria com a mesma vehemencia com que amava a forja! Louco! como se eu pudesse contradizer a natureza! Apenas vocês, ó minhas queridas filhas, vieram para a minha companhia, umas mulhersinhas já feitas, que todo eu me transformei. Falo menos com as fagulhas e, na loja, penso mais em vocês do que n'ellas... Vejam o tonto do velho!

— Coma, se não as migas esfriam, lembrou-lhe Carlota.

José Mendes, ao concluir a refeição, le-

vou Bertha para o canto d'uma janella e disse-lhe:

— D'essas notas que a tua madrinha te deu outro dia, dá-me cem mil reis.

— Para que quer o pae tanto dinheiro? perguntou ella com desconfiança.

— Sabes para quê? disse elle, alumian-do nos olhos um brilho faiscante, para o centuplicar!

— O pae não está bom! exclamou ella impaciente.

— Bertha! atalhou Carlota, ferida pela falta de respeito ao velho. Não eras tu que, ainda ha pouco, dizias que o pae sabia perfeitamente como nos pôde fazer felizes?

— E sei! atalhou elle, com aquella idéa fixa no espirito. E, como a filha hesitasse, sem responder, elle carregou a voz e disse imperiosamente:

— Vae buscar-m'as: sou eu que te mando!

Bertha obedeceu, e entregou-lhe as notas. José Mendes beijou as filhas silenciosamente, poz aos hombros o gabão, puxou sobre a testa o largo chapéu de feltro, e saiu.

Ainda caía uma chuva miuda. As ruas tortuosas do bairro d'Alfama, estavam desertas. Apenas as luzes mortiças e amarellas das lojas animavam um pouco esses sitios soturnos. Aqui e alem, José Mendes roçava por um raro passeante.

Dos cafés e das tabernas vinham vozes avinhadas, gemidos das guitarras e echos das plangentes endexas do fado.

O ferreiro desceu á Sé, entrou na rua dos Retrozeiros e voltou ao Arco de Bandeira. Subiu os degraus d'uma escada mal alumuada, tocou a campainha; uma cabeça appareceu ás grades da cancella e, tendo-o examinado, abriu a porta.

*

—Dá-me que scismar para que precisará o pae tanto dinheiro, dizia Bertha a Carlota, depois que elle saíu.

—Talvèz para algum negocio.

—Eu não sei que pensar; mas a verdade é que o pae dáva-me todas as semanas o que ganhava na loja para eu governar a casa, e,

este mez nada me entregou, e disse-me que fosse tirando do dinheiro que a madrinha me dá todos os annos.

— Não penses n'isso ! Olha, sabes o que mais ? vou-me deitar, que estou a cair de somno. Hoje nem serão faço. Boa noite, Bertha.

— Boa noite, Carlota.

Bertha, quando a irmã se recolheu ao quarto, ficou um largo espaço de tempo, o peito apoiado á meza da casa de jantar, a cabeça encostada á mão, os olhos fixos no candieiro. A sua meditação era de quando em quando distraída, porque olhava na direcção do quarto de Carlota, e escutava. Decorreu mais algum tempo ; o relógio, um velho relógio de pesos, deu as nove horas. Bertha approximou-se vagarosamente do quarto da irmã e tornou a escutar. Ella resonava. Bertha então, com todas as precauções, abriu a janella, que deitava para a escada de pedra. A noite continuava escura ; no ceu, onde se acastelavam enormes nuvens negras, appareciam raras estrellas. Bertha viu um vulto subir a escada e perguntou :

— És tu, Fernando ?

— Sou, respondeu o vulto.

Ella abriu cautellosamente a porta e o homem entrou.

— Vens muito encharcado ? perguntou Bertha, tirando-lhe a capa á hespanhola, que pendurou n'um dos cabides da cosinha.

— Nem por isso, respondeu elle.

— Estava com medo que viesses antes da Carlota pegar no somno.

— Minha querida Bertha — disse elle, estreitando-a com vehemencia, quando chegará o tempo de nos amarmos sem estas precauções e estes receios ?

— Quando tu quizeres ! Por que me não pedes ao pae ?

— Ouve-me, disse elle, tomando-lhe as mãos e fixando os olhos no rosto de Bertha, ouve-me. Bem sabes que tenho uma posição insignificante e, mesmo pouco segura; até hoje hesitei sempre em sacrificar-te ao meu egoismo e ao meu amor — mas agora reconheço que sou obrigado a pedir-te este sacrificio.

— Ó Fernando! exclamou ella, encostando-lhe a cabeça ao peito.

— Amo-te muito, Bertha, e não desejo prejudicar-te por mais tempo. Amanhã, se consentires, virei pedir ao pae a tua mão.

— Elle recusa-t'a, disse Bertha com tristeza. . . Vae ter com o padrinho, para interceder por ti junto do pae.

— Dizes bem; farei tudo quanto quizeres, concluiu Fernando.

Ha dois mezes que se amavam. Fernando Ribeiro encontrára Bertha na rua.

Os olhos d'elle pousaram com enternecida admiração n'essa fresca e bella rapariga. Ella lançou tambem sobre o rapaz um olhar de curiosidade; como elle a seguia, Bertha reparou mais minuciosamente. Fernando era um homem alto e secco, de cara oval, queixos largos, indicando o predomínio da vontade. Usava crescida a barba, uns pellos duros e negros que lhe occupavam as faces e aos quaes se vinha unir o seu bigode, com as guias despretenciosamente caidas. O vestuario indicava uma correcção methodica, con-

trastando um pouco com o comprimento dos cabellos.

Fernando Ribeiro era filho d'um 1.º official do ministerio do reino, morto quando elle contava apenas sete annos.

Antes de expirar obrigou a esposa a jurar-lhe que sempre affastaria Fernando da vida abjecta e immunda de funcionario. Ella prometteu e ficou vivendo pobremente d'um monte-pio, vendo-se forçada a enormes sacrificios para dar uma educação ao filho. Fernando, logo depois, forçado pela necessidade de auxiliar a mãe, entrou n'uma fabrica de moagens ao Beato. Sua mãe, porem, morreu, consumida de tristeza pela mediocre existencia a que seu filho, por causa d'ella, se condemnára.

Em pouco tempo a precoce intelligencia de Fernando exerceu predominio nos operarios e nos patrões mesmo, que o fizeram passar de simples contra-mestre a chefe de escripturação da fabrica. Este premio, longe de ser mal visto pelos seus antigos collegas, mereceu a approvação de todos: e na verdade Fernando Ribeiro era sempre para elles

um desvelado amigo e um sincero protector. Lançou-se activamente na corrente do socialismo allemão, que começava a invadir a Europa. A tragica e aventureira morte d'um dos seus chefes, Lassalle, concorreu ainda mais para fazer saír o movimento do campo scientifico para o especulativo.

Fernando Ribeiro tinha, pelo menos na apparencia, a fé e a energia d'um apóstolo. Fundou em Portugal a primeira cooperativa, e a miudo espalhava brochuras todas tendentes a explicar a justiça das reivindicações do operariado. A disciplina scientifica, que elle suppunha possuir n'um grau poderoso, não se quadrava muito bem com a sua indole levantada e o seu espirito effervescente. As principaes brochuras que publicou: *A Divisão do Solo*, *A Propriedade Collectiva*, *A Guerra da Machina*, *Os Crimes da Civilisação*, se não chamaram muito as atenções, tambem não passaram absolutamente desapercibidas, e o pouco que o operariado obteve, deve-se a estes estudos.

Fernando seguiu Bertha até ao largo de S. Miguel, viu-a entrar em casa; retirou-se,

mas o seu coração batia-lhe ancioso e insofrido. A imagem da rapariga apparecia-lhe, poetisada no seu espirito, com o rasto da belleza e o prestigio da mulher.

Amou-a. De noite foi a Alfama, vigiou-lhe a casa, conseguiu divisál-a encostada ao parapeito da janella, n'uma attitude contemplativa. Os seus olhares encontraram-se mais uma vez. Ella manifestou logo no rosto que acabava de o reconhecer; elle approximou-se e pediu-lhe trivialmente licença para entregar-lhe uma carta. Bertha acceitou-lh'a, e leu com orgulho e com ternura as phrases apaixonadas e vehementes.

Amaram-se desde então. Fernando ia de noite vêr Bertha; ella, quando a irmã se deitava mais cedo, abria-lhe a porta. Elle nunca abusou d'esta confiança, porque mesmo o seu amor estava no periodo da divinisação espiritual da mulher, e esse enthusiasmo ainda não affrouxára.

Quando Fernando saiu de casa de Bertha a noite melhorára um pouco; estava um frio cortante, que a brisa do mar augmentava. O sino de S. Miguel badalou a 1 hora. Fer-

nando caminhava pelas ruas silenciosas, entregue aos mais agitados pensamentos. Era no dia seguinte que tinha de pedir Bertha, e o receio e o medo de que lh'a negassem apoderou-se d'elle e afincou-se-lhe no espirito como uma certeza inabalavel. O que lhe dava uma tenue esperança era a sinceridade com que havia de falar a Rodrigo de Menezes. A este homem, bom e intelligente, ninguém regateava as elevadas qualidades do coração e da alma. Mas escutal-o-ia? Ou, a amisade que consagrava á afilhada, obrigava-o a não a sacrificar a um homem n'uma posição humilde e incerta? N'estas continuas preocupações, chegára ás Cruzes da Sé; ahi habitava n'um 3.º andar, composto d'uma unica janella talhada na parte lateral da egreja. Ao chegar ao quarto, accendeu a luz e lançou sobre esse humilde recanto um olhar enternecido.

Ali tinha soffrido tanto! e fôra no estudo e nos livros que encontrára um apasiguamento para a sede do espirito, para o incompreensivel do coração, para o insondavel do destino.

II

O sujeito que abriu a porta a José Mendes, deu-lhe amavelmente as boas noites. Correndo um reposteiro escuro, fel-o entrar n'uma casa brilhantemente illuminada. Ahi se juntava, em redor d'uma meza de panno verde, uma selecta sociedade.

José Mendes sentou-se n'uma cadeira, em um dos extremos da meza. Um homem que tinha diante muitos montes de dinheiro em ouro, em prata e em cobre, que distribuia profusamente pelos outros companheiros, ficava em frente d'um delicado e fino sujeito, risonho, fresco, córado, que segurava nas mãos um baralho de cartas, e, como n'esse momento as embaralhava, fazia-as escorregar pelos dedos com pasmosa habilitade. Às vezes, encarando-as á luz, assentava-as na meza, e esfregava algumas com a unha do polegar. Depois d'estas operações,

pousou o baralho e perguntou attenciosamente aos circumstantes.

— Quem corta ?

— Se ninguem está primeiro, eu peço o córte, disse o ferreiro com a voz alterada e tremula.

Cortou. O attencioso cavalheiro tirou quatro cartas do baralho e collocou-as na meza. Todos se começaram a agitar.

— Salto á dama ! disse uma voz.

— Cerco ao rei ! exclamou outra.

— Ás de cima !

— Ás de baixo !

— Á Cruz !

— Ao lado !

— Salto para a cruz do rei !

— Na barriga da dama !

— Vou jogar, meus senhores ! disse então o estimavel cavalheiro que segurava as cartas, sem duvida para pôr cobro ao barulho animado que se desencadeára.

José Mendes fitava as cartas com os olhos esgazeados e seguia com uma attenção crescente os movimentos dos dedos do homem que as ia tirando. Perdeu a primeira

parada; perdeu a segunda; quando ganhou a setima, já tinha ficado sem metade do dinheiro que trouxera. «Estou hoje com azar» pensou elle. E fez mentalmente a promessa de esperar a outra cartada. «Talvez então tenha mais sorte!» calculou.

Como acertasse duas paradas seguidas, o sempre amavel individuo que lh'as pagou, dirigiu-lhe um sorriso luminoso e observou :

—O mestre José está hoje com sorte!

— Deixe-me ; não estou para conversas ! exclamou o ferreiro, mal humorado.

Pela segunda vez voltaram as cartas para a meza. José Mendes, fixava-as com os olhos brilhantes, a imaginação e a mente accendida. Mais outra parada, mais outra perca. A sua mente obstinava-se. «Hei-de ganhar ! hei-de ganhar ! » pensou elle.

Trocou a derradeira nota.

— É a ultima cartada, observou o sujeito que pagava, olhando para o relógio ; são horas de começar os *berlotes*.

Alguns murmuraram ; os mais excitados praguejaram obscenamente. Outros, a quem

a moderação não livrara da perda do dinheiro, lembraram:

— É um escandalo não nos darem tempo para nos desferrarmos ! .

O affavel individuo que baralhava as cartas respondeu com humildade :

— Mas qualquer dos senhores faz banca, e pôde rehabilitar-se.

— E o dinheiro para a banca ? dá-o você ? ou está a mangar comnosco ? observaram colericos muitos dos depennados.

José Mendes, arriscado a ficar sem o ultimo vintem, fôra dos mais energicos e eloquentes no protesto. Mas como o homem persistisse em dizer:

— É a ultima, meus senhores ! o ferreiro teve impetos de n'aquelle pequeno espaço de tempo ganhar as cem libras da banca. Jogou, perdeu. A imaginação cada vez mais se excitava. « Ia acertar a ultima ! » Apontou e veiu a carta contra que jogara. Um suor tombou-lhe pela testa, os olhos começaram a ver pequenos globulos escuros ; a vista turvou-se-lhe, e cançado, desesperado, farto de

luctar contra a má sorte, arriscou as ultimas duas libras.

Fincou os cotovellos na meza, poz as mãos nas fontes, de que sentia as pulsações, e, n'esta attitude esperou, fixando sobre o baralho o seu olhar turvo. Perdeu. Levantou-se, como se tivesse sido movido por uma mola, e, enterrando na cabeça o chapéu, saiu apressadamente para a rua.

Ao reconstruir no pensamento o antro onde tinha estado, o fatalismo a que o seu eterno azar o condemnara, fez-lhe ver de côres ainda mais carregadas todas as scenas repellentes a que assistira, as espoliações, as miserias, os desplantes, as infamias, o cynismo e a abjecção da quadrilha de que fôra victima.

O vento tempestuoso que uivava nas encostas das serras e zenia nos postes telegraphicos augmentou-lhe ainda a soturnidade dos seus pensamentos. Elle que sonhara com o jogo enriquecer as filhas, estava ainda a espolial-as, tirando-lhes o pequeno peculio que ajuntavam. A lembrança de que muitos ganhavam ou viviam do jogo, tam-

bem o perseguiu. Eram felizes; a sina d'esses não era como a d'elle. O seu corpo vergava; um enorme peso fazia-lhe curvar a cabeça; dir-se-ia que as ultimas scentelhas do pensamento alumiaavam aquelle homem, a quem a terra chamava para dar-lhe o repouso.

Ao chegar a casa, ainda Bertha velava; deu-lhe as boas noites com voz sumida, e atirou-se sobre o leito, empolgado pelo somno modorrento dos desesperados.

III

Rodrigo de Menezes, o padrinho de Bertha, o irmão da condessa de Refoyos, habitava uma casa no largo de Santa Clara.

Era um celibatario endurecido, bibliomaniaco ferrenho, vivendo apenas com uma velha creada e dois gatos felpudos. Esta familia estimava-se mutuamente; zangas não as havia na socegada morada de Santa Cla-

ra. Quando Rodrigo de Menezes se recolhia á sua livraria, onde passava quasi dias inteiros, folheando os alfarrabios e meditando sobre elles, vivendo a vida intellectual dos que os tinham escripto, os gatos conservavam plena liberdade de o seguirem a esse logar de recolhimento. É certo que não abusavam; apenas se limitavam a festejar o dono ou a treparem para alguma cadeira onde se enroscavam, dormindo tranquillamente.

Rodrigo de Menezes era homem de sessenta annos; baixo, a barba toda branca, o olhar negro ora luminoso ora apagado, não se poderia dizer ao certo se era um encanecido ou um rijo.

O habito do estudo curvara-lhe o corpo, mas ao ouvil-o falar dir-se-ia um d'estes homens que viveram a vida d'uns poucos de seculos e d'elles tirara uma philosophia um tanto pratica, que o deixava considerar a existencia como uma cousa nem boa nem má. Quem o visse na sua bibliotheca, curvado sobre os livros, os gatos nos braços das cadeiras, a velha creada cosendo a um

canto, suppunha-o um d'estes maniacos, que detestam o viver e se isolam. Enganava-se, porque ninguem era tão util aos seus parentes e amigos. Fôra intimo do pae de Fernando Ribeiro, e por morte d'elle, ficou sendo um desvelado protector da mãe e do filho. Quando este se lançou na propaganda revolucionaria, pela tendencia vulgar nos espiritos insoffridos de procurarem a corrente de idéas nobres e reformadoras, Rodrigo de Menezes aconselhara-o paternalmente a que se não tornasse incompativel com o meio estreito em que vivia e onde precisava obter recursos para se sustentar. Fernando, pouco pratico, como todos os sinceros que teem vinte e oito annos, não se importou com os conselhos. Em todo o caso visitava a miudo o homem que, alem de ser o seu maior amigo, era um dos mais apreciaveis que conhecia.

Quando a creada annunciou Fernando Ribeiro, Rodrigo de Menezes recebeu-o na bibliotheca e, sem o minimo cumprimento, disse-lhe logo:

— Tens lido Platão ?

— Decerto; foi um dos muitos que quíz reformar a humanidade.

— Estava meditando sobre a phrase seguinte d'esse grande espirito: « Que as mulheres sejam communs, que os filhos sejam communs e que se procure por todos os cuidados possiveis retirar das relações da vida até o proprio nome de propriedade. » Eis radicalmente dito o que vocês os socialistas apenas teem insinuado.

— Platão falava para uma sociedade pagã e por tanto mais adiantada; os sociologos allemães escrevem no paiz da metaphysica e das brumas e nós no do cretinismo e das tradições religiosas... Mas desculpe-me, o ter de mudar d'assumpto... Vou fazel-o rir... Eu que abundo nas idéas de Platão, eu o sujeito que pugna por uma sociedade onde a mulher seja common, venho participar-lhe que estou resolvido a crear familia e a casar-me com a sua afilhada Bertha!

No rosto de Rodrigo deslisou um imperceptivel sorriso de satisfação e ironia.

— Então que tem? perguntou elle: Não

sou tão obtuso que veja contradicção grande n'isso. As tuas idéas são para uma sociedade futura e muito adiantada, e tu tens de viver n'uma outra e mesmo, sem o queres, fazes parte d'ella e tens de te sujeitar aos seus prejuizos e costumes. . . Mas muito me contas! Então namoravas a minha afilhada e nada me dizias? Que grande hypocrita me saiste!

— Fui discreto, não me queira accusar por isso. Ouça-me: o pae de Bertha oppõe-se a essa união, e, eu amo-a a ponto de estar por umas poucas de vezes para mandar bugiar todas as questões sociaes por causa d'ella e d'este amor que todo me absorve! O pae deseja casar a filha com um homem rico e não com um sujeito pobre como eu. Vinha pedir-lhe se, não levando a mal este casamento, estava disposto a tentar vencer a resistencia de José Mendes?

— Mas então o ferreiro quer casar a filha com um millionario? Que maluco! Hei de demovel-o de tão tola ambição e veremos se eu, pedindo-lhe a mão da minha afilhada para ti, elle ousará recusar-m'a. Vou já á loja, meu rapaz. Com que então tu, o eman-

cipador das classes sociaes, vaes cair de chapa, antes dos trinta annos, na velha gerigonça do matrimonio ?

Fernando Ribeiro sorria, um sorriso triste e resignado, um sorriso que tresanda ao amor e á amargura que devora os apaixonados.

— Deixe-me contar-lhe tudo: amo Bertha ha tres mezes e vejo-a a occultas do pae e só por ella sei que José Mendes nega a filha a um homem sem posição certa como eu. Dou até razão a esse pae em ambicionar para uma mulher como Bertha homem melhor e menos visionario do que eu. O meu amor porem não raciocina e é em vão que tenho tentado dominal-o; o impeto d'esta paixão desenfreada chega-me a aterrar. E é a primeira vez que amo! Apenas conhecia esses amoricos pueris, onde entra muito de capricho e quasi nada de sentimento. Agora succede o contrario: procuro dominar-me, refrear o desespero do amor, e fico vencido — vencido e prostrado !

Rodrigo de Menezes fixava-o com a piedade que sentem pelos que se vão lançar nas

tempestades e agitações da existencia os que teem soffrido desenganos e dissabores. Estranhava aquella exaltação n'um homem que elle sempre conhecera frio, regrado e sempre julgára incapaz de se apaixonar — e por quem! — pela filha d'um ferreiro!

Bertha era uma esplendida rapariga, de educação muito acima da sua origem commum, pensava Rodrigo de Menezes. Mas Fernando Ribeiro, embora bastante pobre, era um intellectual, muito complexo, que formava um contraste profundo com a afilhada d'elle, essa Bertha que conhecera desde pequenita.

— Então ficamos entendidos, observou Rodrigo: eu saio já, e vou procurar o José Mendes.

Fernando acompanhou-o até ao largo de S. Vicente; ahi se despediu de Rodrigo de Menezes, que desceu pelas ruas tortuosas da poetica Alfama.

IV

Quando o ferreiro foi na manhã seguinte abrir a loja, estava resignado. Perdera, talvez um dia viesse a ganhar. Era preciso lutar contra a má sina. Accendeu a fornalha, atazanou o lume. Levantou-se a fulva labareda; começaram a sair as faíscas, subindo pela chaminé. José Mendes, sentado n'um tosco banco enegrecido, olhava-as n'uma immobilitade fixa. Reconstruía as mais originaes e disparatadas scenas a rica imaginação do ferreiro. Aquelles milhares de pontos de luz ora eram exercitos e guerreiros, ora freiras ou collegiaes; se do lume saíam algumas poucas destacadas, elle chamava-as pelo nome d'alguem conhecido, das filhas, de Rodrigo de Menezes, do conde de Refoys.

Começou a trabalhar. Enquanto batia o ferro, a sua indole tristonha concentrou-se toda no trabalho, que lhe era consolação.

Já passava das dez horas, quando Rodrigo de Menezes assomou á porta da loja.

— Bons dias, José! Sempre a lidar, homem!

— Bons dias, snr. Rodrigo! O que quer? É preciso ganhar a vida, respondeu o ferreiro.

— Desejo falar-te seriamente. Podes dar-me atenção?

— Estou ás ordens... Sente-se aqui, disse o ferreiro, indicando uma velha cadeira, onde Rodrigo se sentou.

— Venho fazer-te um pedido, disse Rodrigo, batendo affavelmente com a mão n'um dos joelhos de José Mendes. Trata-se de Bertha... Venho pedir-te a mão de tua filha, e minha afilhada, para um homem que a ama e a quem ella ama, para Fernando Ribeiro... Que me respondes? perguntou elle, um pouco admirado por ver que a cara de José Mendes passava por diversas contracções e o seu olhar se carregava, n'uma expressão misturada de espanto, de colera e de imbecilismo.

— A mão de Bertha? disse o ferreiro.

como falando para elle mesmo. Amam-se? Desde quando? E quem é esse homem?

— É um rapaz muito sério, que faz a escripturação d'uma fabrica de moagens, onde é estimado. Vive honestamente do seu ordenado, porque é pobre; mas também supponho que não sonhaste casar a tua filha senão com um homem de que ella goste, embora não seja rico? objectou Rodrigo de Menezes.

— Quero que a minha filha case com quem tenha meios, porque desejo vel-a feliz.

— O dinheiro sabes tu tão bem como eu, não dá a felicidade. O Evangelho está cheio de maximas contra os ricos. . .

— Mas são elles que governam o mundo e que dispõem de tudo. A minha Bertha! então eu hei-de ficar sem a minha filha? hei-de ir entregal-a a um homem com poucos meios, ella que tem sido tratada como uma fidalguinha! E é o seu padrinho, que me aconselha a fazer semelhante asneira?

— Não sejas ambicioso, homem! exclamou Rodrigo. Lembra-te que és pobre e tens sido feliz. . .

— Muito feliz ! disse sombriamente o ferreiro.

— Outros ha mais desgraçados e com mais resignação. Peço-te a mão da tua filha para esse homem por que sei que se amam, e ainda pertenço ao numero dos que supõem que o amor é indispensavel para assegurar a felicidade do casamento e santificá-lo. Tua filha, ha-de ser feliz, acredita-me, concluiu elle fitando o ferreiro, que com a cabeça appoiada ás mãos, parecia meditar profundamente.

— Não posso crel-o ! exclamou elle, erguendo-se de chofre e começando a passear agitadamente. Não posso crel-o ! A minha Bertha não a creei eu para casar com um homem da sua egualha. Não... quero-a mais bem collocada. É uma teima de velho cabeçudo ? será ! mas de velho que tem visto muito o mundo e a quem ninguem poderá accusar por querer garantir o bem futuro da sua filha.

— Então recusas ?

— Recuso ! disse com energia o ferreiro.

— Valha-te Deus ! exclamou Rodrigo

com tristeza. Como és egoísta! Mas não vês que com essa recusa vaes fazer soffrer Bertha e offender um honrado rapaz, cuja causa eu venho patrocinar e que deve ficar tanto mais desesperado por esta recusa, quanto é certo que lhe dei todas as esperanças.

— Eu devo-lhe muito snr. Rodrigo de Menezes. Nunca esquecerei o que fez por minhas filhas, e o que me tem feito a mim.

— Não se trata d'isso!

— Trata... que eu quero justificar-me da negativa ao pedido que me fez. Devo-lhe muito, bem o sei. Mas não ha-de querer que minha filha case contra minha vontade...

— E se quizesse?

— Se quizesse! exclamou José Mendes, no auge do espanto. Não queria eu, que sou pae!

— Está bom, disse Rodrigo, prompto para se retirar. Estás teimoso. Talvez que o tempo e o soffrimento de tua filha te façam vir ás boas.

— Nunca! Digo-lhe aqui: nunca darei a minha filha a um pobretão, ainda que ella o

ame a ponto de morrer! A morte é pouco, diante d'uma longa vida de privações, de martyrios e de miserias.

— Isso é que é amor de pae!

— Amo minha filha a meu modo.

— Tu estás hoje como ha muito te não encontro: vês tudo por um prisma carregado e sinistro. Pensa no que te disse, homem, e eu direi ao rapaz que espere, que talvez mais tarde...

— Não diga isso! Diga terminantemente que não lhe dou a mão de minha filha!

Ao acabar de proferir estas palavras energicas, José Mendes viu entrar na loja tres sujeitos seguidos de dois policcias.

Um dos tres homens adiantou-se, apertou silenciosamente a mão a Rodrigo de Menezes, e, dirigindo-se ao ferreiro, disse-lhe:

— Vejo-me forçado a fazer uma busca em sua casa. Eu sou commissario de policia, explicou elle, para evitar perguntas inuteis. O snr. José Mendes é accusado de ter hontem, n'uma casa de jogo, passado algumas notas falsas; — devo accrescentar que

ninguém suppõe que seja o senhor que as fabricou — mas de certo que nos pôde dizer a proveniência d'essas notas.

O espanto do ferreiro dera á sua phisionomia uns longes de loucura e insania. Estava incapaz d'articular uma palavra.

— Pôde lembrar-se da proveniência d'essas notas? insistiu pela segunda vez o commissario.

— Eu não passei nenhuma nota falsa, senhor, atalhou José Mendes, bastante perturbado. Foram encontradas n'uma casa de jogo e sou eu o unico que tenho de responder. Comó se sabe d'onde provieram?

— Muito facilmente: as cinco unicas notas de vinte mil reis que o homem da casa de jogo affiança ter trocado quasi a seguir, pertenciam-lhe. Tres testemunhas affirmam isso. Vamos, peço-lhe que me responda claramente e não se perturbe: as notas pertencem-lhe? Está d'accordo?

— Pertencem, respondeu elle resignado, sem coragem para negar.

— Tem mais em sua casa?

— Tenho. Mas juro que estou inno-

cente, e no entanto, não posso dizer d'onde provieram.

— É forçoso que o diga.

— Não quero ! bradou José Mendes muito exaltado. Não quero, eu não sou espião da policia !

— Prefere então ser suspeito como cúmplice dos falsificadores ? atalhou friamente o commissario.

— Peço ainda a vossa excellencia para o interromper, disse Rodrigo de Menezes ao commissario. Essas notas podem ter diversas origens e realmente este homem, lembrando-se que vae fazer denuncia de innocentes, hesitar e não se prestar a desempenhar um papel esquesito. Ou mesmo não se lembrar.

— Teem só uma origem, disse o commissario, tirando-as d'uma carteira e mostrando-as a Rodrigo. Veja a numeração seguida.

— Vamos, meus senhores, observou o acabrunhado velho, o que desejam de mim ?

— Que nos diga que importancia perfazem as notas que o senhor tem.

— Apenas tenho cem mil reis.

— Em notas falsas? perguntou o commissario.

O ferreiro ficou algum tempo sem responder; depois, como acordando d'uma profunda meditação, exclamou:

— É impossivel que estas notas sejam falsas! os senhores estão por força enganados! . . . Mas eu mesmo as irei buscar, se me consentem . . . Querem acompanhar-me? perguntou elle.

— Eu o acompanho, disse o commissario.

O velho subiu as escadas, entrou em casa, pediu a uma das filhas a chave da arca onde tinha o dinheiro, e, abrindo-a, tirou as notas.

— Eil-as, disse elle, entregando-as.

O commissario examinou-as. Uma alegria sinistra illuminou-lhe o olhar; o seu rosto como que se aureolava.

— São as mesmas, não resta a minima duvida . . . Vamos, disse elle ao ferreiro, venha á loja.

José Mendes seguiu-o.

O commissario mostrou as notas a Ro-

drigo. A numeração era quasi seguida; mas pondo uma d'ellas ao pé das verdadeiras, havia differença pela escuridão do papel e pela execução dos relevos, muito mais salientes nas falsas.

— Não se lembra como estas notas lhe vieram parar ás mãos? perguntou o commissario.

— Não posso dizel-o.

— Vejo-me forçado a cumprir o meu dever, disse o commissario, olhando hypocritamente para Rodrigo de Menezes.

— Prende-me? perguntou o ferreiro com um movimento de desdem. Por que eu não quero ser um denunciante!

— Não é isso. Preciso averiguar de quem provieram as notas. É facto positivo que o senhor possue algumas das falsas, que já se começam a espalhar por Lisboa com certa profusão: A policia tem o de verde investigar tudo. Ainda uma vez: está disposto a falar?

— Não posso, já disse que não posso! bradou José Mendes n'um movimento de desespero.

— Peço-lhe então que me acompanhe.

— Estou preso ?

O commissario fez com a cabeça um gesto affirmativo.

— Posso acompanhá-lo ? perguntou Rodrigo ao commissario.

— Se vossa excellencia quer . . .

— Não, snr. Rodrigo, atalhou o ferreiro ; peço-lhe a fineza de consolar as minhas filhas . . . Eu não subo lá a cima a despedir-me d'ellas para evitar scenas e choros. Tanto mais que em pouco tempo estarei livre.

— Nem pôde deixar de ser isso, accrescentou Rodrigo de Menezes. A tua innocencia ha-de reconhecer-se depressa.

O commissario, despediu os que o acompanhavam, excepto um, que fez subir para a almofada do trem que os tinha trazido, entrou para dentro da carruagem com o ferreiro, e mandou rodar.

Rodrigo de Menezes fechou a loja, subiu a casa do ferreiro, fez sentar as duas raparigas e disse :

— Trago-lhes a noticia d'um pequeno dissabor — mas é forçoso terem animo. O

pae acaba de ser preso por lhe serem encontrados cem mil reis em notas falsas.

— Era o dinheiro que me deu a madrinha! exclamou Bertha.

— O quê! disse Rodrigo, erguendo-se com impeto. Essas notas deu-t'as a tua madrinha, a condessa de Refoyos?

— Sim, senhor.

Rodrigo passeava agitadaamente pela casa, entregue aos seus pensamentos tumultuarios. Carlota e Bertha choravam em silencio. Apenas quando os soluços começaram a embargar-lhes a garganta, affogavam as lagrimas nos lenços.

— Não chorem, para que serve isso? perguntou elle em tom nervoso e irritado... O vosso pae nada soffre; — a sua innocencia vae ser reconhecida em pouco. Se tivesse querido dizer a proveniencia das notas, nem sequer era incommodado. Foram os seus escrupulos que forçaram o commissario a leval-o.

— O pae andava sempre a dizer que nos havia de arranjar um dote, e que não desejava morrer sem o conseguir. Sonhava com

dinheiro, estava sempre a fazer contas e cálculos.

— Era por causa do jogo ! O vosso pae jogava — e foi o dinheiro que hontem perdeu n'uma casa de jogo que fez descobrir as notas falsas.

— E agora o que ha-de ser de nós ? perguntou a afflicta Carlota.

— Eu já lhes digo o que ha-de ser... Vistam-se... Tu, Carlôta, ficas em minha casa, enquanto eu vou acompanhar tua irmã a casa da madrinha. Vão-se vestir. É impossivel que a condessa deixe ficar preso vosso pae, em sabendo o que se passou.

Bertha e Carlota apromptaram-se. Quando se acharam na rua, ambas olharam saudosamente para essa casita, com a alma trespassada de dôr e incerteza. A prisão do pae, a possibilidade de Rodrigo lhes ter occultado alguma noticia desagradavel ou de enganar-as, para não entristecel-as mais, tudo lhes perpassou pelo espirito. Iam mortalmente tristes. Elle caminhava tambem, silencioso e cabisbaixo. Os pensamentos

agoirentos sacudiam-n'o. Chegaram ao largo de Santa Clara.

A creada de Rodrigo de Menezes, ao vel-as entrar, exclamou :

— Ó pequenas que demo teem vocês ? Estão carrancudas como um conego ! O que succedeu ?

— O pae foi preso, disse Carlota.

Ambas se lançaram ao pescoço da velha, debulhadas em lagrimas.

Ella dirigiu-lhes palavras de consolação e de esperança. Rodrigo de Menezes esperou que Bertha estivesse mais resignada e disse :

— Anda, vamos a casa da madrinha.

Entraram n'um trem e seguiram até ao largo de Santa Martha, onde o conde e a condessa de Refoyos habitavam.

O predio em que moravam os condes de Refoyos era um vasto palacete, rodeado d'uma quinta.

A condessa de Refoyos era descendente da nobilissima familia de Traz-os-Montes, os Menezes de Vasconcellos.

Em 1830 o morgado da casa chamava-se

Rodrigo de Menezes e Vasconcellos, sujeito desequilibrado, a quem os irmãos consentiram que espatifasse grande parte da fortuna e morresse sem descendencia, deixando empenhados todos os vinculos. Succedeu-lhe o irmão immediato, que, á custa de grandes sacrificios, conseguiu salvar uma parte da fortuna dos Menezes — e morreu em 1850, deixando a filha casada com o conde de Refoyos. Este conde, aparentado com as primeiras casas nobres do reino, provinha do ramo bastardo dos Sampaio, de mui remota origem. O pae fôra nobilitado por D. João vi e, quando morreu, legou ao filho o titulo e algumas propriedades, livres de hypothecas. A agitada mocidade do conde de Refoyos conseguiu em pouco tempo comprometter os bens, que, administrados pessimamente, apenas lhe chegavam para viver com uma decencia, que, para o prodigo e cavalheiroso fidalgo, era quasi miseria. A administração da condessa, posto que não deixasse diminuir os rendimentos, não conseguira tambem augmental-os. Esta mulher tinha o typo nobre e gentil da fidalga de provincia.

Caritativa sem ser prodiga, resignada, mas incapaz de consentir em ser escrava do marido, conseguira que este tivesse por ella um religioso respeito. Do pae herdára os dotes de economica administradora; do marido acceitára algumas lições dadas ao seu orgulho de fidalga intransigente, consentindo em manter as relações que elle lhe impoz. A condessa porém preferia sempre os antigos conhecidos e parentes da sua familia. Seu irmão, Rodrigo de Menezes, fôra quem a convidou para ser a madrinha e protectora da filha mais velha do ferreiro.

Rodrigo entrou no palacete de Santa Martha. A condessa appareceu. Contaria então quarenta e cinco annos; sem ser formosa, tinha uma expressão de doçura e bondade pintada no rosto, d'uma pallidez amarella, a que apenas uns olhos negros e vivos davam fulgor. Era alta e magra, — de magestoso porte. Bertha beijou-lhe a mão muito commovida, e ella apertou-a ao seio, depois de perguntar-lhe:

— Vens passar uns dias comigo?... Pois sê bem vinda. Já tinha saudades tuas e

hoje ou ámanhã tencionava mandar-te chamar.

— Bertha vem com effeito passar aqui uns dias disse o irmão... Eu trouxe-a, e aproveitei a occasião porque preciso falar-te... Bertha, deixa-me conversar um pouco com a madrinha, que depois te chamo.

Bertha retirou-se. Elle, ao ficar só com a condessa, disse vagarosamente, como medindo as palavras:

— O pae de Bertha acaba de ser preso porque se recusou a revelar a proveniencia d'umas notas falsas, que lhe foram encontradas. Essas notas eram o dinheiro que tu deste a Bertha...

— O quê?! bradou a condessa apavorada. Que me dizes?

— Não percas a coragem, disse friamente... Vê se podes lembrar-te da proveniencia d'ellas?

— Estavam n'um dinheiro que eu tenho aqui na gaveta d'esta secretária, disse ella, indicando o movel e abrindo-o... Olha, vê-as, acrescentou a condessa, passando as notas das suas mãos convulsas para as do irmão.

Este examinou-as. A numeração era quasi seguida, como nas que vira.

— São todas falsas, disse Rodrigo.

— Ó meu Deus! meu Deus! exclamava a afflicta mulher... É forçoso fazel-as desaparecer, queimal-as, já, o mais depressa possível.

— É muito tarde para isso. Antes de tudo, és obrigada a fazer soltar o innocente que está preso, porque te foi dedicado e fiel. Hesitas?

— Não, balbuciou ella... mas se o solto, tenho de confessar que as notas pertencem a meu marido.

— E desconfias d'elle? perguntou Rodrigo, abaixando muito o tom da voz.

— Não desconfio... tenho a certeza! disse a condessa ao ouvido do irmão, com a voz quasi embargada pelas lagrimas que lhe tombavam pelas faces.

E ajuntou:

— Quasi todo o dinheiro que aqui tenho está em notas d'essas. Meu marido para tudo m'as dá, mesmo para pagar contas insignificantes...

— Que descuido e que insania! exclamou o aterrado homem. Então quer dizer que as notas já estão muito espalhadas?

— Eu tenho pago com ellas immensas contas, confessou a condessa.

— Vamos, é preciso tomar uma resolução energica; és obrigada a fazer soltar o ferreiro. Estás por isto?

— Estou! bradou ella.

— Agora pensemos no meio de salvar o conde, se fôr elle.

— Só temos a fuga! exclamou a aterrada mulher.

— Não podes fugir... é muito tarde... Mas permite-me ainda outra vez uma importuna pergunta: tens a firme certeza de que o conde é o verdadeiro culpado, ou apenas um cúmplice?

— Tenho a certeza que é o maior culpado, disse ella: agora percebo os conciliabulos, as reuniões, o encher-me a casa de desconhecidos e de estrangeiros! Eram os seus cúmplices! Vê, vê a minha desgraça e a minha miseria! Aqui está para que meu pae me deu o titulo de condessa! Para ficar com

o labeu de mulher d'um falsificador! E a minha filha!

— Não tens razão com essas desesperadas exclamações... Encara estas provas com mais coragem. Tenta um derradeiro esforço para o salvar.

— Como?

— O commissario que prendeu o ferreiro é teu primo.

— Moraes e Souza é primo de meu marido.

— Tanto melhor: . . Chama-o, talvez elle consinta em auxiliar a fuga do primo e do amigo, ou até encobrir o escandalo.

— Talvez, disse a irresoluta condessa. Mas preciso falar com o conde.

— De certo. Trata isso depressa — e faz um bilhete para o commissario, que eu vou pessoalmente entregar-lh'o — e faço que elle venha no meu trem. Entretanto, manda chamar o conde e conta-lhe tudo.

A condessa, agitada e lagrimejante, traçou nervosamente as linhas do bilhete — e entregou-o a Rodrigo de Menezes. Quando se despediram, elle apertou-a ao seio com a

commoção de pae. Tinha mais quinze annos do que ella, e sempre fôra para a condessa um irmão cheio de carinhos paternaes.

Duas horas depois voltou com o commissario. Moraes e Souza era um homem gordo, de estatura mediana, de olhos pequenos, a cara atoucinhada, tomada por uma rala barba negra, salpicada aqui e ali d'alguns cabellos brancos. Contava quarenta e seis annos e, nos dez que servira na policia, alcançara fama de empregado rigoroso, activo e de poucos escrupulos.

A condessa contou-lhe como entregára as notas á filha do ferreiro; elle escreveu ali mesmo a ordem de soltura, visto que ainda não tinha mandado o preso para juizo, e nem sequer tivera tempo de interrogal-o. Rodrigo saiu, levando a ordem.

A condessa expandiu-se com o amigo de seu marido, pediu-lhe rasteiramente que o salvasse da deshonra, que consentisse em deixal-o fugir. Elle socegou-a — e prometeu-lhe fazer o mais que pudesse.

— A prima esteja descansada; eu vou falar-lhe.

A condessa chamou um criado e, como este respondesse que o conde já se achava em casa, ella mandou pedir-lhe para vir áquelle gabinete.

O conde de Refoyos era um sujeito alto e trigueiro, de olhos sombrios, de rosto comprido, que attenuava por habito a tristeza e a carranca da phisionomia com um forçado sorriso. Apenas entrou e viu o commissario, cumprimentou-o affavelmente, lançou um olhar interrogador á esposa que, sem fazer um unico gesto, saiu da sala. Ella, em vista da promessa do commissario, entendeu que era inutil qualquer explicação com o conde.

Moraes e Souza deu á cara uma expressão d'afflicto e exclamou, estendendo os braços para o conde e apertando-o ao peito.

— Meu querido primo, venho para o salvar do precipicio em que está prestes a cair... Sabe que o accusam de ter feito notas falsas?

— A mim? bradou o conde com um terror que equivalia a uma confissão. — Mas eu estou innocente!

— As provas são esmagadoras!

— Ha algumas provas? fale, fale! por Deus lhe peço.

— Ha — e tremendas. O ferreiro José Mendes, que é o pae da afilhada de sua senhora, passou umas notas falsas que a condessa, ignorando tudo, entregára á filha do ferreiro...

— E esse homem disse d'onde ellas vieram?

— Não o quiz confessar, e por isso foi preso... Em vista porem das declarações da condessa, vi-me forçado a soltal-o.

— Minha mulher fez declarações? perguntou o aterrado homem.

— Disse a verdade.

— Denunciou-me! Denunciado por minha mulher! exclamava elle, esbracejando, pondo as mãos na cabeça, agarrando os cabellos n'uma attitude desesperante.

— Fale mais baixo, primo, disse Moraes e Souza, socegando-o. Ninguem o denunciou; a snr.^a condessa apenas me revelou a innocencia do homem que eu prendera. Não perca a serenidade, meu amigo; creia

que eu estou aqui com a firme intenção de o salvar.

— Estou innocente, juro-lhe ! exclamou ainda o conde com um certo mau humor.

— N'esse caso nada tenho aqui que fazer, observou o manhoso commissario. Dê-me o primo as suas ordens . . .

— Não me deixe ! exclamou o conde, tomando-o pelo braço.

— Quer confessar-me tudo ? Mas olhe bem : ha de me dizer tudo ! Se omitte qualquer detalhe, pôde vir a ser descoberto e faz com que eu me arrependa de o ter salvo.

O conde, animado por tão convincentes palavras, fez com sinceridade e inconsciencia a narração seguinte :

— O primo sabe que eu luctava com grandes difficuldades de dinheiro. Estava como que afogado, sem meio algum de me livrar de compromissos, de levantar cabeça, de desempenhar na sociedade um papel que se coadônasse com o meu titulo e a minha origem. N'estas circumstancias desesperadas, travei conhecimento com um italiano que, sabedor das minhas angustias, me propoz

um internal plano. Elle responsabilisava-se pelo fabrico da machina e dosapparelhos indispensaveis para se fazerem as notas; eu dava o capital e cedia a quinta onde as machinas haviam de ser installadas. Prestei-me a tudo e obtive resultados. . .

— Bem tristes! commentou o outro com hypocrisia.

Moraes e Souza ficou algum tempo silencioso. Passeava agitadamente pela sala. Até que, parando, fixou o conde e disse-lhe:

— Sabe que posso perder-me, tentando salvar-o.

— Sei o risco que corre — mas faço-lhe a justiça de suppor que o meu amigo não hesita n'isso.

— Hesito muito! As notas estão já espalhadas — e em se revelando tudo, são muitas as testemunhas que o acusarão. . . Mas hei-de salvar-o, creia! exclamou elle, vendo o desanimo do conde. O que preciso é que o primo me jure que seguirá á risca todos os meus conselhos.

— Juro! proferiu elle com força.

— Muito bem . . . O seu cúmplice acha-se em Lisboa?

— Não, partiu ha dois dias para Hespanha.

— O primo não sae de casa até se acabar de resolver toda esta embrulhada questão. Eu vou tentar abafar o escandalo e, se o conseguir, melhor será. Mas se fôr impossivel, se os rumores da falsificação se espalharem pela capital, deixe tudo entregue ao meu cuidado. Confie em mim. Mas sobretudo não tente fugir — isso para o publico era a prova mais evidente de que estava culpado.

Moraes e Souza retirou-se. Ao chegar ao governo civil, redigiu uma nota para os jornaes, concebida n'estes termos:

« O zeloso commissario de policia Moraes e Souza anda na pista d'um famoso crime, que dará muito que falar, não só pelas circumstancias sensacionaes que o revestem, mas tambem pela elevada posição que desempenha na nossa primeira sociedade um dos principaes criminosos. Este, graças á energia do digno funcionario e a um interrogatorio cerrado a que o snr. Moraes e

Souza o sujeitou, fez quasi confissão completa. Como se trata d'uma falsificação de notas, a policia, com o justo pretexto d'evitar o panico, conserva-se ainda muito reservada nas informações que tem a communicar á imprensa. »

Depois enviou n'um trem dois policias e um chefe, levando a ordem de prisão do conde de Refoyos. Quando estes entraram no palacio de Santa Martha e foram introduzidos á presença do conde, este ficou aterrado. Tinha no rosto uma pallidez cadaverica. Abraçou a mulher e a filha, entrou na carruagem e seguiu para o governo civil e, d'ahi para o Limoeiro, depois d'um interrogatorio a que o sujeitou um collega de Moraes e Souza, visto que este se escapulira a interrogar o homem que tinha enganado tão vergonhosamente. O infame procedimento de Moraes e Souza assombrou o conde, a condessa e Rodrigo de Menezes.

Os jornaes começaram a falar do escandalo, publicando noticias cheias d'insinuações. Por fim mencionaram com todas as letras o nome do conde de Refoyos.

O Banco de Portugal convinha-lhe afogar o processo, para não prejudicar o seu credito e evitar as corridas dos cautelosos para lhe retirar os depositos. Rodrigues Sampaio, então ministro do reino, e grande amigo de Rodrigo de Menezes, prometeu a este fazer todo o possivel para que o processo fosse abafado. Os proprios directores do banco intercederam afim de que a acção criminal não seguisse, compromettendo-se a recolher e a inutilisar as notas falsas que apparecessem.

Os jornaes deram desmentidos dubios ás noticias que tinham publicado. O juiz, a quem o processo estava entregue, recebeu uma surda indignação e pronunciou o conde de Refoyos, arbitrando-lhe a fiança n'uma quantia enorme, trezentos contos. O conde appealou para a Relação do despacho de pronuncia; e o respeitavel tribunal, soffrivelmente comprado, mandou annullar o processo por falta de provas. O conde via-se absolvido, mas condemnado na opinião de quasi todos, e sem o grande desplante que subjuga os desprezos. Tomou a serio o seu papel de condemnado moralmente n'um meio em que, a

julgarem-se criminosos todos os falsarios, elle que apenas fizera notas d'um banco que vivia de credito ficticio, seria dos menos culpados.

V

O ferreiro, depois de solto, caíu nos braços de Rodrigo de Menezes, que immediatamente o levou para casa. Eram duas horas d'uma tarde resplendente de inverno.

O ferreiro accendeu a fornalha — e começou a trabalhar pertinazmente, como querendo esmagar pelo trabalho os pensamentos que lhe revolteavam no espirito. Rodrigo, que durante o trajecto procurára distraír José Mendes, vendo-o entretido, disse-lhe com suavidade :

— Nunca mais pensáste no pedido que te fiz de manhã ?

— A respeito de Bertha ? perguntou elle.

— Sim.

— Pensei — e mantenho o que disse. Já lhe contou o que se passou ?

— Não... Bem vês que não tive tempo...

— Pois se é meu amigo, peço-lhe que não insista n'isto; deve compreender a teima e a ambição d'um pae.

— Valha-te Deus! Mas não falemos agora n'isso. Olha, vem jantar a minha casa com as tuas filhas. Vêl-as e tral-as depois.

— Não, disse o ferreiro, preciso entreter-me um pouco aqui na forja; logo á noite as vou buscar.

— Faz o que quizeres. Adeus, até logo.

— Até logo, respondeu o ferreiro.

Bertha, quando o padrinho lhe contou a recusa do pae ao pedido de Fernando, respondeu que, embora esperasse essa recusa, suppunha que as razões e a insistencia o demoveriam. Rodrigo de Menezes pediu-lhe que se resignasse.

O ferreiro falou a Bertha com certa arrogancia e manteve energicamente a sua idéa de a casar rica.

— Faça isso a minha irmã — mas deixe-me a liberdade do coração ! exclamou ella

n'um desespero, que lhe justificava o desabrimento.

— Ingrata! exclamou o ferreiro com rancor. Recolhe ao teu quarto, desaparece-me da vista! proferiu elle encolerizado, gesticulando abundantemente.

Bertha obedeceu-lhe.

Quando Carlota o veio procurar, assustada pelos gritos do velho, o pae caíu-lhe nos braços, dizendo:

— Só tu me restas, minha filha! minha unica filha!

Foi um dia angustioso n'aquella casa. Bertha, como os olhos já não tivessem lagrimas, mirrava-se n'um desespero e n'um silencio aterrador. José Mendes fincára na meza os cotovellos e, as mãos agarradas á cabeça, não proferiu mais palavra.

Carlota contemplava-o, e o coração e a alma cerravam-se-lhe de tristeza.

Fernando Ribeiro, para esquecer a grande magua que a recusa do pae de Bertha lhe causára, lançou-se mais activamente no estudo e na propaganda. Fez uma conferencia

na *Associação Operaria* sobre *Os Preconceitos da classe burgueza*.

Mas tão extraordinarios e sangrentos improperios proferiu que os jornaes, em côro, pediram a intervenção da autoridade, para nunca mais ser permittido pronunciar diante d'operarios palavras tão incongruentes e demagogicas.

O *Correio de Lisboa* pediu para o audacioso revolucionario a prisão; outro jornal, o órgão do ministro da justiça, annunciou em resposta aos periodicos « que o exaltado e criminoso communista Fernando Ribeiro ia ser deferido aos tribunaes por insultos aos funcionarios e aos poderes constituidos. »

Fernando Ribeiro depois publicou em brochura essa conferencia, não lhe alterando uma palavra. N'ella havia uma stygmatisante referencia ao commissario Moraes e Souza por se ter servido da amisade d'um homem, para hypocritamente arrancar-lhe um segredo e prendel-o depois, vindo confessar em publico que o reu, n'um momento de desespero, tudo revelára. O caso andava já na voz do povo e elle apenas se fizera o echo

d'essa voz. A certeza de tal infamia deu-lh'a Rodrigo de Menezes que, como testemunha e intermediario entre o commissario e a condessa, quando soube do procedimento de Moraes e Souza, não poudé calar a indignação, e n'um d'estes momentos, contou tudo a Fernando. Este sentiu a colera rancorosa dos ingenuos e, aproveitando a occasião de condemnar em publico a infamia, fel-o em termos energicos e eloquentes, a ponto que o governo viu-se na necessidade de o mandar perseguir. Foi-lhe intimada a ordem de prisão e compareceu no governo civil; achou-se cara a cara com Moraes e Souza. Este, ficando só com o preso, disse-lhe com uma ironia feroz :

— Eil-o diante do « infame miseravel, » do « repellente denunciante, » do « objecto viscoso » ; — são estas as amaveis classificações com que o senhor houve por bem illustrar-me, não é exacto ?

— São exactas, disse com serenidade Fernando.

— Ó quê ? que observação tem a fazer ?

perguntou o outro, erguendo a voz, e dando ás palavras uma entonação colerica.

— Digo que são exactas as palavras que o senhor citou da minha conferencia, e que ellas exprimem admiravelmente o meu pensamento e as minhas convicções, respondeu Fernando energicamente.

— Cantigas! exclamou Moraes e Souza com cynismo. . . Previno-o de que não estou para discursos. . . Está resolvido a responder ao interrogatorio?

— Nada tenho que responder. Reservome para no tribunal defender-me do que me accusarem.

— Não responde? bradou n'uma colera convulsa o commissario, dando um enorme murro na carteira. . . E se eu o obrigar? . .

— A sua indignação é desnecessaria, atalhou Fernando com mansidão. Ninguem me fará demover do meu proposito.

— Talvez mais tarde se arrependa.

Tocou uma campainha e aos dois guardas que appareceram, mandou-lhes recolher o preso a um dos quartos do governo civil.

Fernando escreveu aos amigos; depois

pousou a cabeça no travesseiro da enxerga e dormiu tranquillamente.

No dia seguinte mandáram-n'o para juizo; como não fosse possível envial-o para o Limoeiro, sem lhe arbitrar fiança, Fernando foi afiançado por Rodrigo de Menezes. Fernando perguntou-lhe por Bertha; este disse-lhe, medindo as palavras :

— Ouve-me. Empreguei todos os meios para vencer a obstinada resistencia de José Mendes; não o consegui: aconselho portanto a que não te embales com uma esperança illusoria. O pae não te dá a filha. E tu, com a vida arriscada e perigosa em que te metteste, deves fazer todo o possível por esquecel-a...

— Não posso! disse Fernando com força... Nunca amei. Mas a minha alma toda se abria n'uma ancia e n'um amplexo de desejo de amar, de sentir o sentimento que tanto nos perturba. Vi Bertha — e no meu coração accendeu-se a chama d'um amor que não posso destruir. Ah! Quem tem um certo canção da vida é bem cruel para os que a começam a supportar, exigindo-lhes

que calquem todos os sentimentos, que não levantem o espirito do tremedal dos ruins calculos e das ambições mesquinhas. Não posso esquecel-a!

— Falas como um inexperiente: outros mais desesperados do que tu esqueceram — e viveram. Sei que tens soffrido, que soffres. Agora que te livreis d'ires para o Limoeiro...

— Está enganado, atalhou bruscamente Fernando. Eu não considerava vexame algum recolher á cadeia. Só as acções infamantes deshonram e, preso, estava-o porque tinha propagado idéas que entráram no meu espirito e hoje constituem as minhas convicções.

— Tambem te quero falar a proposito d'isso... Conheço que és convicto, que acreditas sinceramente n'essas idéas que propagas. Mas eu dizia que tu com o teu genio irrequieto, difficilmente conseguirás vencer a obstinação do pae de Bertha. Esquece-a — é o segredo de seres feliz — e de deixares que ella o seja.

— Se para Bertha ser feliz, é forçoso que eu a não ame, sei o que me resta a fazer.

— Que funebre doido! exclamou Ro-

drigo, encolhendo os hombros, n'um gesto d'impaciencia. Bem... não te falo n'isto, já que não podes responder-me com a precisa frieza. Não pensas no teu julgamento? Que attitude vaes tomar?

— Responderei a tudo que me perguntarem.

— Com humildade?

— Nem com humildade, nem com soberba.

— Falarei ao juiz para que te proteja.

— Se tem por mim alguma estima, peço-lhe que o não faça. Eu espero que, entre os magistrados, não haverá um homem sufficientemente infame para me condemnar.

— Ha infames em todas as classes.

— Se os ha melhor para mim, — victima d'um infame, mais depressa a minha innocencia será apregoada.

— Tu és um maluco espantoso! exclamou Rodrigo. Com essa theoria, o juiz manda-te uns mezes para o Limoeiro, e tu, suppões-te rehabilitado porque foste condemnado por um homem sem escrupulos.

— Eu bem sei isso tudo! disse Fernando

sorrindo . . . Sei que hei-de ser condemnado e não me perturbo.

— Mas porque não tentas evitar essa condemnação, podendo ?

— Não, não posso.

A Fernando repugnava-lhe qualquer intercessão que tivesse por fim pedir para elle a indulgencia do juiz. Rodrigo não comprehendia esta esquesita intransigencia. Mas não ateimou.

Elle continuava a vêr Bertha, a horas adiantadas da noite, quando o ferreiro jazia sepultado no somno e de nada suspeitava. José Mendes, como visse a filha menos soturna, suppoz que ella nunca mais pensára no rapaz. Uma noite Bertha disse a Fernando:

— Hontem foi jantar a casa da madrinha o conselheiro Pedro d'Azevedo, o juiz que te ha-de julgar . . . eu pedi á condessa que intercedesse junto do juiz para que te faça justiça. Elle admirou-se que eu fosse tua noiva, eu a afilhada da condessa de Refofos, a promettida « d'um demagogo como tu ! » foram as suas expressões, acrescentou Bertha sorrindo. Mas este sorriso transfor-

mou-se em serio espanto, ao ver o rosto car-rancudo de Fernando, que lhe disse:

— Fizeste mal, Bertha. Quem te mandou a ti, mulher, protegeres um homem que nada te pediu... Queres fazer-me cair no ridiculo; queres tornar-me insignificante aos meus proprios olhos. Bonito quadro para a alma do devasso juiz! ajuntou Fernando n'um frouxo d'amarguroso e ironico riso. Bertha — a donzella apaixonada — protegendo com a sua formosura o perseguido noivo! Quadro enternecedor para o juiz libertino, que julgará que o pateta merece a mesma piedade como noivo e como revolucionario!

— Que despropositos! exclamou Bertha, ferida pelas palavras de Fernando e por aquella colera que nunca lhe conhecera. Desculpa-me, se andei mal, mas se fiz esse pedido, foi para me livrar das afflicções de te saber preso.

— Afflicções, afflicções! Que importa seis mezes ou um anno de prisão! Prefiro isso a ser absolvido; e já que me obrigas a dizer-t'o: tambem Rodrigo de Menezes por

mim quiz enterceder, mas apenas soube que eu não desejava intercessão nenhuma a meu favor, nunca mais pensou em tal. Hei-de ser por força condemnado, e quero sel-o!

— Jesus! exclamou Bertha, mostrando-se afflicta. Mas não vês que isso é ainda affastares-te mais de mim; que meu pae, se agora não consente no nosso casamento, depois ainda menos consentirá?

— Não creio que teu pae tenha a alma tão estreita para me julgar infamado com uma condemnação, que será uma suprema honra. Elle julga que eu te não mereço; está obstinado n'esta convicção, e nada lh'a pôde augmentar ou diminuir. Já vês que te enganas!

— Com que crueza me falas! exclamou Bertha, offendida pela secura das palavras de Fernando.

— Maguaste-me muito, Bertha, e quando o meu coração transborda d'amargura, e a minha alma está ainda ferida, não posso falar-te n'um tom enternecido e mentiroso... São horas de te recolheres. Adeus, até ámanhã.

Bertha cerrou a janella. O seu rosto expressava despeito e surpresa. Afinal, suppunha que o casamento a livraria de aturar o pae e a irmã. Porque não propoz a Fernando fugir com ella? — Ora! pensou, elle é pobre e eu passo d'uma vida má para outra peor.

Fernando, encarando mais friamente o procedimento de Bertha, teve remorsos do que lhe dissera.

Dias depois, Bertha, tendo saído a fazer umas compras, encontrou-se com Pedro d'Azevedo, que a festejou muito e lhe disse n'um tom angustioso e hypocrita:

— Parece-me inevitavel a condemnação do seu noivo.

— Por que, senhor conselheiro?

— As palavras que elle proferiu constituem uma grave offensa ao principio da autoridade.

— Oh, mas se V. Ex.^a quizesse protegia-o, livrava-o! exclamava ella com o rosto illuminado por um olhar angustioso, que entrou deveras no coração do juiz...

— Não é tanto assim, Bertha, acrescentou elle. Eu tenciono fazer tudo quanto pu-

der, mas gostava de contar com a sua gratidão.

— Ficar-lhe-hei eternamente grata !

— Creio, creio, mas olhe, por ora nada posso prometter de certeza. Appareça no meu gabinete; lá conversaremos.

O juiz despediu-se, lançando sobre a rapariga uns olhos d'apaixonado e enternecido. O começo da sua senilidade dava-lhe impetos de frescor e robustecimento diante d'essa bella e forte mulher, que elle, nos seus requintes de velho libertino, sonhava depravar e perder.

Bertha certo dia, procurou o juiz no seu gabinete da Boa-Hora.

Pedro d'Azevedo era um sujeito ainda fresco, de mais de sessenta annos. O seu corpo magro e desengonçado, a sua cara de satyro, a sua comprida cabeça, revelavam a qualquer um d'estes homens inconscientes e máos, sem vergonha e sem pudor, que conseguira abandalhar o cargo de que estava investido. Chamavam-lhe o «juiz das marafonas e dos fadistas» — e com razão — porque tinha o raro segredo de dirigir-lhes os inter-

rogatorios e entender-se admiravelmente com elles.

Quando Bertha appareceu no corredor e perguntou se podia falar ao conselheiro Pedro d'Azevedo, o continuo piscou o olho para um beleguim, e, tendo prevenido o juiz, introduziu-a no gabinete.

— Isto é gado novo, observou o continuo para o beleguim, philosopho que sorvia desdenhosamente uma pitada.

— Pareceu-me acanhada, a pequena ! observou o segundo.

— Ella é bastante galante.

Proseguiram na conversa, contando e relembrando casos picarescos succedidos com Pedro d'Azevedo. Este, apenas viu entrar Bertha, teve uma alegre exclamação de surpresa ; fel-a sentar, e, muito risonho, chegando a cadeira para proximo da rapariga, disse-lhe com familiaridade :

— Então sempre vem ao que penso ?

— Venho, senhor conselheiro, porque depois que v. ex.^a me assustou tanto, não descancei . . . Desejava saber se ha alguma novidade ? Não imagina, como eu gostava

que Fernando fosse absolvido! mas por modo nenhum quero que elle suspeite que alguém intercedeu por elle junto do snr. juiz. Não m'o perdoaria. Diga-me, pôde livral-o da prisão? perguntou ella, lançando-lhe um olhar supplicante.

Elle fixou-a com um mysterioso sorriso, e respondeu-lhe:

— Vou falar-lhe com franqueza, Bertha: como juiz, poderei absolver-o, como homem não o posso fazer... Quer que lhe explique o motivo porque não posso absolver o seu noivo? Quer, Bertha? Pois bem! É porque o odeio! Adivinhava-lhe esse espanto e essa admiração quando lhe revelasse esta tremenda verdade... mas espero que Bertha me compreenderá...

— Cada vez o compreendo menos, atalhou a intrigada mulher.

— Vou explicar-me... Odeio-o, sim, odeio-o, porque a amo! exclamou o juiz, segurando as mãos de Bertha, que, aterrada pelo que acabava de ouvir, recuára instinctivamente a cadeira... Amo-a, sim! É muito que eu ame Bertha que é seductora e formo-

sa, e, que, devorado pelo ciúme e pela paixão, não possa perdoar ao homem que lhe merece tanto zelo e interesse? Pois é verdade! Invejo a felicidade d'esse homem, que é amado, eu que a amo e a quem Bertha pode também dar a esmola d'um pouco d'amor, d'uma pouca d'amisade, d'alguma ternura... Bem vê que pouco peço. Não me responde? interrogou Pedro d'Azevedo, avançando para ella, de braços abertos, de feições transtornadas e olhos fuzilantes. Faz-me feliz, que eu em paga darei a liberdade ao teu noivo e enriquecer-te-hei! Bertha! Fala, fala! gritou elle á interdicta que, absorvida n'um pasmo de empedrenida, nem sequer evitára que se approximasse d'ella e a cobrisse de beijos, cujo calor foi como um fogo de peçonha que lhe envenenou o sangue das faces, que ella limpou, n'uma colera e n'um frenesim d'agitada.

Erguera-se convulsa.

— Não se approxime! Se dá mais um passo, eu grito! exclamou Bertha n'um gesto solemne e theatral.

— Fala baixo! gritou o assustado juiz.

— Não quero! proferiu ella com energia,

baixando no entanto a voz. Queria-me comprar, queria comprar a liberdade do meu noivo? Eu, a promettida de Fernando, eu amante d'um velho devasso como você! Arreda, canalha! para traz! se me sujaste com a tua peçonhenta baba, foi porque estava apavorada com a revelação do teu infame plano!

— Se não se modera, mando-a pôr no meio da rua, mulher, atalhou o magistrado, severo e rancoroso, n'uma colera impossivel de conter e que as palavras duras de Bertha e os seus improperios mais augmentaram. Depois disse, abrandando tambem o tom das palavras:

— Não te quiz insultar. . . É certo que te amo, que te desejo, que me podes fazer ditoso — e eu te pagarei bem essa felicidade. . . Não o queres? Adeus! passa bem, e sê feliz! Talvez um dia te arrependas da crueldade com que me trataste.

— Vae vingar-se sobre Fernando! exclamou ella assustada. Covarde! vae condemnal-o, porque eu me não quero prostituir nem acceitar as suas infames propostas. . .

— Guarda essas phrases para o theatro, observou o juiz com um sorriso de bom humor.

— Então não ha justiça ? então esse homem, porque a sua noiva não se quiz prostituir com o devasso juiz a quem veio pedir protecção e justiça, vae ser condemnado por um ignobil devasso ? . . .

— Que reportorio de phrases de romance ! disse elle risonho, tendo como que uma certa voluptuosidade de ouvir os improprios e observar a tortura da alma d'aquella mulher. Continua, menina, continua, não sou eu que te impeço . . .

— Miseravel ! berrou ella. Julguei que alcançava a protecção d'um homem de bem e vim cair em que mãos ! continuava exclamando, n'uma abundancia de gestos desesperados e freneticos.

— Deixe-me dizer-lhe serenamente as ultimas palavras, disse o juiz, carregando o olhar e martelando no rosto uma expressão constrangida. Bertha olha as coisas um pouco á antiga — e não comprehende, ou não quer comprehender, o que eu lhe disse. Juro-

lhe que, se absolvo Fernando, vou ser alvo de perseguição da parte da imprensa e do ministerio ; mas farei esse sacrificio e arrostarei com esses odios, para obter o seu amor. Parece que não mede bem o alcance d'este sacrificio?... Já vê que o meu amor não merece os insultos que me dirigiu... Chamou-me devasso porque eu, amando-a como amo, a quero enriquecer. Não é natural que aquelles que adoram um idolo o queiram adornar ?

O juiz, um pouco orgulhoso d'esta irrespondivel imagem, encarava Bertha que pendera tristemente a cabeça.

— Pensa no que lhe disse ? perguntou o juiz com voz commovida.

— Não, não posso pensar, não me convem pensar ! exclamou Bertha n'uma crescente afflicção.

Ergueu-se, e, como o juiz a encarasse, Bertha baixou os olhos, e disse-lhe serenamente :

— Retiro-me.

— Sem me dizer uma palavra ?

— Deixe-me . . . o senhor está zombando com a minha magua . . . Adeus.

Bertha ao achar-se na rua recordou a scena de que fora victima. Os pensamentos escaldavam-lhe a cabeça : mas o fogo d'essas desesperadas idéas aguçara-lhe a razão e o raciocinio. O juiz, excitado pelo ciúme, condemnaria infallivelmente Fernando Ribeiro ao maximo da pena. Se ella revelasse a este tudo o que se passára ? era impossivel. Nem Fernando lhe perdoaria o que ella fizera, nem a sua eterna desconfiança d'amoroso a animava á revelação. Bertha, á força de coordenar os factos, foi pouco a pouco apreciando com menos repugnancia o procedimento de Pedro d'Azevedo. Elle dissera que a amava. Era possivel. Bertha, como todos lhe diziam que era formosa, não podia um instante sequer duvidar d'essa verdade. Dissera tambem que queria enriquecel-a ; da grande fortuna do juiz ouvira falar em casa da madrinha, censurando-lhe a ridicula sordidez. Perpassou-lhe então pelo espirito uma idéa de vingança : explorar com promessas o juiz até obter d'elle a absolvição de Fernando e bas-

tante dinheiro. A honestidade de Bertha não repugnou este plano. Até a lisongeou a suposição de que era capaz de realisal-o. Consolou-se. O seu olhar fuzilou n'um repente d'illuminada, e um sorriso cruel entortou-lhe os labios.

Bertha tinha por Fernando uma amizade serena e sincera, mas sem as convulsões e as ancias d'um grande amor. O seu espirito tressandava a fel, a amargura, a desconfiança, desde que fora victima d'um d'estes tristes acasos da vida que inutilisara tudo o que no seu coração e na sua alma pudesse germinar de generoso e expontaneo. Um rapaz amara-a e possuira-a, quando ella tinha dezoito annos. Alvaro d'Oliveira projectava realmente casar com Bertha, logo que pudesse aplainar as difficuldades que os paes, velhos e obstinados provincianos, oppunham ao casamento do filho com uma mulher de modesta origem e pobre. Alvaro vivia uma vida desregrada e vulgar; frequentava os touros, as tabernas e as mulheres. O amor a Bertha não o refreou. Uma noite que elle, arrotando baforadas de vinho, a cabeça escaldando-lhe um fogo de

estilhaços saía de casa de Bertha, ao descer os degraus, sentiu uma vertigem fulminante, e tombou de borco sobre as pedras da rua. Uma espuma branca saía-lhe da boca torcida, misturada com uma onda de sangue, que lhe ensopava as faces e dava a esse morto um aspecto repellente e brutal. A congestão sanguinea matara-o instantaneamente.

No dia seguinte, Bertha soube pela visinhança o succedido. Não expediu grito algum, nem manifestou o seu desespero em descompostos gestos e afflictivo pranto. Chorou, mas um choro silencioso, pelo qual se poderia avaliar toda a intensidade da incuravel ferida. O tempo diluiu esta tremenda angustia d'uma mulher que se via eternamente deshonrada, em algida tristeza. O coração empedreniu-se-lhe, o espirito invadido pelo calculo e pela frieza, em vão tentava librar-se n'um vôo afugentador e generoso. Chegou a julgar que nas suas relações com Fernando Ribeiro entrára o amor; ella mesmo tentava illudir-se, esforçando-se para o amar com uma paixão e um enthusiasmo que já não podia sentir. Mas o sentimento que a ligava

a Fernando era bastante poderoso e arreigado para que ella não pensasse sem repugnancia em entregar-se a Pedro d'Azevedo. Essa repugnancia foi pouco a pouco diminuindo, á medida que o calculo lhe elevava a imaginação aos projectos interesseiros e vingativos.

O juiz, depois que Bertha saíra do gabinete, ficou realmente pezaroso e excitado. Ha muito que o desejo o não espicaçara tanto, como quando contemplava a colera da rapariga defendendo-se, e vibrando com eloquentes palavras os seus appetites lubricos. Era um amor de endoidecer, esse tardio sentimento n'um homem que vivera gozando o gozo phisico, mas que mui poucas vezes sentira palpitar o coração e levantar-se a alma em impetos de ternura. Elle proprio se assustou da vehemencia com que a paixão o mordia.

Os jornaes annunciáram que Fernando Ribeiro seria julgado muito em breve. Era exacto.

Pedro d'Azevedo apressára o julgamento, porque se persuadira que nada obteria de Bertha. Desenganado de que ella se prestasse ao que lhe propuzera, o juiz promettera

a si mesmo levar o mais longe que pudesse a benevolencia para com Fernando, sem comtudo se comprometter. Qual não foi pois o espanto seu ao ver, em vespervas do julgamento, Bertha entrar-lhe no gabinete. Vinha pallida e agitada. Foi com uma voz convulsa e tremula que respondeu ao espanto que se desenhou no rosto do juiz:

— Venho comprar a liberdade de Fernando! disse ella, tombando n'um sofá, collocado a um canto do gabinete, e afogando no lenço a forte respiração.

— Vens vestida como uma princeza! exclamou o juiz n'uma admiração saloia.

Com effeito Bertha vestia um vestido de seda preta, que lhe fazia realçar o seu energico busto de formosissima mulher. O chapéu, um enorme feltro, todo tomado por uma pluma branca, auxiliava a vistosa *toilette*. O seu rosto, contra o costume, estava pallido; o olhar, quasi sempre limpido, tinha um brilho baço e hypnotico.

Ao ver essa mulher, ninguem n'ella reconheceria a filha do ferreiro do largo de S. Miguel, mas sim alguma *cocotte* altamente co-

tisada. O juiz percebeu todo o alcance da tentadora. Mas nem mesmo por isso se fez forte; estava vencido.

— Bertha, disse elle, tomando-a freneticamente nos braços, comprehendes emfim que te amo e te quero fazer feliz!

Beijára-a. Ella, côr de cêra, o olhar duro, parecia um cadaver na rijeza e indifferença da morte. O juiz adivinhou pelos olhos, pela pallidez, pela inercia do corpo, todo o soffrimento, toda a vergonha d'aquella mulher. Esse esforço, longe de o esmorecer, foi para elle uma depravada delicia, um gozo sobre-humano. Possuil-a com aquelle dominio, adivinhar-lhe a repugnancia que o seu contacto lhe causava, era para Pedro d'Azevedo um requinte no gozo, que lhe pagou bem o amor que por ella sentia.

Elle fixou-a, com um olhar risonho e triumphante.

— Agradeço-te a confiança que em mim tiveste, disse o juiz. E quero pagar-t'a com a maxima generosidade. Fernando — e ao proferir este nome deu á voz uma entonação

desdenhosa e colerica — será absolvido, d'isso podes estar certa. . .

Bertha não podia articular palavra. Não era a vergonha que a dominava, mas uma commoção nervosa, uma onda de pensamentos que lhe perturbavam a mente.

— Nada me dizes ? perguntou o visconde.

Ella fez um esforço enorme para proferir estas palavras :

— Nada tenho que dizer-lhe :

— Ouve-me, disse elle levantando-se e começando a passear pelo gabinete, á medida que ia falando. . . É forçoso que consintas que eu, que sou muito mais velho do que tu, te aconselhe. O meu amor não consente que eu te deseje ver compromettida ; por isso tu nunca mais me virás procurar a este gabinete. Has-de-me permittir que te alugue uma casita onde nos encontraremos.

Estes cuidados traíam realmente uma amizade que commoveu Bertha, a ponto de dizer :

— Estou por isso. Farei tudo o que me disseres.

— Bem, proseguiu o juiz. . . Eu alugo

essa casa e quando me quizeres dar a suprema alegria de me visitares, enviar-te-hei um trem. Consentes n'isto?

— Sim, mas Fernando! exclamou Bertha, como assustada pela traição, pela infamia d'aquelle amor.

— Se não fosse elle, podias ainda fazer-me mais feliz e sel-o! atalhou Pedro com aze-dume.

— Meu Deus! meu Deus! exclamou a nervosa mulher.

O juiz teve ainda palavras enternecedoras, e, foi elle proprio que a aconselhou a retirar-se, para não ser notada a visita. Bertha despediu-se e combinou que elle a preveniria da proxima entrevista.

Ao saír, um continuo que notára a rapariga, e piscára o olho ao beleguim, quando ella pela primeira vez visitou o juiz, observou:

— Hoje a conversa foi demorada. E dava á palavra «conversa» uma entonação patusca e bréjeira.

— Pudéra! exclamou o outro. Vê você como ella vinha bem arreada.

— É verdade, confirmou o continuo. Chegue-me aqui o ouvido, ó amigo Pedro... Sabe a que veio ella ? A modos que se interessa por um patusco que vae ámanhã ser julgado, um tal Fernando Ribeiro. Eu indaguei quem esta typa é: é a filha d'um ferreiro d'Alfama, aquelle que chegou a ser preso por causa das notas falsas...

— Ah! bem sei! o José Mendes?

— Esse... O pae a bater o ferro e a cançar os pulmões para a filha andar toda peralta por estes gabinetes de desmoralisação...

— Pschiiu! sibilou o beleguim, lançando em redor um olhar desconfiado... Diz voce-mecê bem, continuou elle, eu divirto-me com estas scenas, mas ás vezes chego a indignar-me!... Conte lá o mais que sabe...

— Ella vem cá por causa do tal Fernando, que por modos pensa em casar com ella...

N'este lance os dois interlocutores proferiram uma compacta gargalhada. A hilaridade do beleguim durou ainda algum tempo, a ponto das lagrimas lhe virem aos olhos.

— Como ia dizendo, a mulher quer que o nosso juiz absolva o noivo...

— O noivo! exclamou ainda o incredulo.
Hi! hi! hi!... Ó senhor Antonio! O noivo!
Qual noivo, nem meio noivo! o homem é
mas é o amigo.

— Não é, sei eu, protestou o continuo.

— Pois elle será tão parvo? interrogou
o logico beleguim.

— As mulheres, como você sabe, teem
artes do diabo para enganar os homens...
Com o bicho saias nem o demonio quer ne-
gocios, concluiu o philosopho.

— Isso assim é... Então ella vinha ver
se punha na rua o amigo?

— O noivo! ateimou com energia o con-
tinuo.

— Seja, não estou para questões. E o juiz?

— A modos que ficou embeijado por
ella...

— E porá o homem no meio da rua?

— Eu sei lá! Sempre lhe digo que a mu-
lher parece que vence e o homem vae para
a rua.

— Era o que faltava! Então o juiz ha-de
absolver um sujeito que incita o povo á pi-

lhagem, e diz que o que é meu é seu, e o que é nosso é dos outros ?

— Bem sei, bem sei . . . mas se a mulher lhe deu no gotto, elle faz o que ella pedir . . .

— Se o caso não fosse tão grave, talvez ; mas assim não, aposto que não.

— Não aposte, que pode perder . . .

— Deixal-o . . . aposto em como o homem não vae para a rua !

— E eu aposto que vae !

— Quanto ?

— Meia libra.

— Está apostado, confirmou o beleguim.

Dois toques de campainha terminaram este dialogo. O juiz mandou abrir a audiencia.

Bertha recolheu logo a casa. O abysmo onde caíra não a aterrorisou muito. Só a lembrança de que provavelmente perdera Fernando para sempre a commoveu um pouco ; e ainda assim este desgosto foi compensado, pelo orgulho que ella sentiu ao lembrar-se que lhe alcançára a absolvição.

Bertha tinha sede de dinheiro, de vicio e de liberdade.

VI

Os jornaes annunciaram que o julgamento de Fernando Ribeiro seria muito curioso, porque era difficil conjecturar que attitudo elle tomaria no tribunal. Ao abrir-se a audiencia, o publico encheu em pouco tempo a sala — um velho casarão, cujas janellas poeirentas deitavam para a rua Nova do Almada. A casa tinha um aspecto sujo e carregado; apenas as *toilettes* de mulheres, curiosas do escandalo e dos homens, pouco habituados a frequentar a Boa-Hora, davam um tom de variedade a este julgamento.

O juiz entrou pela pequena porta, subiu os degraus do pulpito, e, depois que acabou o rastejar dos bancos e as tosses, declarou aberta a audiencia.

No banco dos reus sentavam-se um fadista, uma marafona e dois ferozes gatunos, para quem os jornaes reclamavam uma punição severa. Um saltára a um quintal e rou-

bára uma gallinha, o outro, mais atrevido e ousado, tirára uma camisa d'um cabide pendurado á porta d'uma loja. Estas duas fêras olhavam para o juiz com um olhar murcho e implorativo; a meretriz, de saias muito engomnadas, a cara oleosa e empastada, a negra farripa fazendo um S na testa, pendia a cabeça sobre o cóllo. O fadista, com a cara enegrecida, a venta arrebitada, o olhar rasteiro, era indifferente a tudo.

O juiz fez a chamada dos reus. Fernando não tinha ainda comparecido.

Pedro d'Azevedo, um tanto preocupado, deixou o beleguim fazer a chamada das testemunhas, entre as quaes tomou logar Rodrigo de Menezes.

Fernando assomou então á porta do tribunal. Trazia um sorriso de triste ironia; apenas o continúo o avistára no corredor, correu a elle e disse-lhe:

—Entre, entre, que já se fez a chamada.

Fernando teve um gesto de desdenhosa indifferença. O beleguim, acompanhou-o para lhe abrir um logar no meio dos réus e disse-lhe ao ouvido:

— Esteja socegado, que tem boas protecções.

Fernando Ribeiro encarou-o com um olhar d'espanto. Ficou muito preocupado. A que protecções se referia esse homem? A certeza de que o juiz o ia interrogar com ares protectores e benevolos, vexava-o, e decidiu, não se prestar a essa humilhação e responder-lhe com uma altivez, que, sendo necessario, chegasse até á insolencia.

O juiz apressou os interrogatorios dos outros réus.

— Então este sujeito bateu-lhe? perguntou elle á meretriz, indicando o fadista.

— Eu não lhe bati, snr. juiz, protestou elle.

— Pschuu! quem fala é ella.

O auditorio com um riso mal contido começava a excitar para o pittoresco o magistrado humorista.

— Se vosselencia, disse a mulher dando á voz uma entonação meiga, me consente eu conto como o caso se passou.

— Conte.

— Eu, proseguiu ella, baixando os olhos

ao chão, estava sentada ao pé da janella quando vi passar o homem. E disse-lhe, já se vê: « Anda cá, ó catitinha . . . »

— A mulher mente! bradou com energia o fadista. O que ella me disse foi: — Vem cá, ó *flamengo*! — E eu disse-lhe: — Eu não sou *flamengo*, você bem sabe. — E ella disse: — Então o que é você, ó seu *pistaróla*? — E vae eu respondi: A modo que você está a mangar commigo . . . tome sentido, que eu não sou *pistaróla*! — E ella disse, dando muitas gargalhadas: Ó seu *pistaróla* — *pist-ó-tira*, então você ameaça-me? — Eu disse: Eu não ameaço, mas dobre a lingua! — E ella disse: — Ora o gajo! queria talvez que eu o tratasse como um fidalgo! — E vae eu: — Olhe que um homem não é de ferro... mas o que me quer você? — E ella poz-se a assobiar, sem me responder. E eu disse-lhe: Então deixe-me entrar. — E vae ella com arremeço: — Ponha-se na *pira*, que em minha casa não entram morcegos. — Eu, então, saberá vosselencia . . . sim . . . porque um homem não é de ferro, dei um pontapé na porta e entrei . . . e a mulher começa a gritar:

« ó da guarda ! ó da guarda, » e eu então atirei-lhe uma lamparina á *claraboia*.

Esta narração foi apenas interrompida pelas gargalhadas do juiz e do tribunal.

Fernando sentia-se invadido por uma tristeza desalentadora. Tinha compaixão da ingenua estupidez d'aquelles dois entes, a quem o juiz provavelmente ia condemnar, depois de se ter divertido á custa d'elles. Se o exterior do fadista e da mulher lhe repugnava, sentia uma inclinação sympathica por esses dois infelizes e humildes, com uma maldade tão rudimentar e tão inoffensiva.

O juiz, para acabar com o riso do auditorio, interrogou Fernando Ribeiro. Este respondeu com uma certa serenidade altiva, e a attitude submissa do juiz foi para elle uma prova evidente de que alguma influencia se movera a seu favor. Quem ? As conjecturas não o adiantaram muito ; e permaneceu na mesma duvida e incerteza. Começaram a desfilar as testemunhas ; as de accusação eram policias que assistiram á conferencia e ouviram o reo proferir as palavras, que elle proprio, confirmára que tinha proferido. Mas

exageravam os termos, e um chefe de esquadra chegou a dizer que o Fernando, no auge da colera, parecia que deitava chispas de fogo dos olhos. O defensor officioso quiz explorar esta phrase ridicula, e começou a divertir-se com a testemunha, que titubeava e não sabia como responder ás impertinentes perguntas do advogado. O juiz, um tanto irritado, interrompeu-o e pediu-lhe para respeitar a testemunha. O advogado protestou, berrando que o juiz queria cercear os direitos da defeza. Fernando, muito nervoso, ergue-se, e dirigindo-se ao advogado, diz-lhe:

— V. Ex.^a foi nomeado officiosamente para esta causa e por isso lhe agradeço o interesse que tem por mim; mas peço-lhe a fineza de se lembrar que eu, desde que o nomearam, quiz dispensar os seus serviços, e affiancei que me defenderia, e, usando d'este meu pleno direito, peço-lhe o favor de se abster de quaesquer commentarios ás palavras das testemunhas.

O advogado, um tanto perturbado, observou-lhe:

— Eu devo cumprir com os meus deveres — mesmo contra vontade do reo. Nomearam-me para o defender, hei-de fazer todos os esforços para que os direitos da defeza não sejam calcados aos pés! exclamou elle com aprumo dramatico.

— Vossa Excellencia faz o que lhe parecer; na certeza de que, quando alguma testemunha d'accusação affirmar um facto que eu tenha confirmado e o snr. defensor o quizer negar, eu tomarei a liberdade de o desmentir.

— Não posso deixar proseguir esta discussão, observou o juiz. O julgamento não pode estar interrompido.

— Peça ao advogado de defeza que me não persiga com as suas impertinencias, observou Fernando Ribeiro.

A attitude um tanto theatral de Fernando irritava o juiz e o auditorio. Mas o julgamento proseguiu monotonamente. Longa discussão entre o reo e o juiz sobre a conferencia em que o commissario de policia Moraes e Souza fôra insultado.

— O insulto foi dirigido ao commissa-

rio por abusos commettidos no exercicio das suas funcções publicas, insinuava o advogado de defeza. Larga controversia sobre o assumpto. Das senhoras, umas bocejavam, outras abanavam-se somnolentemente. Todos desejavam o fim da peça. Em todo o caso a parte mais insupportavel, os discursos, não tinha ainda principiado. O juiz deu a palavra ao delegado. Este, um bacharel pencudo e trigueiro, especie de transmontano d'olhar manhoso, typo muito pratico, entoou uma lamuria cheia de logares communs.

— A sociedade não pôde estar á mercê dos utopistas perniciosos que se lembram de espalhar idéas sophisticas e demagogas, d'esses homens funestos que, calcando aos pés os mais sagrados deveres do homem, atacam o principio da autoridade e pretendem minar os alicerces do Estado, prégando a indisciplina, a egualdade das classes, a divisão das fortunas, e sustentando que a riqueza que um homem ganha com o suor do rosto — cumprindo assim o preceito imposto por Deus ao nosso pae Adão — deve

ser partilhada com os parasitas que nada teem de seu, com os operarios mandriões, com os escrevinhadores pelintras, emfim com todos aquelles que nada fizeram para a adquirir.

O discurso, todo n'este tom, enthusias-mou o auditorio. O advogado de defeza foi breve, limitando-se a sustentar que a liberdade de pensamento não estando restringida por lei alguma, a perseguição a Fernando Ribeiro, era absurda; e a absolvição não fazia duvida alguma no seu espirito.

Cessando as discussões, o juiz lavrou as sentenças: o fadista, a marafona e os gatu-nos eram condemnados a seis mezes de prisão e ás custas; Fernando Ribeiro apenas a oito dias de multa.

Fernando cercado, abraçado por gente que nunca vira, nem conhecera, saiu para o pateo da Boa-Hora. Ahi encontrou o beleguim que o introduzira na audiencia e lhe segredára: «Descance, que tem boas protecções.»

—Faz favor de dizer-me o que signifi-

cava «essas protecções» de que falou ha pouco?

— Ora! exclamou o homem sorrindo... Está o senhor a fazer-se de novas.

— Queira explicar-se! disse Fernando com intimativa.

O beleguim compreendeu que era chegado o momento de saber se Fernando Ribeiro ignorava ou não a vinda de Bertha ao gabinete de Pedro d'Azevedo. Por isso, sem mais rodeios, disse logo:

— Referia-me á vinda d'uma tafula senhora ao gabinete do snr. juiz, a pedir-lhe que intercedesse por V. Ex.^a

— Por mim! Uma tafula senhora? cada vez o percebo menos, atalhou Fernando, interdito de pasmo.

— Sim, senhor, confirmou o outro. Uma mulher nova, que me disseram que era filha d'um ferreiro lá das bandas d'Alfama, e que eu, ao vel-a assim vestida, tomei por uma dama importante.

Ao beleguim bastou olhar para a cara de Fernando Ribeiro para perceber que se enganára e que effectivamente esse homem era

sincero na admiração e no assombro manifestado no seu rosto pela estranha noticia.

— Olhe, se o senhor quer mais pormenores chegue aqui comigo a consultar um meu collega, que poderá testemunhar o que affirmei, disse o beleguim, conduzindo Fernando ao vão d'uma porta, onde estava o continuo com quem apostára.

— Olha lá, conta aqui ao snr. Fernando Ribeiro quem veio interceder por elle junto do snr. juiz.

— Foi uma Bertha, filha do ferreiro do largo de S. Miguel, do José Mendes. Eu vi-a vir aqui duas vezes.

O beleguim trocára com o outro um olhar d'entendido.

— Que provas tenho eu de que os snrs. me não enganam? perguntou Fernando, convencido até á evidencia, mas desejando, com essa tendencia natural dos apaixonados em não se quererem desilludir, obter mais esmagadoras provas.

— Tanto se me dá que o senhor se julgue enganado ou não, objectou o continuo.

— Que interesse tinhamos n'isso? ata-

lhou o beleguim. Mas eu dou a v. ex.^a os signaes de quem veio procurar o juiz.

— Não preciso, disse Fernando, saindo apressadamente e rosnando entre dentes, a ponto de ser entendido: «corja de malandros!»

— Vae fulo, o gajo! disse o continuo, piscando o olho. As mulheres, bem te dizia eu, teem artes de enganar até os mais esptos.

Fernando ao sair da Boa Hora, d'esse antro immundo onde uma corja d'imbeciõs e infames se permittia julgar uma porção de infelizes ou desgraçados, sentiu a alma entenebrecida por pensamentos funebres. O desespero empolgava-o; tinha rancor á vida, aos homens, á sociedade que os escravizava e onde o unico logar a escolher era o de servo ou dominador. Não havia meio termo; ou alcançar as honras banaes que elevam os homens e os tornam poderosos, ou rastejar na vida sempre por baixo, sujeito aos baldões da sorte, aos pontapés do destino, ás injustiças dos que julgam, ao despotismo dos que mandam, á estupidez de to-

dos. No seu julgamento tivera uma prova bem evidente do que era essa reles comedia d'um sujeito a julgar os seus semelhantes. Elle, Fernando Ribeiro, apresentado pelo ministerio publico como demagogo, desejoso de destruir a sociedade, fôra condemnado a uma pena insignificante; uns pobres infelizes, sem grande responsabilidade mental, oprimidos pela miseria brutificadora, viam-se condemnados a seis mezes de prisão e ás custas, a essas infames custas com que se abotoam os juizes, os escrivães e toda a quadrilha de salteadores da Boa Hora! Que nojo! pensava Fernando Ribeiro com as feições descompostas, as faces enrugadas, o olhar carregado, a testa vincada. Chegára á Sé. Entardecia; o sol, entre nuvens pardas, n'esse dia de janeiro, dava uma claridade baça ao largo, escurecendo ainda mais as velhas e negras paredes do templo. Na igreja o reposteiro encarnado, indicava ali o laus-perenne. Grupos de velhas e de homens saíam ou entravam; elles curvados, d'olhar piedoso e murcho, tinham um tom d'uncção hypocrita, de ratos de sacristia; ellas ra-

melosas, o nariz sujo de ranho e rapé, arrastavam as engommadas saias, cheirando a murtha e alecrim. São felizes, pensava Fernando, vendo os inconscientes. Acreditam na outra vida, suppõem que, quanto mais soffrem n'esta, maior gozo terão no paraizo. E resignam-se; e á custa de taes crédulos, os calculadores que inventaram as religiões vãs ou as sustentam, gosam os commodismos da existencia, praticando impunemente todo o genero de crimes e despotismos. É com estas concepções tolas que os homens se governam e se enganam! Se houve um judeu histerico que se deixou pregar n'uma cruz por se julgar rei de Jerusalem, ahi temos a humanidade escravizada, adorando esse maniaco e com as forças cerebraes atrofiadas para resistir contra os mais cinicos ou mais audazes que a querem dominar. Que estupidez!

Os pensamentos atropelavam-se-lhe na cabeça em ondas tenebrosas de desespero; sentia-se afogado pelo tédio, pelo nojo, um tédio e nojo epicos, com o desejo de destruição completa da sua especie, de adorme-

cimento no seio da natureza. Pouco a pouco a tensão nervosa foi dominada pelo raciocínio. Uma outra idéa, mais particular, mas não menos desesperadora, se lhe apoderou do espirito : — a certeza de que Bertha, a sua amada, essa a quem elle pedira impetuosamente que não procurasse o devasso juiz, fôra duas vezes ao gabinete de Pedro d'Azevedo ! Porque é que a mulher o atraçoára e lhe mentira ? Elle que combatera os preconceitos tantas vezes repetidos e vulgarizados de que a mulher é um ser inferior, incapaz de sinceridade e persistencia, estava quasi concordando, em vista do modo capcioso e traçoeiro como Bertha o enganára. Sentia-se ridiculo. Elle, que os jornaes descompunham e troçavam, com as suas pretensões de sociologo, protegido por um juiz — e por um dos mais malandros — sob a intervenção da sua amada. Só uma creatura inconsciente e estúpida, como Bertha, não compreenderia em que triste situação o collocára. Como Pedro d'Azevedo, esse biltre desprezível, o havia d'achar grotesco ! A mulher que se bandeára a procural-o

era ou muito inferior ou... (e embora ao raciocínio de Fernando repugnasse a conclusão) muito desavergonhada. Era forçoso não ter pudor, nem brio, nem mesmo essa trivial dignidade que se encontra em quasi todas, para interceder junto d'um libertino a favor do noivo.

E Fernando traçou mentalmente o meio e a origem de Bertha. Rapariga do povo, herdando a inconsciencia suprema, que é o apanagio da parte ignorante d'essa classe, vivendo em Alfama, e tendo ante os olhos os exemplos que as ruas da Lisboa oriental lhe offereciam, não poderia ter noção dos melindres d'um homem como elle nem lograva compreender a sua infame e falsa conducta. Fernando, embora amasse Bertha, viu claramente em que futuro ia cair, casando com uma tal mulher. Elle, creado nos livros, a cabeça empoeirada pelas idéas que atravessáram tantos seculos, unido para sempre pelos laços do matrimonio christão, esses laços que o proprio Fernando considerava uma monstruosidade social contra a natureza, a uma rapariga prosaica e secca, in-

capaz de o compreender e estimar! O futuro era muito negro. Amava-a realmente? ou o amor era mais um appetite de desejo, aguçado ao contacto com a bella e voluptuosa rapariga? O espirito de Fernando começou a aclarar-se: amava-a muito, de certo; o seu amor porém soffrera um enorme baque com a terrivel revelação da ida de Bertha ao gabinete do juiz.

Fernando entrou no seu quarto, e lançou um olhar piedoso para os livros. Ha quantos mezes os não abria e consultava? Desde que Bertha occupára um logar no seu coração; elles os amigos seguros;

«Le livre est un ami qui ne trompe jamais»,

dizia o verso do bibliophilo Pixérécourt. E Fernando repetiu-o mentalmente, pensando na deliciosa melancolia d'esse verso subtil. Encostou a cabeça ao espaldar da cadeira de couro, e lançou os olhos com tristeza para o quarto onde soffrera tanto. O leito de pau preto onde a mãe morrera e que elle herdára, as estantes onde se alinhavam os volumes

poeirentos e não abertos ha muitos mezes, a secretária com o tinteiro secco, a penna ferrugenta, e em cima, na parede, algumas gravuras, todas cagadas de moscas, representando os typos d'homens da Communa de Paris, olhares carregados, barbas hirsutas, e apenas um busto em bronze de Lassalle, de vida aventureira, morto em duello por um official, irmão da mulher que elle amava, tudo lhe recordou o seu passado de estudo e de trabalho.

Bruscamente lembrou-se de escrever a Bertha uma carta de completo rompimento. Se tivesse de justificar-se, ella lhe responderia.

Fernando approximou-se da meza e traçou com rapidez estas linhas :

«Soube que tu, embora eu te pedisse e prohibisse, foste procurar o infame Pedro d'Azevedo. Não te agradeço a intercessão a meu favor, pois que ella representa uma das maiores humilhações porque tenho passado. Não sei o que te levou a não fazeres caso algum do que te pedi, nem tão pouco com que razões convenceste o juiz a tratar-me

com a insultuosa benevolencia, de que deu provas na audiencia.

«Fui muito teu amigo; amei-te com sinceridade e paixão. Atraiçoaste-me. Pódes d'hoje em diante considerar-te livre e não mais desgostares teu pae, impondo-lhe o casamento comigo. Eu procurarei esquecer-te e, a ti, julgo, não será isso muito difficil.»

.....

A carta proseguia n'este tom azedo e sentencioso.

Bertha recebeu-a em muito má hora do dia seguinte. Acabára de chegar da rua tendo vindo d'uma entrevista com Pedro d'Azevedo, e encontrára seu pae, encostado á meza de jantar, d'olhos cerrados e rosto carrancudo.

José Mendes, ao vêr a filha, berrou :

—Que pouca vergonha é esta? saíres fóra de casa sem nada me dizeres, deixando a tua irmã o serviço da cosinha... Aqui tens, como ella me fez o jantar! Quem póde comer esta porcaria? perguntava o pae, mettendo a colher na chicara do caldo?...

Nem os cães. E sacrifiquei-me eu a educar duas filhas — para não ter quem me faça um misero caldo! Para que foi que saíste? A ver o teu namoro? a ver esse malvado com quem eu já te prohibi de falar? Anda, responde, defende-te, fala! berrava o velho n'uma colera crescente e apenas justificada por ter perdido na vespera todo o dinheiro á batota.

Bertha estava interdicta. Nunca o pae assim a tratára. Ella, tambem impaciente e nervosa, disse-lhe :

— Tenho vinte e quatro annos : sou muito senhora da minha vontade ; posso fazer o que quizer !

— Ora a descarada ! vociferou o ferreiro. Podes fazer o que quizeres ? pois faz ; mas fôra da minha casa, que n'ella só eu governo. Rua, rua !

— O pae fala serio ? perguntou Bertha com um olhar ameaçador.

— Por que não ?... Põe-te na rua, se queres fazer o que te parece ; aqui governo eu !

Bertha chegou á umbreira da porta e, com gesto theatral, disse :

— Adeus para sempre!

Saiu. Carlota chorava a um canto da casa, silenciosamente; as lagrimas tombavam-lhe pelas faces amarellas, molhando-lhe os labios. José Mendes seguiu com os olhos a filha, encolheu os hombros, arrotou a aguardente de vinho, encostou a cabeça aos punhos, rosnando:

— Que a leve o diabo!

Na casa havia um silencio funebre, apenas cortado pelos soluços de Carlota que procurava, em vão, dominar o copioso choro.

Bertha achou-se na rua com a carta de Fernando, tal como a irmã lh'a entregára momentos antes, por abrir. Caminhou até proximo do recanto d'um beco e ahi, rasgando o sobrescrito, começou a lel-a. Agitada pela commoção e pelo imprevisto da scena com o pae, a carta de Fernando fel-a chorar de raiva. Perdia ao mesmo tempo a familia e o noivo, mas ganhava um amante, um homem que era forçoso que ella dominasse e a fizesse feliz, indemnizando-a do que acabava

de perder. O tom formalista e petulante da carta irritou-a.

— «Antecedeu-se, pensava Bertha. Eu não casaria com elle, tendo já sido amante do velho, mas este rompimento incommoda-me.»

Nenhuma gosta de ser abandonada, e Bertha, no fundo, sentia ferida a sua vaidade de mulher formosa. Até mesmo já pensava que afinal poderia conciliar tudo e pertencer a Pedro d'Azevedo e a Fernando. Era uma mulher perdida, deshonrada, assim ella propria se julgava; que lhe restava fazer? Aceitar as circumstancias, fazer todo o possivel para explorar o amor do velho por ella e apanhar-lhe o dinheiro. O seu espirito via as cousas nitidamente; e refreava o que no seu coração ainda pudesse existir de saudoso e enternecedor por Fernando. No futuro, quem sabe? — talvez elle mesmo, vendo-a cortejada, amada, enriquecida, recordando o passado, viesse arrojarse a seus pés. Bertha tinha pensamentos crueis e de vingança contra o pae e contra Fernando. Desceu ao caes de Santarem, chamou uma carruagem, que

a conduziu ao andar mobilado que Pedro d'Azevedo alugára na rua do Jasmim, á Patriarchal. Introduzindo a pequena chave na fechadura ingleza, entrou na casa. Esta compunha-se de seis aposentos. A sala, que dava ingresso ao quarto, era um interior de voluptuoso luxo. Bertha olhou para o leito onde, horas antes, o juiz tombára em pasmos de luxuria; olhou para as rendas, para esse conforto calmo do quarto e pensou que aquillo era preferivel a estar dias inteiros na cosinha, fazendo o jantar para o pae, e á pobreza quasi misera da morada do largo de S. Miguel. Como ia escurecendo accendeu uma lampada, vellada por um recortado *abat-jour* de setim vermelho, e o jorro de luz deu um tom côr de rosa aos objectos. Bertha viu-se ao espelho; a claridade reflectindo no seu rosto, tornava-lh'o roseo, d'um frescor de carne macia. Pouco a pouco o somno invadiu-a; estendeu-se no leito e, cerrando os olhos, adormeceu tranquillamente.

Quando no dia seguinte Pedro d'Azevedo, pelas dez horas da manhã, entrou na casa

da rua do Jasmim, decidido a esperar Bertha, ficou admirado de a ver deitada.

— Vim cá passar a noite, disse ella com um sorriso amoroso e forçado.

Elle pediu explicações, e tendo-lhe Bertha contado tudo, o velho rejubilou.

— Pertences-me então de todo ? perguntou elle, acariciando-a com meiguice... Mas, desejo dar-te um conselho: deves prevenir teu pae, para o pobre homem não ficar em cuidados, nem a tua irmã.

Bertha annuiu, e ambos combináram os termos da carta que ella mandaria a José Mendes.

— E Fernando ? perguntou Pedro, depois d'alguma hesitação.

— Lê, disse Bertha, tomando de sobre uma jardineira a carta amarrotada, e entregando-a ao juiz.

Pedro d'Azevedo leu-a e teve um sorriso desdenhoso.

— Como pôde esse philosopho aparvalhado perceber uma mulher como tu ! exclamou o enternecido homem e, tomando-a nos

braços, despiu-a carinhosamente, entre caricias luxuriantes, confundindo e reanimando o seu corpo gasto ao contacto do corpo fresco e macio da rapariga.

SEGUNDA PARTE

I

Fernando Ribeiro, depois da sua absolvição, fôra despedido da fabrica. O dono dissera-lhe com delicadeza, que lhe mantinha por dois mezes o ordenado, mas dispensava-o do trabalho, allegando que não o desejava em contacto com os operarios, a quem elle inoculava o virus revolucionario e indisciplinador. Fernando agradeceu a esmola dos dois mezes que lhe garantiam, mas, por altivez, não acceitou. Participou o facto a Rodrigo de Menezes ; este applaudiu a recusa e tranquillizou-o, quanto ao futuro. O conde de Refoyos, tendo partido para o estrangeiro, por motivo do escandaloso caso das no-

tas falsas, precisava d'um homem seguro e perspicaz para lhe administrar os bens.

Rodrigo de Menezes aproveitou o ensejo de melhorar as condições da vida de Fernando Ribeiro e este acceitou de bom grado a offerta do amigo.

Mas o que mais preocupava Fernando não eram as vicissitudes materiaes da existencia; era Bertha. Tinham decorrido dez dias que lhe escrevera e não obtivera resposta. O motivo? Tel-o-ia esquecido? Fernando torturava o espirito em interrogações e conjecturas. Não podia apagar da memoria a imagem da formosa mulher. De noite, nas horas em que estava habituado a ir vel-a á casita do largo de S. Miguel, a lembrança dos deliciosos momentos, torturava-lhe a alma n'um desespero incuravel. A imagem de Bertha estava gravada na sua memoria e não podia de lá sair. Via os seus olhos negros, d'um brilho aveludado e magnetico, os beiços vermelhos e sensuaes, as faces macias, que elle tantas vezes cobrira de beijos quentes.

Fernando, de noite, dava longos passeios por Alfama e passava pela casa de José Men-

des na esperança de ver Bertha. As tentativas ficaram sem resultado. Fernando não desistia; embrenhava-se por essas vielas estreitas, pelos becos escuros e lugubres da velha cidade, ouvia o som rouquenho do relógio de S. Vicente badalar funebremente as horas, outras tantas horas de tortura para o seu coração inquieto e dolorido.

Uma noite, ao passar pelo largo de S. Miguel, divisou um vulto de mulher á janella da casa do ferreiro. Fernando, disfarçando, parou junto dos degraus de pedra; certo tempo o vulto silencioso restou na janella, contemplando a noite.

— És tu, Bertha? atreveu-se a perguntar, como que a medo.

— Quem está ahí? disse uma voz assustada.

— Bertha!

— Bertha não móra aqui! respondeu a mesma voz, mas com uma energia amargurosa.

Elle percebeu que era Carlota quem falava.

— Desculpe-me, Carlota, não a conhe-

cer... mas diga-me, o que é feito de Bertha? posso saber-o?

Carlota reconhecera-o.

— Ah! é o snr. Fernando... Olhe, meu pae não está em casa; se quer entrar eu lhe contarei as tristes noticias que tenho para lhe dar.

Fernando subiu a escada e penetrou na casa. Carlota fel-o sentar. Depois, brusca-mente, sem rodeios, contou-lhe tudo: a fuga da irmã, a zanga com o pae, a carta que d'ella recebera. Fernando fixava-a n'um pas-mo d'allucinado. Não queria acreditar! Os olhos encheram-se-lhe de lagrimas de ciume e raiva.

— Meu pae não se importou ao lêr a carta e até disse: — se o diabo do homem é rico, antes assim do que vêl-a casada com algum pobretão. Mas lá no fundo isto impressionou-o muito. Sae todas as noites e vae jogar; eu é que me custa muito a aturar-o, sr. Fernando, porque me entra em casa bebedo quasi sempre, e me faz passar uma vida de martyr! Como sabe o pae nunca gostou tanto de mim como de Bertha.

Fernando contemplava Carlota com ternura. O seu rosto doentio expressava uma bondade intelligente, bastante diversa da exuberancia animal da irmã. Aquelle tom resignado compadeceu-o e fez-lhe por instantes esquecer o seu feroz desespero.

— Pobre Carlota! exclamou elle com a voz commovida.

— Somos cada vez mais infelizes, continuou ella, por vêr que encontrava com quem desabafar. Minha irmã era muito protegida pela condessa de Rofoyo; e agora até esse recurso nos desapareceu! Meu pae nem já quasi quer trabalhar... Diz que, não tendo de comer, o irá pedir á filha...

— E Carlota o que fará? Tambem deseje estar ás sopas de Bertha...

— Que hei de eu fazer? A não ser que vá mendigar ou... que lhe siga o exemplo, terminou Carlota, apertando com desespero a cabeça, n'um choro abafado e convulso.

— Olhe, Carlota, disse Fernando, tomando-lhe brandamente as mãos e fixando-a com olhar piedoso. Não faça isso; não se prostitua a não ser... a não ser por amor.

Se amar alguém e não puder resistir a esse amor, não ouse aconselhar-lhe a que o re-freie e se sepulte com o seu sofrimento; mas, d'outro modo, resista sempre. Se o pae fôr procurar Bertha, Carlota não ficará des-amparada. Nada lhe sou, mas lembre-se que estive para ser seu irmão; e desejo que, como tal, me considere. Vou melhorar um pouco de situação material, posso protegê-la, auxiliá-la, deixe-me cumprir este dever... Promette aceitar e ser sincera commigo n'essa ocasião?

— Como o snr. é bom! exclamou Carlota, meneando a cabeça com tristeza.

— Engana-se, minha irmã; não sou nem bom nem mau. E n'este momento sou antes mais mau do que bom. Se tenho tanto fel no coração! Mas é que Carlota não calcula o prazer egoista que tenho em protegê-la, se isso me fôr dado!

Fernando saiu de casa de José Mendes. N'essa noite fria de janeiro a lua desenhava-se no ceu como uma mancha prateada n'um fundo azul. Fernando Ribeiro dirigiu-se para

o seu quarto, e, chegando ahi, atirou-se vestido sobre o leito. O abysmo em que Bertha caíra preocupava-o ; sentia-se aviltado ao recordar-se que amára — e continuava amando — uma mulher que tombára nos braços d'um velho como Pedro d'Azevedo. Elle, que tanto estudára o ciúme e o considerava um sentimento muito brutal, não podia fugir á sua invasão. Tentou raciocinar: Bertha fugiu com o velho tentada pela riqueza, pelo desejo do conforto, a ancia do gozo e dos prazeres da vida, e foi logica com a sua ambição, visto que elle, Fernando, nada d'isso lhe poderia ministrar. E depois talvez ella até amasse ou mesmo sentisse por Pedro d'Azevedo estima igual á da mulher que substitue o amor pela gratidão.

A sua mente porem não podia afazer-se á desoladora idéa: Bertha nos braços de Pedro d'Azevedo !

A crise angustiosa que Fernando atravessou durou-lhe mezes; nos primeiros tempos, não podendo soffrear a angustia, pediu a Rodrigo de Menezes espera para tomar conta da administração da casa do con-

de de Refoyos. Depois viu-se forçado a entrar para esse cargo. Começou então para elle uma vida monotonica e methodica. As maguas e os passados dissabores foram um pouco adormentados. Novos horisontes se abriam para elle, que deixára o seu passado de desinteresse, para se lançar na vida ambiciosa, tentando tirar proveito das circumstancias.

Fernando Ribeiro installou-se nos aposentos que lhe deram no palacio de Santa Martha. Esses aposentos compunham-se d'um quarto e uma especie de saleta, mobilados com um luxo antigo; o escriptorio era no primeiro andar e ahi se installava Fernando Ribeiro logo pela manhã, afferrando-se ao trabalho, para esquecer os antigos dissabores. O conde de Refoyos deixára os bens compromettidos, não só pelas hypothecas com que as propriedades estavam sobre-carregadas, mas tambem pela descuidada direcção que dava aos negocios. Fernando tinha pois um duplo trabalho: aliviar os bens, pagando as dividas, economisando, e remediar os erros e o desleixo do conde.

Tendo este partido para Paris, ficou dirigindo a casa a condessa; esta direcção era puramente nominal. Ella, apoquentada pela vergonha do processo intentado ao marido, e mesmo pela indole indolente e melancolica, desinteressava-se completamente. Apenas, quando era preciso tratar mais directamente qualquer assumpto com Fernando delegava em sua filha plenos direitos para a substituir. Com esta é que Fernando Ribeiro se achava mais em contacto. Julia — assim ella se chamava — era uma creatura muito complicada, tendo herdado o desequilibrio do pae e a tristeza morbida da mãe. Alta, um pouco magra, os olhos e o cabello castanho, o rosto pallido, onde apenas os labios vermelhos destacavam, esta mulher de vinte e seis annos deveria estar no periodo da sentimentalidade, se as suas maneiras sacudidas e bruscas, a altivez com que ella exigia que Fernando entrasse sobre os negocios da casa em pormenores minimos, dando-lhe uma ou outra vez a perceber por subentendidos que elle apenas era um empregado de seu pae, pago para o ser-

vir e não o amigo dedicado de Rodrigo de Menezes, quasi desmentiam completamente tal hypothese. Fernando interessava-se por tão exquisita mulher. E pensava ás vezes que o conde teria feito muito melhor nomeando a filha administradora de sua casa do que elle. Julia, em certas occasiões mostrava um tacto raro para os negocios; n'outros dias, uma tristeza funebre carregava-lhe o rosto, e então era impossivel a Fernando fazer-lhe comprehender a minima cousa a respeito d'assumptos relativos á administração dos bens do conde.

A condessa restava na penumbra; raras vezes saía — e Fernando apenas a encontrava uma ou duas vezes por semana, quando a condessa o convidava para jantar. Estes convites eram para elle verdadeiros supplicios. Ainda quando Rodrigo de Menezes assistia ao jantar, lá reinava certa animação e Fernando, depois da mãe e filha se levantarem da meza, tinha ensejo de conversar com o amigo n'um á — vontade confortavel, digno de ser saboreado. Mas, fóra d'isto, durante a hora que durava a refeição, Fer-

nando era torturado ou pelo silencio das duas mulheres, ou pelas perguntas banaes, pelos suspiros da condessa ou o ar sombrio da filha.

Fôra d'estas preocupações triviaes da sua existencia, um pensamento dominava no espirito de Fernando: o desejo de caminhar na vida, de se enriquecer, de não depender de pessoa alguma. Quebrára, já voluntariamente, já auxiliado pelas circumstancias, todos os laços que o ligavam ao seu passado de revolucionario. D'esse passado só ficára um trabalho chimerico, uma semente esteril no meio estreito em que nascera.

Uma noite, visitando Rodrigo de Menezes, encontrou-o conversando na bibliotheca, com um homem de cerca de setenta annos, barrigudo, a barba toda branca cortada com certa originalidade, chamada de passa-piolho, encarniçado, e uns olhos brejeiros, de satiro satisfeito.

Rodrigo de Menezes apresentou-os:

— O snr. Rodrigues Sampaio, o snr. Fernando Ribeiro.

Fernando cumprimentou-o banalmente. Sampaio, voltando-se para elle e fixando-o com os seus olhos pequenos e o seu eterno sorriso de bondade ou de desdem, perorou logo :

— Olá! o senhor é que é o famoso revolucionario? Li com interesse as suas brochuras. Aquillo é bom e tem logica; mas veja como os tempos mudam: ha quarenta annos os revolucionarios descompunham muito, como eu, o Alves Martins, o Casal Ribeiro e outros, e racionavam pouco. Os artigos eram o que saía. Depois todos nós nos arranjámos; uns crearam necessidades e appetites: e eu, além d'isso, criei esta barriga e só para a alimentar se me vae todo o dinheiro que ganho. O senhor faça por ser dos nossos e lance-se n'um campo mais pratico. Sabe o que me moveu a atirar fôra todos os preconceitos, e a metter-me n'esta politica patusca em que me vê afundado? O não poder tolerar que uma choldra de idiotas obtivessem gozos materiaes a que eu, muito mais bem organizado do que elles, tinha mais direito. Chamem a este racioci-

nio uma prova de feroz egoismo, que eu responderei que elle é inherente ao homem, sobretudo quando tem miolo. É o seu caso. Lucte, vença, e não se importe que lhe chamem renegado e perjuro aos seus principios. Veja se faço caso do que me dizem: todos os dias os jornaes me dão com o *Spectro* na cara, e eu conservo-me impassivel. Cynismo e petulancia, é o que elles querem. Cultive o talento que tem de escriptor, fazendo livros sobre qualquer assumpto; se ninguem lhe perceber o livro, ainda melhor. Escreva sobre direito publico, sobre direito internacional, annote qualquer codigo, atire-se á economia politica, ao bimetallismo, aos cambios, á industria, aos arrozaes, a qualquer coisa emfim, comtanto que obtenha, graças á ignorancia quasi geral, reputação d'homem profundo na materia. A vida encarada pelo lado risonho tem ainda aspectos interessantes.

Fernando escutava-o com interesse, admirando-lhe a petulancia. E pensava que Sampaio tinha certa razão, quando affirmára o predominio da barriga sobre o espirito.

Quem tem uma pança d'aquellas, não pôde ser revolucionario.

Fernando despediu-se; e seguiu para Santa Martha, fazendo projectos ambiciosos.

II

Bertha levava uma vida tranquilla. Pedro d'Azevedo amava-a e satisfazia-lhe as exigencias. Tinha secreto prazer em deixar admirar a rapariga pelos amigos, e convidava-os a passar as noites na casa da rua do Jasmim. Bertha recebia-os como uma madona, altiva e solemne, provocando ainda mais os seus olhares libidinosos. Era como a casta Suzana entre os velhos: ella tinha semelhanças com a heroína da Biblia, menos na castidade. Aproveitando-se da confiança cega do juiz, não perdia qualquer ensejo que se lhe offerecesse para ser amada. Conquistára no pouco tempo da sua ligação com Pedro d'Azevedo os seguintes persona-

gens: um pianista cabelludo, um antigo negociante, enriquecido no Brazil, e um advogado zarolho, atacado da monomania de ser ministro.

O pianista dava lições a Bertha que, satisfazendo as exigencias do juiz, se prestára a apprender musica; mas, quando deixava cair sobre o instrumento as grossas mãos de mulher do povo, o piano guinchava sinistramente. Os vizinhos depressa se livraram do supplicio, porque Bertha aproveitou muito mais nas lições d'amor do que nas de musica. Ainda assim, Pepo Cajolani informava a miudo o juiz sobre os innegaveis progressos da rapariga:

— Creia V. Ex.^a, D. Bertha tem vocação decidida para a arte de Listz e Rubinstein, dizia o intrujão.

O juiz em resposta apertava-lhe as mãos com enternecimento.

Bertha gostava das falas doces e das attitudes amorosas de Cajolani. Não o amava, porque ella só amára um homem; mas sentia-se bem ao pé d'elle, que sabia fazer-lhe vibrar, como ninguem, as cordas

da sensibilidade. O pianista dava lições tres vezes por semana, do meio-dia ás duas horas; as scenas de amor, no emtanto, tinham de se restringir ao pequeno salão em que Bertha recebia Cajolani. Este, no fim de dois mezes, desejando mudar, pediu-lhe um quarto onde estivessem á vontade. Ella negou, com medo da criada, especie de megera que Pedro d'Azevedo descobrira para vigial-a.

Por outro lado não lhe desagradavam as scenas na salita, onde havia uma *causeuse* de boas molas, e onde a ondeada cabelleira do pianista, vista aos dois espelhos dourados, que ornavam as paredes, produzia a Bertha grande attração. Pepo, menos ideal e mais commodista, chegou a pedir-lhe para ir ao quarto d'ella, logar em que a podia amar «como só ella era digna de ser amada». Bertha insistiu na recusa.

A sua vida de cortezã exigia grande trabalho e muito tacto. As horas d'amor estavam methodicamente preenchidas. Era um exemplar curioso da *cocotte* regrada e pontual. E o mais admiravel é que nunca fizera

apprendisagem com ninguem; o talento n'ella brotou expontaneo, como um dom da natureza.

Quanto ao negociante, como era homem de sessenta e cinco annos e um tanto gasto, apenas duas vezes por semana se entregava ao amor. Bertha visitava-o n'um quarto que elle alugára na travessa de S. João de Deus. Era sujeito tristonho, que desejava esquecer nos braços d'uma mulher nova, o medo que tinha da morte. Bertha não lhe dava muito tempo para isso: apenas decorrida a hora e meia marcada no seu horario para a entrevista, saía immediatamente.

O advogado vesgo, com a monomania politica, era muito mais insupportavel para Bertha do que os outros dois. Ella encontrava-o n'uma casa da rua da Atalaya, da sua amiga D. Anacleta dos Prazeres, onde, ás vezes, quando o tempo lhe sobejava, tambem tinha outras visitas.

Os tres amantes de Bertha iam, porém, a miudo, á morada de Pedro d'Azevedo. Era curioso então vêr a graça natural com que Bertha lhes recebia as homenagens e o ar

sincero de cada um d'elles, julgando-se o exclusivamente amado.

Ella já conseguira reservar um certo peculio, chegando a enviar uns cem mil reis ao pae e á irmã, que ella sabia em muito más circumstancias. Carlota veio procural-a, sob pretexto d'agradecer-lhe.

Mas o motivo principal era ver como estava a irmã, que assim lhes podia enviar tal somma de dinheiro. Bertha festejou-a com sincero jubilo. Choraram de commoção.

Pudicamente apenas contou á irmã que Pedro d'Azevedo a estimava muito e lhe dava tudo quanto quizesse. Perguntou noticias do pae.

— Está cada vez mais exigente e rabugento. Não trabalha quasi nada e bebe e joga muito. Sabes? o dinheiro que me mandaste tive de escondel-o, e de lhe dizer que me tinhas enviado só vinte mil reis. . .

— E elle?

— Pediu-m'os, dizendo que com elles arranjaría muito dinheiro; perdeu tudo, como de costume! O que eu desejava era en-

contrar alguém que me estimasse como te estimam a ti.

Bertha suspirou e aconselhou-a :

— Não penses n'isso. Tu de certo encontravas quem te estimasse tanto ou mais do que eu, mas talvez não fosses feliz n'esta vida.

— Porquê ?

— Ora, não te posso explicar bem, mas posso dar-te quasi a certeza de que não tinhas genio para ella.

Carlota sentia-se acanhada junto da irmã; contemplava com espanto o piano, o sofá, as cadeiras de mólas, as jardineiras, as jarras japonezas, e, a um canto da sala, ós dois colios rendilhados e coloridos em vasos de porcelana ingleza. Bertha, tornando-se expansiva, foi-a pondo á vontade. Disse-lhe:

— Vem ver a casa.

Conduziu-a a todas as divisões; Carlota admirava-se d'aquelle luxo e conforto, e comparava-o á sua pobre mobilia do largo de S. Miguel. Invejava a irmã. Esta, de repente, perguntou-lhe :

— Tens tido noticias de Fernando ?

— Esteve lá em casa dias depois de tu fugires, perguntando por ti.

— E o que lhe disseste ?

— O que havia de dizer ? contei tudo.

— E elle ? perguntou Bertha, aguçada pela curiosidade. Essa noticia impressionou-o muito ?

— Muito ! Ia chorando ; depois deu-me conselhos, e offereceu-se para me proteger.

— E tu ? perguntou Bertha abespinhada.

— Eu ? agradeçi-lhe, naturalmente. A minha situação era muito má e o pae ainda a tornava peor.

— Elle não tem que te proteger. Tu não me tens a mim, tua irmã ? Ouve-me, enquanto eu fôr feliz, nada te faltará, ouviste ? Quanto ao pae, não convem que saiba onde vivo, se não começa a pedir-me dinheiro para o jogo e eu não posso estar a sustentar um vicio para o qual não ha dinheiro que chegue. Por isso nada lhe digas. E sempre que quizeres apparece ; mesmo não estando eu, entra, que prevenirei a criada.

Carlota despediu-se ; e Bertha ficou a pensar em Fernando. Appeteceu-lhe vêr o ho-

mem, de quem estivera para ser esposa, e que ella sabia que fizera soffrer bastante. Comparava-o com os amantes que supportava por interesse, como o juiz, o negociante, o advogado, ou por desfastio, como Pepo Cajolani. Teve saudades de Fernando, e do seu espirito apoderou-se um enorme desejo de vêr o homem que a amára tanto.

*

Fernando Ribeiro começava a ser tratado já com certa familiaridade pela condessa e pela filha. A convivencia, sobretudo com Julia, conseguira diluir-lhe as antigas tristezas.

Um dia, visitando Rodrigo de Menezes, viu sobre a meza da bibliotheca um volume recente *Le Bimétalisme*, editado por Bailliére, de Paris. Levou-o, leu, e, tomando um interesse relativo por essas questões, tentou escrever uma obra sobre o assumpto. Sorriu-se, lembrando-se dos conselhos do velho Sampaio. Pediu a Rodrigo alguns volumes que tratassem da questão, e, de noite, nas horas vagas, foi adiantando o trabalho, que

afinal concluiu e mandou imprimir sob o titulo *O Bimetalismo e a Circulação Fiduciaria*. O apparecimento do volume foi saudado com um rumor d'admiração. Varias revistas somnolentas publicaram artigos elogiosos; alguns jornaes, dos que mais tinham atacado Fernando Ribeiro, receberam-n'o com triumpho e affirmaram que Portugal podia orgulhar-se de possuir um verdadeiro economista. A verdade, porem, é que mui poucos o liam. E se alguém o comprou, o receio de abrir um volume com semelhante titulo, obrigava a conserval-o respeitosamente fechado. Ainda assim, succede em geral que os livros que ninguem compra ou lê, são os que alcançam maior successo. O mesmo aconteceu ao *Bimetalismo e a Circulação Fiduciaria*, premiado pela Academia Real das Sciencias.

Fernando não se illudiu, e ria interiormente da mistificação. Continuava dedicando-se com zelo a resgatar os bens do conde de Refoyos e a obter a resolução de antigas demandas. Uma d'estas sobretudo era importante, pois que vencida, uns ricos pro-

prietarios da Guarda, os Pintos de Souza, eram forçados a restituir ao conde de Refoys cincoenta contos, além das propriedades que, durante mais de vinte annos, tinham usurpado.

O conde enviava no emtanto de Paris cartas, recommendando muita prudencia e discreção, porque, se o ganho da demanda era uma boa quantia a receber, sem risco de perda, outras demandas havia que, o perdel-as, importava perder cerca de cem contos. Julia partilhava os mesmos receios; a condesa, taciturna e maguada, conservava-se absolutamente indifferente.

Proximo da primavera, Fernando, que passára a jantar todos os dias com a condesa e a filha, terminando a refeição, saía para o pomar e jardim que ladeava o palacio.

No meio da verdura escura das laranjeiras e do buxo, destacava mais o tom variado das flores. Rosas trepavam por um velho muro, entrelaçando-se na hera vicejante; as tulipas coloridas, os girasoes amarellos, os amores-perfeitos avelludados, todo o matiz das flores e das plantas diversas, influencia-

vam o espirito de Fernando, produzindo-lhe uma tristeza sentimental, uma melancolia cheia de meiguice e de enternecimento. N'essa tarde de fins d'abril, em que os pensamentos morbidos o assaltavam, Fernando viu Julia descer as escadas de pedra que conduziam á quinta, trazendo uma espingarda Flobert com que ella a miudo costumava alvejar. Julia endireitou o alvo e, em silencio, começou fazendo series de tiros; Fernando, sentado n'um banco de ferro, seguia-a com a vista. Ao passo que a contemplava, Julia pareceu-lhe mais formosa e attraente. No seu olhar, nos labios, na boca, no rosto todo emfim, julgou vêr qualquer cousa de decidido e energico. Julia, passada meia hora, perguntou a Fernando :

—Ó snr. silencioso, não quer fazer uma serie de tiros?

—Hoje não, disse elle. Contento-me com o prazer de ver os seus progressos.

—Não escarneça. Olhe este cartão, disse Julia, indo tiral-o do alvo e entrègando-o a Fernando.

—Cinco *mouches* em doze tiros! Bravo!

Bem fiz em não alvejar; decerto ficava derrotado.

— Distrae-me isto um pouco, sabe? disse Julia, sentando-se no banco, junto d'elle. Depois de um dia inteiro a pensar nos negocios da nossa casa preciso alguma distracção.

— Não compreendo bem a senhora condessa, disse Fernando. Sempre triste, não querendo sair, isolando-se quasi completamente. E a D. Julia? porque não pede a Rodrigo de Menezes que a acompanhe aos theatros, aos bailes, ás distracções, a que devia estar acostumada antes do snr. conde partir para Paris?

— É certo que a vida que eu e a mamã levamos não é muito agradável. Mas que quer? Ella concentrou-se na sua magua e envergonha-se d'apparecer; e, tenho a certeza, que quando me diz para me divertir, para ir ao theatro, se eu accedesse e fôsse, isso a apoquentava.

— Compreendo um tanto o escrupulo da snr.^a condessa; mas permitta-me que o ache exagerado.

—Exagerado? Porque? perguntou Julia com impeto. Minha mãe ou eu em publico! Que loucura! Que olhares d'odio e de desprezo nos não deitariam! Quantos dos que vinham aos nossos bailes nos não voltariam as costas! Não pensou n'isto, nunca se lembrou da impressão que semelhantes vergonhas e desfeitas podiam produzir no espirito de duas mulheres, que vergam ao peso d'uma infamia, de que não teem culpa nenhuma? Não pensou n'isso? Perdôe-me o que lhe digo e do que lhe falo, continuou Julia com voz tremula; mas eu não tenho com quem desabafar!

Fernando sentia-se enternecido; como elle dissera, compreendia o desespero da mãe e da filha e os seus escrúpulos. A moral restricta e estreita que derivava de taes escrúpulos, e d'essas mesquinhas convenções da sociedade, é que o revoltava devéras! O conde fôra um falsificador de notas do banco, é certo. Mas isso, que importava? Para Fernando esse delicto tinha até qualquer coisa de pittoresco, d'engraçado, d'explicavel, que não lhe permittia condemnal-o, antes cha-

mava sobre elle a indulgencia que, em geral, se tem para com as pandegas inoffensivas. As consequencias d'essa falsificação nada tiveram de funesto. O horror por esse delicto era para Fernando uma prova do triumpho da mesquinhez e da rapacidade sobre a verdadeira moral, a indulgente e a livre. Portanto, embora se compadecesse da condessa e de Julia, sentia-se revoltado contra o desespero d'essas mulheres, e considerava-o antes como prova d'hypocrisia ou de fraqueza. Não era melhor que ellas arrostrassem com a onda de banaes preconceitos, d'onde decerto saíriam victoriosas? Era o que elle desejava conseguir: fazer com que a condessa de Refoys e a filha abandonassem a attitude de rés ou de victimas do crime d'um homem que, afinal de tudo, fôra solto por falta de provas!

Estes pensamentos tumultuaram-lhe rapidamente na alma, quando respondeu a Julia.

— Vou falar-lhe de coração aberto e com a sincera dedicação d'um homem, que é o maior amigo de seu tio, de Rodrigo de Menezes. Permite?

Julia acenou com a cabeça; as lagrimas impediam-n'a de falar.

Fernando então proseguiu :

— A attitude da senhora condessa e a sua não quadram bem na sociedade em que vivemos e são prejudicialissimas para seu proprio pae, para o conde de Refoyos. Elle mesmo commetteu a maior das faltas saindo para Paris, quando o seu dever, depois de se ter livrado das garras d'essa infame chamada justiça e d'esse repugnante commissario, era ficar na brecha e arrostar com os odios, os rancores e as desfeitas. Se tivessem coragem de lh'as fazer, o que duvido, tudo depois passava, e o snr. conde tornava a erguer-se altivo e orgulhoso no meio da sociedade, que, por um momento, fizera semblante de o desprezar, e que de novo haveria de respeitá-lo, como d'antes. Mas esse erro, hoje é irremediavel. E sabendo-se, como por ali consta, que o conde foi para Paris, cuidando em reconstruir a sua fortuna, um tanto avariada, as consequencias d'essa falta, podiam attenuar-se. Mas que melhor confissão, para provar á evidencia o crime de que Lisboa o accusa, do

que a maneira como está procedendo a senhora condessa e Julia, sua filha! Isolam-se, recolhem-se, quando d'antes iam aos theatros, ás *soirées* e ás reuniões em voga. As janellas do seu proprio palacio estão cerradas como se aqui tivesse morrido alguem! E tudo, por quê? levemos este assumpto até á extrema evidencia: porque o snr. conde, accusado de fazer notas falsas, é preso por um commissario infame, que, conseguira, dolosamente, dizer que o seu parente, lhe fizera confissão completa do crime. A confissão foi tão completa que o conde de Refoyos, graças a um accordam d'um tribunal superior, foi mandado despronunciar, o que equivale a uma absolvição. A opinião publica accusa-o, podem responder. Que importa isso? O que importa é essa accusação continuada e surda que, no seu isolamento, lhe fazem a esposa e a filha!

— Ó snr. Fernando! exclamou Julia, pondo-lhe as mãos no hombro e fixando-o com os olhos rasos d'agua, mas tendo no rosto uma expressão divina de consolo. Nós não o accusamos; vergamos ao peso da des-

graça e não tivemos coragem para arrostar com ella. As suas palavras, porem, foram o balsamo maior que a minha alma afflicta tem recebido. Obrigada, obrigada, terminou Julia, apertando-lhe commovidamente as mãos.

—Essa coragem é que D. Julia e sua mãe precisam ter, e hoje muito maior para remedear os erros já feitos. Aproveitei o ensejo para lhe dizer estas palavras sinceras; sou um simples empregado da casa do snr. conde, é verdade; mas a grande confiança que teem depositado em mim, a dedicação que desejo manifestar-lhes e a amizade que me liga a Rodrigo de Menezes, tudo isto me absolve um pouco da franqueza e da sinceridade com que lhe falei.

—Ainda mais uma vez lhe agradeço! creia que me renovou o espirito, insuflando-lhe audacia para arrostar com a onda da opinião. Agora a minha luta ha de ser com minha mãe. Vencerei? Talvez. Quer auxiliar-me? perguntou ella, d'esta vez com sincero e alumiante sorriso.

—Em tudo, creia, tem em mim um

sincero amigo. Aconselho-a a que metta seu tio na conspiração.

— É uma boa idéa ; o tio Rodrigo exerce grande influencia no espirito da mamã.

— Se quer, até eu lhe posso tocar no assumpto.

— Pois sim . . . E, ainda uma vez, muito agradecida ! exclamou Julia, de pé, inclinando o rosto e fixando em Fernando os olhos meigos e amoraveis. Elle, levantou-se, e cumprimentou-a com um respeito, que desmentia um tanto da familiaridade como lhe acabára de falar.

Julia começou a frequentar theatros e as casas onde conservava relações. Ao principio acompanhava-a o tio; pouco a pouco, vencida a relutancia da condessa, esta prestou-se a segui-la. Em toda a parte foram recebidas gentilmente, e de tal modo, que ambas estavam encantadas. A condessa, ou por influencias da filha ou de Rodrigo, continuava distinguindo Fernando. O proprio conde em longas cartas mostrava-lhe uma exagerada gratidão. N'uma insinuava elle a

conveniencia de pôr em nome de Fernando algumas acções do Banco de Lisboa para, nas proximas eleições dos corpos gerentes ser eleito director, a fim de concorrer para que o conde de Refoyos e o grupo de que elle era chefe e que tanta preponderancia alcançára outr'ora nos negocios do banco, de novo a obtivesse e fundamentasse outra vez o antigo credito. Este papel de testa de ferro não lhe repugnou; porque a verdade é que Fernando Ribeiro não tinha escrupulos pueris e desejava caminhar na vida. Falou a Rodrigo de Menezes sobre o assumpto de que tratava a carta do conde. Rodrigo, prometteu tentar o terreno, e obter a adhesão dos antigos amigos do conde de Refoyos; era preciso contar com o abandono e a infidelidade de muitos. As acções foram averbadas em nome de Fernando Ribeiro: dois mezes decorridos, realisaram-se as eleições no Banco de Lisboa. Foram renhidas; mas o syndicato que protegia a casa Refoyos e tinha em parte os seus interesses ligados ao destino do conde, obteve um triumpho relativo. Foram eleitos directores, além de

Fernando Ribeiro, dois sujeitos do grupo do conde.

Esta victoria confirmou ainda mais os creditos de Fernando. Este pensava nos caprichos do destino que o fizera a elle, seis mezes antes, simples guarda-livros d'uma fabrica de moagens, publicista e orador revolucionario, director d'um estabelecimento de credito importante, e com um ordenado que nunca suppoz que viria a ganhar. Os pensamentos ambiciosos, porém, não o abandonavam; era preciso caminhar mais, muito mais. O logar de director do banco era sincura para tres ou quatro annos e, decorridos estes, a reeleição cousa bastante incerta. Fernando pensou então em Julia, na encantadora e docil mulher que redobrava de gentileza para com elle. Não a amava; mas ella encantava-o, enternecia-o, e, desde que a comprehendera melhor, o que ao principio lhe descobrira de sombrio e de brusco no character, transformara-se agora na mysteriosa e delicada reserva das almas escolhidas. Da curiosa amizade que lhe consagrava até ao amor, a distancia não seria muito

grande; não tinha elle amado Bertha com impeto, e não a esquecera quasi completamente? Prometteu não abandonar estas idéas e tentar qualquer cousa n'esse sentido. Tratava-se, porém, de proceder com calculo e sem inutil precipitação.

III

Bertha acabára a sua *toilette* e saíra para a rua. Chegou á Patriarchal. Era uma tarde resplendente de sol, uma d'essas tardes de junho em que o azul do ceu è pallido, em que a terra pede agua, os passaros se abrigam nas arvores de sombria verdura, as hastes das plantas unem-se como as mãos dos que supplicam, e as flores, molhadas pelos salpicos da agua do repuxo, tinham reflexos diamantinos. Bertha vestia um vestido côr de rosa claro, apertado na cintura por um cinto de seda azul. O chapéu, uma pequena touca transparente, posto no alto da cabeça, deixava-lhe mostrar o lustruoso do

cabello. Caminhava triumphantemente pelo jardim, provocando olhares d'admiração nos passeantes que ahi se encontravam; a mão, que segurava a rendilhada sombrinha, brincava distraidamente com a argola de prata do cabo. Na rua do Moinho de Vento, de repente, quasi como uma apparição, deu de cara com Fernando Ribeiro. Vira caminhar pelo passeio um homem, vestido de claro, uma rosa amarella na casa do casaco, um exemplar de cuidadosa elegancia; o que contrastava muito com a antiga e desleixada maneira de vestir de Fernando. Bertha estava bem longe de imaginar que o seu antigo namorado era esse elegante e distincto sujeito que se dirigia para ella. Fernando, por seu lado, tambem ao aproximar-se d'aquella vistosa e bella mulher, que apparentava uma rara formosura e trajava tentadoramente, fixou-a. Os seus olhares trocaram-se; Fernando, por instincto, ia como que a dirigir-lhe qualquer palavra de desdem, pois que o rosto se lhe carregou e os beiços se lhe torceram; um indulgente sorriso de Bertha obrigou-o ao silencio. Ella perguntou-lhe:

— Porque me não falas ? Desprezas-me tanto que nem isso te mereço ?

— Como tudo acabou entre nós, tu não és para mim mais do que uma indifferente, respondeu Fernando n'uma attitude reservada.

No emtanto o seu olhar percorria-a toda ; mirava-lhe o busto appetitoso e sensual, que o decote do vestido deixava sobresair ; as luvas brancas que subiam ao meio das mangas ; os pés, calçados em sapatos de pellica dcurada, deixando ver a meia preta ; e, enfim, esse rosto perverso e attraente, que tanto o fizera soffrer : os olhos de tão depravada mobilidade, que tanto o enganavam, a boca de labios vermelhos que tanto lhe tinham mentido, o pescoço d'uma seductora altivez de cysne, que tantos sonhos voluptuosos lhe produzira ; tudo o que havia de radiante e enganador n'essa mulher que o seduziu, tudo appareceu diante de Fernando n'um misto de visão e de realidade. Ella sorria ! O riso, que o pervertera e lh'enfiltrára as enganadoras chimeras d'um amor sedento, expressava-se de novo no rosto

d'essa mulher, feita para seduzir e enganar. Elle não sentiu desejos de fugir. Contemplava-a n'um silencio embaraçoso. Bertha rompeu-o, dizendo :

— Não desejo justificar-me ; apenas queria que tu conhecesses os motivos da minha queda e me acceitasses tal como hoje sou... Ris com desprezo ?

— E: nunca te poderei desprezar, observou Fernando.

— Agradeço-te, disse ella, lisongeadamente. Oh ! tu és bom e has de me perdoar. Por isso desejava pedir-te uma fineza : se te podes encontrar comigo n'um dia que eu designar e te não faça transtorno ?

— Não, não posso, respondeu Fernando, de modo evasivo.

— Fazes-me isso ao menos ? insistiu ella, supplicante.

Elle condescendeu, e Bertha propoz-lhe o ir ter com ella á rua d'Atalaya, no dia seguinte. Despediram-se. Fernando arrependeu-se de ter cedido ; desejava vel-a, possuil-a talvez, visto que agora não lhe restava escrupulo algum a que attender ; mas, ao

mesmo tempo, a maneira como cedera, pareceu-lhe prova de fraqueza, do predomínio que Bertha, antes a formosura d'ella, exercia no seu espirito. Depois a sua vida complicava-se e, agora, a maior das suas preocupações era o ensejo de se declarar a Julia. Apesar do descontentamento que lhe causava o encontro com Bertha não deixava de desejar com certa lubricidade o *rendez-vous* combinado. No dia immediato entrou no andar da rua da Atalaya e ali achou Bertha, recostada langorosamente n'uma *chaise-longue*, fumando uma cigarrilha russa. O fumo levantava nuvens côr d'algodão em rama, e Bertha fixava a cinza aloirada, quando os passos d'elle a fizeram voltar a cara e lançar fóra a cigarrilha. Ella vestia uma bata d'um azul pallido, de rendas, cingida á cintura por fitas de seda. Fernando percebeu em que especie de logar se achava, ao ver o quarto interior com o leito de polimento e as cortinas d'armação, e a outra casa em que estava Bertha, mobilada com um gosto meio pelintra meio luxuoso.; os reposteiros verdes, a alcativa de ramagens, o toucador d'espe-

lho, os sofás e as cadeiras de molas gastas, indicando um continuado uso, tudo lhe revelava que essa casa servia a Bertha para outros *rendez-vous*, e exercer ali o mister a que se dedicára. Uma irritação surda dava-lhe impetos de descompor a mulher viciosa e depravada que tinha diante d'elle. A custo se conteve e, em silencio, puxou uma cadeira para junto de Bertha.

—Então que desejas? perguntou.

—Ainda me não pudeste perdoar? disse ella. Eu segui o meu destino e, mesmo depois d'aquella carta secca que me escreveste, o que havia de fazer?

A Fernando repugnavam-lhe aquellas explicações, mas por outro lado sentia-se desejoso de saber a que depravações desceira a mulher que elle tinha amado.

—Mas a que titulo me desejas contar a tua vida? amei-te? hoje não te amo, conservo apenas para contigo uma certa gratidão, ao lembrar-me das horas deliciosas que passei no largo de S. Miguel, mas tambem te detesto e odeio nos momentos em que me atravessa pelo espirito a recordação do

que me fizeste soffrer ! e para que ? para seres amante do velho e devasso Pedro d'Azevedo !

— Deixa em paz o pobre homem, atalhou Bertha, ferida no seu orgulho ; elle tratou-te bem no julgamento e ama-me. Satisfaz-me todos os caprichos, adora-me, e, se não o posso amar, sou sufficientemente grata, para o estimar como merece.

— Nada de patacoadas ! exclamou Fernando bruscamente. Tens já a giria da classe a que pertences ; estimas o velho, és-lhe grata, porque te dá dinheiro, e andas ali pelos *cotés*, como este, para apanhares ainda mais dinheiro aos papalvos que te pagam uns momentos de enganador prazer ! És para mim uma creatura desprezível !

Fernando concluiu estas palavras, com theatral eloquencia ; e, levantando-se, começava a passear pelo quarto. Bertha sorria com esse riso enigmatico da mulher que sabe comprehender quanto é adorada e desprezada, a um tempo, pelo mesmo homem.

— Insulta-me á vontade, mas acceita-me tal qual sou.

— Eu acceitar-te ? quem me julgas ? continuava elle imperiosamente. Por que te fizeste, de simples filha d'um ferreiro, uma *cocotte* cara e desejada, persuades-te que eu sou victima da mesma seducção em que enlaças os outros ? enganas-te. Poderia estimar a mulher que se pervertesse por amor e por capricho, mas não vivesse á custa da sua corrupção. Á que, porém, se atolou n'um lamaçal de prostituição e de immundicie, tenho-lhe asco e vontade de lhe escarrar.

— E quem t'ó impede de o fazer ? acrescentou Bertha n'uma humilhação irritante.

Fernando, decerto não pensava uma unica das banaes palavras que acabára de proferir ; no emtanto, aquella attitude de Bertha irritava-o pelo que n'ella encontrava de calculador e de capcioso. Á pergunta de Bertha, a onda de colera que lhe refervia, reben-tou em improperios obscenos, em gestos furibundos, com contracções horriveis do rosto.

Para um estranho que o contemplasse, Fernando era um doido ridiculo ; para Bertha interessava-a, porque percebia o impe-

rio da sua belleza sobre esse homem que a insultava em termos tão chulos, como os d'um fadista á ultima das marafonas.

Esses insultos eram uma voluptuosidade para a depravada mulher. Não tentou sequer fazel-os cessar com uma unica palavra de revolta; antes o seu sorriso humilhante como que lh'os pedia.

Fernando, ainda agitado, exclamava :

— E para isto vim eu aqui! para ver este exemplar de abjecto cynismo! E nem uma palavra me dizes para te justificares?

O silencio de Bertha fez-lhe perder o pouco da paciencia que lhe restava. Approximou-se d'ella, de punhos cerrados, e desfechou-lhe uns poucos de murros violentos. Bertha, n'um grito surdo, tombou, e Fernando, vendo-a caida, esmurrou-lhe a cara e o corpo, batendo-lhe brutalmente, bestialmente, com os pés e com as mãos. Ella pedia-lhe em soluços entrecortados: «Não me batas mais, meu amor! Perdôa-me... deixa-me... ah! ah!» e como Fernando, ao passo que ella pronunciava estas palavras, mais a espancasse, ella acabou por se calar,

dando apenas gemidos abafados. Chegou um momento em que o canção ou a dôr a fizeram erguer, n'um impeto tragico d'apparição, diante de Fernando; este recuou e viu-a pallida, os olhos inflammados pelo choro, as faces amachucadas, a bata rásgada, e os braços supplicantes. Insensivelmente, por um movimento automato, Fernando caiu n'esses braços e enlaçando-a, deitou-a sobre o leito; onde os seus dois corpos se confundiram em silencioso prazer.

Fernando despediu-se de Bertha, pensando nas incongruencias do destino que acabavam de tornar sua amante uma mulher, que elle outr'ora desejava com o ingenuo amor de namorado. Por esse motivo não tinha muitas razões para não estar contente; o seu nervosismo e a sua excitação haviam sido acalmados pela sova que dera e pelos momentos de goso. Entretanto receava que a sua decisão de se declarar a Julia, logo que se lhe offerecesse ensejo, não fosse enfraquecida pelas entrevistas com Bertha. Tinham combinado encontrar-se na mesma casa duas vezes por semana. Fôra

Bertha a primeira a propôr-lhe, e Fernando annuira. Elle procurava arrepender-se d'essa annuencia e não podia. Que Bertha era uma *cocotte* interesseira via-se bem á evidencia: tudo n'ella respirava vicio e lubricidade. Mas Fernando, espirito libertario e desdenhoso da honra familiar, não se preocupava de modo algum com isso. O seu ideal era o amor, sem o bestifero ciume, o amor indulgente dos philosophos e dos artistas. As suas abstracções de homem de espirito, de certo que o não tinham ainda libertado de todo do ciume; mas, como sabia distinguir entre a vida idealisada e a que se realisa, e a herança das qualidades bestiaes dominam em todos os seres, estava sujeito a esses effeitos. Chegou a Santa Martha, entrou no escriptorio e abriu uma carta sobrescriptada para elle. Era d'um integro magistrado do Supremo, a quem Fernando comprára a indulgencia, participando-lhe que no dia immediato baixava deferido o accordam sobre a demanda do conde de Refoyos. Julia entrava n'esse momento; Fernando mostrou-lhe a carta e felicitou-a.

— É mais um favor que lhe devemos, disse ella.

— A mim? Por que me interessei pela resolução d'um negocio tão importante e em que estava empenhada a honra do pae de D. Julia? Cumpri apenas com o meu dever.

— Foi ao seu zelo que nós devemos a prosperidade actual dos bens de meu pae...

— Não me comprometta com esses agradecimentos injustos; pois que, se alguém deve estar agradecido, sou eu, pela maneira como me trata D. Julia e sua mãe, fazendo-me esquecer que eu sou um empregado apenas da casa do snr. conde. Se eu podesse ser feliz, isso era para mim mais do que bastante! exclamou Fernando, expressando a sua melancolia n'um amargoroso sorriso.

Julia ficou silenciosa. Depois perguntou:

— E não póde ser feliz?

— Não, não posso.

— Por quê?

— Os meus dissabores interessam-n'a?

— Ah, perdôe-me! exclamou ella, como para se corrigir.

Fernando percebeu que era chegado o momento de tudo confessar. Dir-se-ia que as palavras lhe faltavam, e o sangue frio o abandonava n'esse momento solemne. Aproximou-se de Julia e disse-lhe em voz baixa e embargada realmente por uma commoção sincera:

— Amo-a, amo-a !

Julia fixára-o com um olhar perscrutador e carregado, que, pouco a pouco, se transformou n'um imperceptivel e benevolo sorriso, á medida que Fernando continuava dizendo estas palavras intercortadas :

— Amo-a sem esperança, mas nem por isso o meu amor é menos intenso e vehemente. . . Julia é o anjo poetico d'esta casa para onde vim viver, e que admira que eu recebesse a influencia d'essa seducção ! O que lhe confessei nada tem d'irrespeitoso ; foi apenas um desabafo e um allivio para a minha alma afflicta, para o meu coração insofrido. Nada me diga ; se não me pode perdoar, ao menos tenha a indulgencia que se tem com os desgraçados que amam sem esperança.

Um ligeiro rubor manchava as faces de Julia, os seios arfavam n'uma palpitação de mulher que se sente amada. Fixou ainda uma vez Fernando, como querendo adivinhar-lhe o pensamento, e sem uma unica resposta, desapareceu pelo corredor.

Fernando escutou os passos ligeiros de Julia que, pouco a pouco, se sumiram.

— Foge-me! pensou elle, entregue ás naturaes preocupações da sua situação estranha. Julia não lhe pareceu scandalisada; mas o que significava essa fuga e esse misterioso silencio?

Julia entrou n'um pequeno gabinete onde costumava passar algumas horas do dia. Sentou-se n'uma cadeira, proximo da janel-la. O que ouvira a Fernando entrara-lhe bem no coração. Elle amava-a! O som d'aquellas palavras, d'uma sublime magia para toda a mulher sentimental, repercutia-lhe ainda nos ouvidos, fazendo-lhe cerrar as palpebras, as suas longas palpebras setinosas, n'uma idealisação chimerica de prazer. O espirito empolgado embrenhava-se pelas regiões do sonho. Depois começou a raciocinar. Por-

que motivo Fernando a impressionava? A verdade era que, decorrido pouco tempo depois da entrada d'elle como empregado de seu pae, Julia recebeu logo a influencia d'esse homem, muito pouco parecido com a maior parte dos que conhecera e a tinham cortejado. Nenhum d'estes conseguira fazer-se amar. Mas esse homem que lográra insinuar-se no animo de seu pae e no de sua mãe, por quem ella no começo tivera uma certa repugnancia, ao saber da sua monomania revolucionaria, pouco a pouco foi aclarando a atmospherá carregada e tristonha d'aquella casa, pela variedade da sua conversação, pela subtileza do seu espirito, animando-a e aconselhando-a d'um modo insinuante e perspicaz, a ponto de que Julia quando ouviu essa declaração inesperada, já ha muito comprehendera o prestigio que elle exercia na sua alma de mulher, anciosa d'amar e ser amada.

Fernando ao jantar, a que assistiu Rodrigo de Menezes, olhava com certa curiosidade para Julia. Esta conservava-se um pouco reservada, evitando-o com a vista e

falando pouco. Depois Fernando e Rodrigo desceram ao jardim, e Julia não os acompanhou, indo recolher-se aos seus aposentos. Nos dias seguintes, sempre que tinha a tratar com Fernando ácerca dos negocios do conde de Refoyos, falava-lhe como se nada tivesse acontecido. Elle porém achava-a menos expansiva. O que o intrigava era o silencio de Julia sobre o que succedera.

— Sou-lhe indifferente, pensava Fernando. E faz-se generosa, fingindo que nunca mais pensou no que lhe disse. Ou não me acreditará?

Esta duvida e incerteza preoccupava-o. Por que não havia de procurar outro ensejo para se declarar de novo e definir claramente a sua situação?

N'uma manhã em que Julia entrou no escriptorio, parecendo agitada, nervosa, e com impaciencias, fóra dos seus habitos, Fernando disse-lhe melancolicamente:

— A D. Julia deseja-me fazer sentir bem a minha posição de subalterno, julgando que eu, talvez por lhe ter dito ha dias que a amava, que a amava sem esperança, me es-

quecera. N'um momento de sinceridade enganei-me julgando que a uma senhora, mesmo como a D. Julia, se pôde falar d'amor, a não ser por brincadeira. Perdôe-me.

No rosto de Julia desenhava-se o espanto e a admiração.

— Eu fazer-lhe sentir a posição de subalterno! exclamou ella, repetindo textualmente as mesmas palavras de Fernando. Eu! Affianço que se engana. E já que me provocou a falar com sinceridade, em resposta ao que me confessou, dir-lhe-hei: — Eu também o amo! Mas não lhe posso prometter uma felicidade de que o senhor é digno: nada tenho, tudo pertence a meus paes; que importa que possa vir a ser rica, se agora estou sob a dependencia d'elles? Convem-lhe sacrificar-se por uma mulher em taes condições? e eu devo-lhe acceitar o sacrificio?

— Como as suas palavras me consolam! disse Fernando. Quanto a sacrificio, Julia esquece que, se nada tenho direito a exigir de seus paes, tenho uma posição sufficiente para mantel-a na dignidade em que tem vivido. Ha pouco mais d'um anno era pobre;

hoje ganho o bastante para não carecer de favores ou auxilios.

Julia sorria, orgulhosa, ao ouvir aquellas phrases altivas. Pobre mulher! Se pudesse descer ao fundo da alma d'elle, que triste desillusão não traria d'esse abysmo! Gostava, como todas, mesmo as mais practicas — e Julia era-o muito — dos sentimentos de soberba audaciosa. Fernando continuou :

— Mas deixemos estas preoccupações, por agora. Como eu agradeço a vida que me deu! sinto-me remogar, com a lembrança de que pude merecer a benevolencia do seu coração indulgente e bom! Permitte-me que fale á snr.^a condessa, pedindo-lhe a sua mão?

— Como simples formalidade, permitto, disse Julia. A minha mão já eu lh'a concedi! exclamou ella estendendo-lhe os finos e delicados dedos, que Fernando beijou com efusão sincera.

— E o conde? perguntou Fernando.

— Meu pae, supponho, não tentará crear-nos difficuldades.

— É forçoso que o conde de Refoyos

não contrarie a nossa união, disse Fernando, pensativo.

Quando tratára de se declarar a Julia, afastava sempre do pensamento a lembrança de ter de pedir o consentimento do conde e da condessa.

— Como eu desejo fazel-a feliz! exclamou Fernando, fixando-a com um olhar enternecido.

Ella tinha no rosto o eloquente sorriso da mulher que se sente amada e que ama. Talvez esse sorriso mais alguma cousa expressasse: o desejado abandono da tristonha casa, em que a sua existencia se passava monotonamente, para uma outra, onde a vida tivesse mais imprevisto e mais novidade.

Na mesma noite em que Fernando tivera a explicação com Julia, a condessa recebia o irmão n'uma saleta, onde um *abat-jour* de setim d'azul pallido velava o jorro da luz d'um candieiro de porcellana ingleza, espalhando pelos trastes uma claridade suave e discreta. A condessa, ao ver o irmão, disse-lhe:

— Pedi-te para vires, porque temos

de falar a sós d'um assumpto muito importante. Fernando Ribeiro acaba de me pedir a mão de Julia...

— E tu? perguntou abruptamente Rodrigo.

— Não dei resposta definitiva, nem posso dal-a, bem sabes. Escreverei a meu marido e depois veremos...

— Mas a tua opinião sobre o assumpto? Estás inclinada a ceder?

— Este casamento, com franqueza, contraria-me bastante... Bem sei que Julia é maior e póde fazer o que muito bem lhe aprouver; no emtanto desejava impedil-o...

— Que motivos tens para isso? atalhou ainda Rodrigo, impaciente por tomar a defesa de Fernando, que elle bem entendia que ia ser atacado pela irmã.

— Muitos. O primeiro é este Fernando ter-se mettido em nossa casa, abusando da nossa confiança e estima para namorar Julia, talvez pelo dinheiro que esta possa vir a ter; o segundo é que este Fernando era um d'esses oradores d'associações, que elogiavam os baixos instinctos da plebe, e

agora, feito director d'um banco, administrador d'uma casa rica, deseja tomar partido da posição a que subiu, graças á tua protecção e á de meu marido, a quem prestou certos favores de que deseja fazer-se pagar, desposando Julia. E, acredita, palpita-me que anda aqui mais calculo do que amor.

— És muito injusta, condessa. Esqueces que o zelo que Fernando empregou na administração dos teus bens e nos de teu marido, a perspicacia como conseguiu, pouco a pouco, rehabilitar-o no seu antigo credito, desmentem bastante as accusações que lhe fizeste. Por que não ha de Fernando amar Julia? Isso é natural: ella é nova, bonita e encantadora; elle é intelligente, captivante e fino. Tu puzeste-os em contacto, encarregaste Julia de tratar por ti todos os negocios com elle. D'essa convivencia nasceu o amor e, como se amam, e Fernando, se alguma cousa vos deve, tambem fez muito por ti e pelo conde, não hesitou em pedir-te Julia. Por que has de querer vêr n'isso um calculo n'um homem que nunca os soube fazer em sua vida, e que se aqui está em vossa casa

foi porque eu cá o metti, aconselhando-o tambem a que abandonasse esse campo de propaganda chimerica, em que se lançára, por uma existencia mais pratica e proveitosa? Condessa, condessa! Nós estamos a despedir-nos da vida, e devemos ser mais indulgentes para aquelles que ainda cá teem de ficar. Deixa que se amem, e sejam felizes.

— Sempre indulgente, sempre indulgente! A todos queres absolver e desculpar. Seja como fôr, contraria-me e hei de escrever a minha opinião ao conde.

— Faz o que quizeres, ajuntou Rodrigo, mas assim obrigas-me a que eu tambem lhe escreva intercedendo por elles.

— E talvez o meu marido te dê razão! exclamou a condessa, desanimada. Tem-o em grande conta e a verdade é que vocês todos, meu marido, minha filha, tu, e até eu, andavamos embasbacados com o talento d'esse sujeito, que entrou aqui ha pouco mais d'um anno com as botas rotas e o fato sebento, e agora se prepara para nos tirar a nossa Julia, que nós creámos para alguem

do seu mundo e da sua raça, que a pudesse tornar mais rica e feliz!

As palavras da condessa expressavam a amargura de mãe a quem desejam tirar a filha. Também indicavam o rancor de mulher, aferrada a antigos preconceitos, por um homem que era a mais completa antithese d'esses preconceitos.

Rodrigo de Menezes ainda respondeu :

— Muito ambiciosa és, condessa. Ainda achas que a tua filha tem poucos meios para ser feliz. Preferias vel-a casada com um homem da tua sociedade? São bons, os noivos da vossa sociedade! Pegadores de bois, amadores tauromachicos, analphabetos quasi todos, com instinctos bestiaes e grosseiros, que herdaram dos paes, eis ao meio a que tu desejavas ir buscar um marido para Julia, para essa delicada e linda rapariga! Querias uma flor d'estufa, como Julia, nos braços d'um moço de forcado, como o D. João Martins? Ou d'um alquilador de cavallos, como o D. Pedro Barreto? Ou d'um toureiro, como o Carlos de Lencastre? Ou d'um bebedor, como o Eduardo de Figueiredo? Ou de

uma besta analphabeta, como o Joaquim Sampaio? Dize! Preferes qualquer d'estes, de quem te falo, por que sei que tentaram fazer a côrte á tua filha e foram dignamente repellidos?

— Se não desejava que minha filha desposasse esses, tambem posso não gostar que case com Fernando. . . Seja como fôr, o caso está ainda dependente de muitas cousas.

— Crê que Julia ha de ser feliz, concluiu Rodrigo de Menezes.

IV

O conde de Refoyos respondeu á esposa aconselhando-a a ceder ao capricho de Julia, e participando que partiria de Paris para Lisboa o mais depressa possivel. As condições que o conde escreveu a Fernando eram simples:— o casamento realisar-se-ia na igreja do Coração de Jesus com todo o fausto e esplendor; Fernando tinha d'acceitar-lhe a filha

com um dote; Julia não sairia de casa de seus paes, que lhe cederiam uns aposentos na ala direita do palacio, aposentos que mobiliariam conforme fosse do seu gosto e agrado. O conde alegava as razões de todas estas minucias e exigencias. Fernando achou-as, em parte, rasoaveis. A do casamento esplendoroso no Coração de Jesus é que lhe dava que scismar. Evidentemente era um *truc* do conde para se impor a essa sociedade que o repellira; sob este ponto, nada tinha a dizer. Mas supportar o imbecilismo dos convidados, os olhares libidinosos, os ditinhos, as perguntas perfidas, as cortezias, devia ser nauseabundo. E elle que pensara em casar-se n'uma fresca madrugada d'outubro, o poetico mez do melancolico outono, e, apenas saído da egreja, fugir com Julia para o solar que os condes possuíam nas margens do Ave! Depois o latinorio dos padres, o ar cavernoso e estupificante das egrejas!

Para elle o casamento civil ou o casamento catholico eram inutilidades ridiculas com a mesma significação. Mas o primeiro dispensava o padre, a confissão e outras par-

voices sollemnes, que irritavam o seu espirito negador; n'este apenas se necessitava da presença de sebentos funcionarios publicos e não havia o cheiro á cera das egrejas e dos defuntos.

Uma lembrança ainda mais terrivel atravessou-lhe o espirito: o ter de se confessar e receber a hostia! Elle que tinha horror ás egrejas, onde se adoravam os deuses, inventados pela ignorancia dos homens, que detestava os padres pelos seus torpes misteres, era forçado a ajoelhar-se aos pés d'um d'elles, declarar-lhe a sua vida e arrepender-se do que tinha feito! Tudo isto era infame; mas metterem-lhe na boca uma obréa branca e dizerem que engulia o Deus dos christãos, que o seu baixo ventre havia de despejar, cheirando muito mais mal do que quando lhe entrára na garganta, causava-lhe uma repugnancia invencivel. Na vida que adoptára não era mais do que um comediante, prestes a representar todos os papeis. Mas essa farça da communhão, pela obscenidade e pelo cretinismo que significava, ia muito alem do sacrificio que se impuzera!

A doação que o conde se obrigava a fazer a Julia, em compensação, agradou-lhe muito. Era talvez uma independencia que Fernando, dois annos antes, nunca sonhára obter. Com esse dinheiro podia dar largas ao seu desprezo e ao seu desdem; podia até correr uma parte do mundo, pelo braço d'uma mulher apreciavel e intelligente, fugindo á uniformidade da vida d'uma capital pacata como Lisboa. A outra imposição do conde, cedendo-lhe um dos lados do palacio de Santa Martha, tambem a suppunha acceitavel. Uma cousa preoccupava Fernando: a mobilia. Ir habitar as casas guarnecidas d'essa mobilia soturna e escura que abundava no palacio dos condes de Refoyos, isso desagradava-lhe muito. O palacio de Santa Martha, á excepção das duas grandes salas de baile, era todo mobilado com os grosseiros trastes que o imperio pôz em moda: solemnes cadeiras d'encostos hirtos, longos canapés proprios para se estenderem os gorduchos sargentões, que os acasos das guerras fizeram marechaes, e as suas grosseiras e mamalhudas mulheres, enormes

contadores de frisos doirados e madeira negra, o estylo de mobilia proprio d'uma epoca de espiões, de militares e de policcias. Nas côres predominava o vermelho grana-da, o preto, o azul escuro, o verde acinzentado, o roxo; nas tapeçarias e nos tapetes os vasos de flores banaes, sem exotismo, as figuras do oriente: mulheres semi-decotadas, de sapatos de bordaduras, ou velhos sultões de barba e cachimbo, com turbantes fantasticos, ou barbudos militares, galopando em ginetes com as pernas torcidas. Medonho! Nos *panneaux* dos salões reinava o azul escuro. Nada das côres alegres do se-culo dezoito, d'esse seculo de cortezãs e philosophos, da Du Barry e de Rousseau, da Camargo e de Beaumarchais, d'esse seculo de corrupção, d'uma corrupção intellectual e fina.

As bellas *nuances*, as graduações roseas, amaranto, lilaz, verde esmeralda, verde relva, aventurina, cidrão, palha, essas *nuances* proprias para dar ao espirito um sonho da vida, foram supprimidas. Fernando desejava mobiliar os seus aposentos e os de Julia n'esse

gosto do puro seculo dezoito. Com os seus appetites de *parvenu*, tornava-se exigente, extravagante, cheio de caprichos pueris; ás vezes, porem, as suas faculdades d'indulgente e desdenhoso, triumphavam. Julia, que o amava, sentiu-se dominada, transigindo em tudo, com uma passividade um tanto fóra do seu character.

Fernando pensou em Bertha e do modo como, na entrevista com ella, poderia disfarçar a noticia do seu casamento. Caminhou até á rua d'Atalaya e, ao entrar no *coté*, já lá se achava Bertha, langorosamente reclinada n'uma poltrona. Na sua cara, uma mancha esbranquiçada pelo pó d'arroz, destacavam tragicamente os grandes olhos escuros e encovados, a penumbra das olheiras, e os labios sangrentos do carmin.

— Tenho muito que te contar, disse ella. Meu pae e Carlota caíram-me em casa e não me saem de lá. Ella não me importa, que é boa companheira, e serve-me de distracção, mas o velho é insupportavel. Imagina que me está sempre a pedir dinheiro para a batota; atira-se ás garrafas de licores e vinhos

finos, e até joga a bisca com a criada. Está meio pateta. Se me pudesses servir de empenho para o metter n'um asylo, fazias-me um grande favor. Podes ?

— Não posso, respondeu Fernando com seccura; aconselho-te mesmo a que não faças isso. Esse pobre velho meio demente é teu pae e deves ter paciencia para o aturar. Carlota não vivia com elle e não lhe supportava as exigencias e as maluquices ? Como ella vive contigo, que trate do pobre homem. Elle não tinha a casa do largo de S. Miguel ?

— Foi penhorada, e supponho que não chega para pagar as dividas que contraíu.

— Sabes de quem tenho mais pena ? perguntou-lhe Fernando.

— De quem é ?

— De Carlota, que vae depender de ti e supportar-te os caprichos.

Bertha, dando uma gargalhada secca, respondeu:

— Não lhe prometteste protecção, quando foste ao largo de S. Miguel saber noticias minhas ? Cumpre agora a tua promessa.

— E não tinha duvida alguma em fazel-o.

— Deixa-te de lérias! Carlota está muito bem comigo, e affirmo-te que Pedro d'Azevedo e os seus amigos a tratam com o respeito que ella merece. Nem eu toleraria outra cousa.

— Ficam-te bem esses sentimentos, ajuntou Fernando com desdem.

Elle sentia-se mal disposto, preocupado com a idéa de participar a Bertha o seu proximo casamento. Receava provocar algum disparate d'essa mulher mais ou menos allucinada. Principiou a falar-lhe com certo aze-dume, calculando fingir uma zanga, que provocasse um rompimento, e evitasse assim ter de lhe fazer essa participação. Bertha humilhou-se ou não percebeu a frieza e o mau humor de Fernando. Este teve de recorrer aos meios brandos, e, delicadamente, entre afagos, no meio de voluptuosas caricias, deu-lhe a brusca noticia. Bertha abriu muito os olhos n'um gesto de assombro e espanto, pensou um pouco de tempo, e disse:

— Fazes um bom casamento. O que desejo é a felicidade, de que és digno; mas

espero de que te não esquecerás da amiga dedicada e boa que tenho sido para ti.

— Que idéa! Nada muda no nosso viver. Apenas é forçoso, que uns oito dias antes, eu não venha aqui. Oh, Bertha, cada vez te amo mais! exclamou elle jubiloso cobrindo-lhe o pescoço de beijos.

Bertha fixava-o com ironia.

— Saiste-me um completo comediante. Ha um anno ias morrendo de paixão por mim, e, agora, caes amoroso de Julia, essa santinha hypocrita, com quem pretendes casar... Repito-te: desejo que sejas feliz... Mas não posso deixar de me rir. O grande revolucionario Fernando Ribeiro desposando a filha d'um conde! Faz-me lembrar uma peça que vi ha tempo no *Príncipe Real*, *A vida d'um rapaz pobre*! Os homens, os homens! Quando estão para morrer apaixonados, curam-se sempre, casando com uma herdeira rica! Deves estar-me grato por me ter ligado com Pedro d'Azevedo!

— Decerto... Se desejas até que mande um bilhete d'agradecimento ao devasso juiz, faço-te a vontade.

— Não lhe fazias favor nenhum. Eu e elle dêmos-te ensejo d'arranhares uma mulher de dinheiro . . .

— Mau! atalhôu Fernando impaciente. Tu julgas que eu caso com Julia por causa do dinheiro?

— Então por que ha de ser? Pelos seus lindos olhos? deixa-te de cantigas! Quando ia a casa da madrinha lembra-me bem da lambisgoia da filha; e não me atrevo a acreditar que tu te namorasses d'ella só por a sua belleza.

O azedume de Bertha ia pouco a pouco augmentando, a ponto de Fernando se vêr forçado a fazer cessar a catadupa das palavras amargoras d'essa mulher.

Elle, ao despedir-se de Bertha, saiu satisfeito, o que não lhe succedia muito a miúdo. Ella portára-se como nunca esperára. Fernando dirigiu-se ao Banco de Lisboa, na rua dos Capellistas. Ao entrar no seu gabinete, o guarda-livros, um homem que elle protegera e auxiliára, participou-lhe confidencialmente que dois dos directores, collegas de Fernando Ribeiro, faziam parte

d'um syndicato, que tratava de negociar um empréstimo portuguez nas praças de Paris e Londres. Era um empréstimo, podendo deixar ao syndicato uns 3 p. c. de interesse, pouco mais ou menos duzentos a duzentos e cincoenta contos.

— E quem são os meus presados collegas que desejam apanhar uma tal quantia? perguntou Fernando, com uma commoção que lhe fazia tremer a voz.

O guarda-livros pronunciou-lhe ao ouvido os nomes de Eugenio Mayer e de Augusto Bensaude.

— É forçoso conseguir que os dois judeus não deitem as garras a tudo, e nos deixem alguma coisa! exclamou Fernando... Diga-me, elles foram encarregados pelo ministro de negociar o empréstimo ou são intermediarios d'um outro?

— D'um outro? Então V. Ex.^a não os conhece? Não é gente para isso, creia; talvez até o proprio ministro fosse forçado a acceital-os para tal missão.

— Seja como fôr, meu caro amigo, é indispensavel que eu entre no syndicato.

Talvez até precise do seu auxilio para me representar n'elle. Dou-lhe uma commissão de 20 p. c.

— Eu não vim participar este facto a V. Ex.^a com a mira no interesse, disse o guarda-livros; mas apenas porque lhe sou grato pela maneira como me tem protegido.

— Seja como fôr, o que disse repito-lhe: se alguma cousa conseguir, interesse-o em 20 p. c.; o amigo tem familia e está n'uma idade em que uns quinze contos o podem aliviar muito, disse Fernando com um sorriso de gratidão.

— Quinze contos! era uma fortuna! exclamou o guarda-livros, com o olhar acceso e fuzilante.

Fernando, ao ficar só, estudou o meio de não perder a occasião de se tornar rico e independente. O ensejo era esplendido! pensava elle. O conde de Refoyos chegava em breve e Fernando com setenta ou oitenta contos podia oppor um pouco a sua vontade aos caprichos e fantasias do conde. Depois já não representava, casando com Julia, o papel d'um parasita que fosse pescar um

dote. A tudo isto era digno de attender-se; mas acima de tudo, o orgulho e a felicidade da independencia, o poder isolar-se, fugir d'uma sociedade que era a antithese mais completa de todas as tendencias do seu espirito! Esta idéa é que mais o dominava.

Procurou os dois judeus. O Mayer, fingendo-se surpreendido, afiançou a Fernando Ribeiro de que estava totalmente enganado, que tal emprestimo se não realisava; Fernando, desvendou-lhe todo o plano, inventou uma conversa com o ministro, apertou-o emfim com tanta logica e insistencia, que o outro confessou, e perguntou-lhe o que desejava. Fernando disse o que queria; e o judeu, a quem já não era possivel recuar, aconselhou-o a que procurasse o Bensaude e lhe vencesse a resistencia. Não foi muito difficil, porque apenas confessou que Eugenio Mayer lhe concedera uma parte no syndicato, Bensaude, embora o coração se lhe despedaçasse, viu-se forçado a egual concessão.

Decorrido um mez, o emprestimo estava negociado e o syndicato dissolvia-se, dis-

tribuindo oitenta contos a cada um dos socios. Fernando Ribeiro foi pessoalmente entregar com uma certa solemnidade ao guarda-livros os dezeseis contos que promettera. O homem chorou de commoção, ao apertar a carteira das notas nas grossas e cabelludas garras. Fernando achava-se pois com sessenta e quatro contos; poudé collocal-os com bastante rapidez em varias empresas que, no conjuncto, lhe davam um juro de 6 p. c., ou fosse um rendimento annual de perto de mil libras.

Fernando, durante os dois mezes d'estas continuas preoccupações, desleixára um pouco os negocios do conde de Refoyos.

Julia estranhava-o; via-o quasi sempre absorvido e preocupado, conversando apenas o indispensavel. A condessa redobrava de frieza para com elle, sem que Fernando se importasse absolutamente nada com isso. Este desdem ou indifferença enfurecia ainda mais a condessa de Refoyos, que tentou insinuar á filha a mudança, quasi brusca, do homem que ella escolhera para marido. Julia fingia não aperceber-se de tal transforma-

ção; mas a sua alma embrenhava-se em conjecturas, procurando explicar a rápida mudança no character de Fernando Ribeiro.

Um dia, o conde de Refoyos, chegou inesperadamente. Trocadas as vulgares expansões, o conde pediu a Fernando Ribeiro uns momentos d'attenção. Fernando, conduziu-o ao escriptorio, e preparava-se para lhe dar conta do estado dos negocios da casa, quando o conde atalhou:

— Ah, perdão, meu caro amigo, não falemos agora n'isso; o assumpto é um pouco mais urgente. . . . Sabe que apressei a minha vinda de Paris, onde tencionava demorar-me ainda dois mezes a ultimar uns negocios, para vir a Lisboa por causa do casamento de Julia? . . . E julgava o amigo que eu tinha tempo de pensar no estado dos meus bens cá em Lisboa! Se está tudo nas suas mãos, está bem entregue, e não sou eu que penso em modificar esse estado de coisas. . . . Nunca me esquecerei de quanto lhe devo. . . . Mas vamos ao assumpto importante: lembra-se que ha tempo mandei-lhe uma carta, contendo certas condições. . . .

— Com algumas das quaes eu transigi.

— Fernando acceitava o dote de Julia, a condição de sua esposa residir no nosso palacio, e suppunha inutil que o casamento se realisasse com toda a solemnidade e pompa . . .

— E torno a insistir: detesto exhibições e espalhafatos; as ceremonias religiosas irritam-me funebremente, a mim, que não tenho religião alguma; sacrificava-me a esse casamento, de preferencia ao casamento civil, simplesmente para contentar Julia e seus paes; mas esse sacrificio não pôde ir, ao ponto de prestar-me a uma cerimonia pomposa e grotesca, a ver centenas de pessoas cubiçar-me a felicidade, a uma festa que me ha de encher de tristeza e tédio, n'um dia em que me devo sentir alegre e feliz.

O conde de Refoyos estava pasmado pelo que acabava de ouvir. •

— Nunca vi ninguem pensar assim! exclamou elle, manifestando com esta phrase o espanto que as idéas tão pessoaes de Fernando Ribeiro lhe causavam. Mas todos se casam na egreja, a hora qualquer do dia! e

até, quando o casamento é de pessoas ricas, essa cerimonia faz-se com todo o esplendor!

— Eu sei perfeitamente isso, conde, atalhou Fernando, sorrindo. Mas o que me importa a mim os outros? «os outros fazem, os outros acontecem!» Permitta-me que lhe diga que não quero saber de que façam isto ou aquillo. A minha vontade não é a vontade de todos, nem as minhas idéas são as da maioria! Desejo reivindicar o direito de ter vontade.

— Parece-me impossivel que um homem tão illustrado como o meu querido Fernando Ribeiro, se atreva a falar assim, e a cair nas vulgares declamações d'esses revolucionarios, a quem, outr'ora, auxiliou com o seu talento... Então o amigo quer ir contra os usos da sociedade?

Fernando Ribeiro teve impetos de desmascarar esse comediante que era um typo de inacceitavel inconsciencia ou de incalculavel desfaçatez. O conde de Refoyos, esse falsario meio timido, meio descarado, a prégar-lhe o accomodamento ás leis sociaes!

Fernando, com um riso mordente d'ironia, observou-lhe:

— Eu é que não esperava que o conde de Refoyos, depois de seis mezes de estada em Paris, me apparecesse tão methodico e moralizador. . . O mundo tem d'estas contradicções, e eu não tenho remedio senão acceital-as, quanto áquelles com quem tenho de lidar; mas, quanto a mim, só devo acomodar-me aos usos que posso supportar ou aos que a necessidade me obriga. . .

O conde percebera o subentendido das palavras de Fernando, e em vez de recuar, disse com certo azedume:

— Mas Fernando ama tanto Julia e não pôde fazer por ella o pequeno sacrificio que eu exijo?

— Mas se o conde é que exige não é por Julia que eu o faço, observou Fernando, meio risonho. Quer que lhe fale com franqueza? Eu não me sinto muito disposto a ceder, n'este ponto, entende-se, ao que me quer impôr. O conde é pae, manda. . .

— E vim eu de Paris, com o fim de que essa união se fizesse o mais depressa possi-

vel e você com as suas preocupações força-me a demoral-a! Ora deixe-se d'essas idéas caprichosas! Faça o que todos fazem...

— Já lhe disse, conde, que estou prompto a fazer o sacrificio de me casar n'uma egreja, mas muito pela manhã, sem espectaculo, sem exhibição e sem fausto...

— E elle a dar-lhe! exclamou o conde. O que Fernando chama exhibição é uso entre pessoas do nosso mundo, e eu não desejo faltar de modo algum a esse uso. Compreende? Você está teimoso; deixe-me encontrar o meio de podermos conciliar tudo... Ah, esquecia-me dizer-lhe: dentro de oito ou dez dias dou um baile para celebrar o meu regresso e, se tudo já estiver resolvido, aproveito o ensejo de o apresentar como meu futuro genro.

O conde saíra, e Fernando pensou no curioso exemplar de balofa vaidade que estivera ouvindo durante uma hora, que durára a inutil discussão. Era esse homem rasteiro e nullo, sem coragem para o bem ou para o mal, cheio de caprichos pueris, de pretensões ridiculas, de tolas exigencias, que elle ia ter

como sogro, supportando-lhe uma tutela, que já começára a manifestar-se quando lhe impoz as condições para consentir no casamento! Que perspectiva tão interessante, aturar sogro e sogra, ambos afinando pelo mesmo diapasão!

O conde, também ao sair do escriptorio, não levava boas impressões a respeito de Fernando Ribeiro. O que o espantava era como um homem que pensava d'aquelle modo e tinha tão excentricas idéas, lhe dirigira os negocios com um tacto tão admiravel. O conde entrou n'uma saleta, onde se encontrava a condessa e Rodrigo de Menezes:

— A Julia não está aqui?

— Não, respondeu a condessa... Julgo que ainda está no quarto... Querias alguma cousa?

— Queria, disse o conde. Queria-lhe perguntar se o seu futuro noivo endoideceu de repente, ou se aquella loucura serena já lhe dura ha muito? Ora o diabo do homem! E tu, disse elle, dirigindo-se a Rodrigo de Menezes, que o conheces ha mais tempo, é que me poderás responder... Eu

julguei que estava curado da monomania revolucionaria, desde que nos administra a casa, e apparece-me na mesma do que quando tu me dêste uma brochura d'elle, com que ri a bandeiras despregadas!

— Mas o que succedeu? perguntou Rodrigo de Menezes, no auge do espanto.

— O que succedeu! Succedeu que o teu protegido, o homem que tu metteste na nossa casa e se namorou da nossa filha, não quer acceder ao meu desejo de que o casamento se realise com todo o fausto e esplendor, e teve a audacia de me dizer que não se prestava a essa exhibição inutil! Por muito favor sacrifica-se a desposar Julia catholicamente, mas ha-de ser muito pela manhã, para evitar espectaculos!

— Isto até dá vontade de rir, ajuntou a condessa, desejosa de prestar auxilio ao conde contra Fernando. Quer-nos apanhar a filha e o dinheiro, e ainda se permite imposições e exigencias inaceitaveis! Eu bem sei quem é o culpado de tudo isto.

— Sou eu, não é o que queres dizer? perguntou Rodrigo, impaciente. De maneira

que se sou o culpado porque metti aqui esse homem, tenho tambem direito á gratidão que tu lhe communicavas, quando o sentavas á tua meza e lhe agradecias o zelo que elle empregava na sua administração, e que tu, conde, lhe manifestavas nas cartas que enviavas, não só a elle, mas a tua filha, a tua mulher e a mim mesmo. Que culpa tenho que Fernando pense d'esta ou d'aquella maneira? Vocês querem que um homem de trinta annos, com a intelligencia que elle tem, pense como todos? Se elle pensasse como todos, não te tinha ganho a demanda aos Pintos de Souza; se elle pensasse como todos, não tinha o grupo que tu representavas alcançado um unico logar no Banco de Lisboa. E é um sujeito, a quem vocês devem taes favores, que ousam accusar de que quer desposar Julia, pelo dinheiro que ella tem! Se fizesse como a maior parte dos administradores de casas ricas, se se aboitoasse com alguns contos de reis, talvez lhe chamassem desinteressado e integro.

— Ora lérias! exclamou o conde, torcendo os labios. . . Talvez não tivesse tido tempo.

—Teve tempo para lhes desempenhar a casa, não tinha tempo para lhes roubar duas ou tres duzias de contos de reis! ajuntou energicamente Rodrigo de Menezes.

—O que é certo, disse o conde, é que eu fundára grandes esperanças n'elle e vejo que fui illudido de todo... Sabes até o que já tinha tratado? Era dar-lhe, nas eleições que se realisam este mez, o circulo de Valença, onde nós temos influencia. E não era um bom presente de nupcias para um sujeito como esse Fernando Ribeiro, que ha um anno não tinha onde cair morto, fazel-o deputado, antes dos trinta annos, sendo já director d'um banco importante, e com um largo futuro diante d'elle? Dava-lhe uma posição, que muitos invejam e desejam, e poucos alcançam, dava-lhe a minha filha, preterindo tantos que a teem cortejado, tendo boas e elevadas posições, e não tendo a manchal-os esse passado que ha-de ser sempre uma nodoa na vida de Fernando, e tudo isto sua excellencia desdenha, atrevendo-se a impor-me condições intoleraveis!

—Mas tu ainda não lhe falaste da candi-

datura que lhe deseja offerecer? perguntou Rodrigo de Menezes.

— Não; mas depois da má disposição em que elle me deixou, nem me animei a isso . . . Fazias-me até favor tocando-lhe no assumpto.

— O que Rodrigo não conseguir d'elle, ninguém o conseguirá, observou a condessa.

— Emfim, já agora esperarei que sua excellencia se decida, disse o conde com ironia e resignação. Se nada puder conseguir, estou disposto a fazer o possivel para que o casamento se não realise . . . Bem sei que Julia é maior, e fará o que lhe aprouver; mas eu livro-me de responsabilidades.

A condessa applaudiu o conde, e Rodrigo de Menezes deixou-os, encolhendo os hombros, n'um gesto d'impaciencia e de mau humor. Procurou Fernando no escriptorio, onde este ainda se encontrava, trabalhando com afinco para esquecer os pensamentos que lhe tumultuavam no espirito.

— Preciso muito falar-lhe, disse Fernando a Rodrigo de Menezes.

— Estou prompto a ouvir-te, mas depois

de te dar conta da missão de que me incumbiram. O conde de Refoyos encarrega-me de te offerecer o circulo de Valença para as eleições que se realisam este mez.

— O conde endoideceu! atalhou Fernando com mau humor. Percebo-lhe bem os planos, mas estou resolvido a não me deixar enredar n'elles. O conde pensou: «este desgraçado entrou-me aqui, como um pobre pelintra, tendo-se compromettido pelas suas theorias revolucionarias, e eu fui pouco a pouco elevando-o: fil-o director d'um banco, vou fazel-o deputado, vou dar-lhe a minha filha, encarreiro-o na politica, onde, bem dirigido, e com protecções, pôde desempenhar algum papel de que possa tirar proveito; é emfim um homem que impuz e que tudo me deve; é um escravo que tenho algemado pela gratidão, que o ha-de ligar perpetuamente á minha existencia, e que pôde concorrer para apagar qualquer mancha do meu passado nebuloso!» Mas enganou-se nos seus calculos. Nem estou resolvido a deixar-me escravisar pela gratidão, nem me resolvo a acceitar esses favores que o conde

de Refoyos me pretende fazer. Eu deputado ! Como se me não considerasse sufficientemente inutil e imbecil no meio atrophizador em que vivo ! havia de procurar outro mais monotonico e mais insignificante ! Ah, meu caro amigo, o que me faz pena é que os outros façam de mim peor idéa do que eu mesmo faço ! A necessidade forçou-me a esta vida accomodatícia e convencional ; hoje, que felizmente obtive recursos que me garantem uma nobre independencia, estou disposto a não transigir, a não me sujeitar ás pueris exigencias do conde de Refoyos. Perco o logar d'administrador da casa, perco o de director do Banco de Lisboa, perco Julia. Que importa ?

Rodrigo de Menezes seguia com o olhar os cambiantes por que passava o rosto de Fernando ; estranhava-lhe o estado d'agitação e de revolta, manifestado nas palavras que elle pronunciára confusamente. Receou perceber o que ha muito suspeitava : a aridez d'aquella alma d'intellectual, a estagnação, a impotencia para tudo que não fossem especulações e raciocinios.

— Que importa! exclamou Rodrigo. Não te importas com Julia? Não a amas?

Fernando encolheu os hombros, n'um gesto automato d'indifferença, sorriu sombriamente, e respondeu:

— O meu amigo tambem quer descer aos arcanos mais intimos do meu pensamento? Pois bem: afundemo-n'os n'esse abysmo. Pergunta-me se amo Julia. Não sei! Em certos momentos, quando tenho diante de mim essa mulher attraente e cheia d'uma seducção discreta, poetizo-a como uma companheira que me poderá aligeirar e subtilisar a existencia; mas a razão diz-me que Julia é filha d'um homem convencional e estreito d'intelligencia, d'uma senhora, tendo vivido n'um meio religioso, cerrado, não comprehendendo nenhuma das expansões da vida, e que ella por força me ha-de trazer essa marca esmagadora. Em vão tento libertar-me d'este raciocinio, em vão tento abstrair o meu espirito d'estes pormenores, d'estas minucias, procurando abrir o pensamento aos amplexos da paixão. Impossivel! Tenho an-

cia e desejo d'amar, mas do amor só sinto a ancia e o desejo!

— O que me dizes é muito horrivel! exclamou Rodrigo, meneando a cabeça tristemente. Não pôdes amar e disseste a Julia que a amavas, foste cercando a pobre pequena d'uma atmosphera de enganadora seducção, foste infiltrando os venenos perturbadores, que a inebriaram e desejas agora que essa mulher simples, incapaz de perceber os meandros complexos do teu character de depravado, que se compraz na analyse só pela analyse, que acha curiosa a tortura inutil d'um coração de mulher nova, onde a sensibilidade enterra com crueza as garras empolgantes, ao acordar do bello sonho que todas fazem de amar e de serem amadas, fique para sempre dilacerada e ferida, o coração mutilado, a alma cheia d'angustia e d'insondavel dôr.

— Ha justiça nas suas palavras; mas os pensamentos do homem não seguem o caminho da justiça; sinto assim, não posso sentir d'outro modo, por mais esforços que faça para isso.

— Eu compreendo-te, disse Rodrigo;

percebo o estado de estagnação moral a que chegou o teu pensamento, fluctuando n'um meio mesquinho, mau, contaminado, absorvente. Queres sentir e não sentes; queres amar e não pòdes; queres ter energia, força, coragem, logica, e a sociedade e o meio em que vives tudo isso te arranca! Percebo esse estado d'espírito; mas do que não posso de modo algum absolver-te é por queres arrastar comtigo a essa desolação uma mulher ignorante e ingenua como Julia, que não tem culpa alguma de que lhe dissesses que a amavas, illudindo-a e mentindo-lhe.

—E estava prompto a sacrificar-me a esse simulacro d'amor e a desposal-a, se o conde não viesse com exigencias intoleraveis, e se eu não tivesse percebido o calculo que elle formou de fazer de mim um d'esses insignificantes parvos a que o mundo chama alguem! Como se n'uma sociedade assente em formas ineptas o unico valor d'um individuo não consistisse exactamente no contrario, não ser ninguem!

—E como pretendes alcançar essa brilhante posição? perguntou Rodrigo de Me-

nezes, não podendo deixar de sorrir-se das cathgoricas idéas de Fernando. Demittes-te dos cargos que occupas e lança-te outra vez na propaganda revolucionaria ?

— A propaganda revolucionaria em Portugal ! Meu caro amigo, eu já perdi todas as illusões e hoje só penso n'uma coisa — fugir ! Vou correr mundo, desnacionalisar-me, observar as formas da vida humana e das vãs instituições, creadas pela audacia dos mais nullos, nas diversas partes do globo. Verei muita coisa nauseabunda ; mas o meu espirito ha de abrir-se n'esses vastos horisontes. A minha misantropia talvez se dilua em uma indulgencia geral ; e o meu scepticismo talvez melhore ao contacto da plena natureza. Bem sei que a cura do meu mal-estar e da minha doença é impossivel. As instituições modernas são formas gastas, simulacros vãos e sem senso ; a contradição constante entre as idéas scientificas e philosophicas do nosso tempo e as formas das nossas civilisações, esta necessidade de viver no meio d'instituições que nos parecem mentirosas, eis o que nos torna pessimistas e scepticos : é a chaga

sangrenta do mundo civilisado. N'este conflicto intoleravel perde-se a alegria de viver e o desejo de lutar; eis a origem do mau-estar febril que atormenta todos os cultivados de qualquer paiz. E eu luctei quando a necessidade me forçou a isso, sobrepujando o nojo que me causava essa lucta. Pude obter o dinheiro bastante para a dispensar, e não carecer de sujeitar-me aos caprichos pueris e vãos d'um conde ou d'uma condessa de Refoyos. Esse dinheiro permite-me dar largas ao meu despreso pelo solo ingrato e esteril em que tive a desdita de nascer, pelos ineptos que n'elle dominam, por todos os miasmas que se respiram n'este meio estreito! Uma preocupação me tem retido: a lembrança de que irei maguar essa innocente Julia, confessando-lhe o estado tenebroso do meu espirito e de que me não sujeito ao matrimonio, a essa irracionalidade social, sanccionada por tantos seculos. Ah! Rodrigo de Menezes, quem lhe fala não é o pelintra do guarda-livros da fabrica de moagens do Beato, que ha um anno lhe pedia que intercedesse junto do ferreiro José Mendes

para obter-lhe a mão de Bertha, e se confessava disposto a aguilhoar a sua existencia á d'essa mulher! Esse homem desapareceu, evolou-se como um meteoro. E felizmente todos os mesquinhos projectos que architectara tambem caíram com elle: Bertha é uma *cocotte* viciosa e cara, o ferreiro um velho idiota; e o revolucionario palerma que ia sacrificar-se, prendendo a sua existencia perpetuamente á d'uma mulher e, não tendo n'essa epoca a coragem para quebrar com os usos e as tradições, e ser logico, tanto quanto possivel, com as suas idéas libertarias, esse, depois da contradictoria vida de um anno no seio d'esta familia do conde de Rofoyos, prometeu a elle mesmo emancipar-se dos prejuizos e ser esse ente raro e isolado no meio da sociedade—um homem livre!

Rodrigo de Menezes apertava a cabeça nas mãos, na attitude d'um sujeito a quem taes palavras produzissem uma confusão medonha.

—Eu no intimo percebo-te; mas enunciaste-me essas coisas d'um modo tão tu-

multuario e confuso! Em todo o caso, dispenso-te da massada de repizares mais n'isso. No que me interessa, pude perceber que tu vaes desenganar Julia e renunciar a esse casamento. Não podendo fazel-a feliz, nem sel-o, é o melhor; mas é um choque muito grande para ella! Fernando, tenta um ultimo esforço!

— Não posso! E talvez para Julia seja rnelhor este desengano, antes de ligar a sua vida á minha, pelos laços do matrimonio.

— E quando tencionas sair de Lisboa?

— Dentro d'um mez. Quando entrou, estava arranjando a escripturação, para poder entregar ao conde tudo em ordem, e prestar as minhas contas.

— Permittes-me uma pergunta? disse Rodrigo... Como obtiveste esse dinheiro que te dá a independencia?

— Não faço mysterio algum d'isso, observou Fernando Ribeiro, sorrindo-se. Dois collegas meus na direcção do Banco de Lisboa associaram-me ao syndicato encarregado de negociar em Paris e em Londres o

ultimo emprestimo portuguez e, na divisão dos lucros, obtive uns sessenta contos.

— Apre! exclamou Rodrigo.

— Admira-se? Segui em parte os conselhos do seu amigo Rodrigues Sampaio: fui audaz e sem escrupulos.

— Bem, não falemos mais n'essas cousas, que eu já tenho a cabeça em agua. Faz o que quizeres. Mas permite-me que te diga que estou bastante arrependido de te ter mettido no seio d'esta familia... E quando desilludes Julia?

— Logo que se me offereça ensejo, o que não é muito facil agora. Mas socegue, que eu terei coragem e dignidade para proceder com todo o cuidado... Repito-lhe: desejo prestar ao conde de Refoyos contas exactas, para que elle não se permitta lançar suspeitas sobre mim.

Rodrigo de Menezes retirou-se, pensando no terrivel desengano por que acabava de passar.

V

O baile que o conde de Refoyos deu, a pretexto de celebrar a sua vinda de Paris, foi muito concorrido. Tudo o que havia de conhecido na politica, na alta finança, no commercio, na aristocracia, até no jornalismo, encheu os salões do palacio de Santa Martha. O conde de Refoyos impunha-se de novo a essa sociedade, que o procurára expulsar d'um seio, onde elle estava muito bem. A condessa, ao principio constrangida pela exhibição a que o marido a forçára, foi acceitando as circumstancias, e diluindo a magua n'uma tristeza resignada. Julia animou-se com a festa e conservou toda a noite uma alegria nervosa. Pareceu-lhe que as noites festivas iam renascer para ella; e, recebendo a influencia do movimento e da animação que reinavam no baile, desejando que alguém partilhasse do seu communicativo jubilo, procurou com a vista Fernando

Ribeiro. Este, a um canto da sala, conversava placidamente com um velho, que se alastrava n'uma cadeira, que quasi desaparecia debaixo da sua gordura. Era Rodrigues Sampaio. Julia dançára muito e sentia-se cansada. Como o seu olhar se encontrou com o de Fernando, fez-lhe um ligeiro aceno com o leque, e elle, que percebeu, livrou-se o mais depressa que poudo do velho Sampaio. Julia vestia um vestido de seda côr de palha, semi-decotado, que deixava sobresair o seu delicado e magro corpo de nervosa. O seu olhar tinha um brilho magnetico; o seu rosto, animado pelo gaz, pelo calor, pela dança, tinha um vago reflexo de fatalismo. A respiração saía-lhe cansada; os seios arfavam; os labios, muito vermelhos, punham uma mancha de sangue na pallidez d'aquella cara, que encantava e attraía. Fernando, ao approximar-se, disse-lhe, recebendo a influencia da belleza :

— Como estás formosa! exclamou, prestando uma expontanea homenagem á seducção d'essa mulher. . . Ah, mas desprezas os conselhos dos que te estimam e dançaste

muito, a ponto de estares com uma expressão de fadiga, que não podes occultar!

— Estou cansada, estou; e ao mesmo tempo preciso respirar um ar mais puro do que a atmospheria d'esta sala. Está um calor medonho; e eu arranquei-te ás considerações do velho Sampaio para te pedir se me queres acompanhar ao terraço.

Fernando sentia latente a necessidade d'uma explicação com Julia; pensou que era ella a primeira a pedir-lh'a. Era forçoso ter coragem e tacto para não se suggestionar por essa mulher attraente e não consentir que desmoronasse o que a sua vontade decidira, dias antes.

— Olha, espera-me, sim?... Eu tenho de pôr aos hombrões uma capa para me não constipar...

Fernando dirigiu-se para o terraço e sentou-se n'um banco de ferro. Julia appareceu, os hombros cobertos d'uma capota de *foulard* escuro, segurando um pequeno regador, com o qual começou a regar umas plantas, que se erguiam na terra d'um canteiro feito no muro do terraço.

— Este cuidado para com as flores faz-te rir? perguntou Julia, depondo o regador e vindo sentar-se ao lado de Fernando.

— Não, respondeu elle... Porque me fazes essa pergunta?

— É que te ouvi dizer não sei o quê, em quanto eu as regava. Estavas a falar só, ou com algum dos phantasmas d'aquí do sitio?

— Falava só, com effeito, disse Fernando... E queres saber o que eu dizia? Dizia: «era um bello sonho!»

— Continuas enigmatico e mysterioso, como ha mais d'um mez... Agora até já falas de modo que é difficil perceber-te...

— E tu queres-me perceber de todo? perguntou Fernando, com uma resolução cheia d'ameaças.

— De certo! exclamou Julia indecisa.

— Disse «era um bello sonho!» e passava-me pelo espirito a idéa de que os bons sonhos nunca se realisam, e d'elles o que fica é o desejo e a saudade. Tambem era um bom sonho que eu tive, mas a vida não o permite, e eu sou arrastado por ella.

Julia começava a perceber vagamente

este obscuro phraseado. Percebeu que qualquer cousa ameaçava a felicidade que idealisára; percebeu nas palavras de Fernando uns subentendidos de qualquer resolução energica e prejudicial. Julia fixou-o com uma insistencia interrogadora; o olhar d'elle era vago e fugitivo: percorreu o rosto de Julia, o terraço mal allumiado pela luz das janellas dos salões, o arvoredado escuro como o ceu d'essa noite d'outubro. Queria falar e as palavras prendiam-se-lhe á lingua; desejava explicar-se e teve de fazer um enorme esforço para proseguir:

— Sonhei que me poderia ligar a ti por laços inquebrantaveis, dando-te uma felicidade, de que és mais do que digna, não pensando que essa felicidade só t'a pôde dar quem não tenha sido, como eu, muito marcado pelo tempo e pela vida. Sim. O começo da minha existencia foi miseravel; soffri a miseria material e, outra muito peor, a moral. Da primeira melhorei, obtendo um relativo bem estar; para a outra não ha cura possivel — as sociedades d'hoje não a permitem. Meu pae, preso á vida brutificadora

d'empregado publico, legou-me o desespero e a anciosa ambição que o levou á morte; minha mãe foi tambem victima do miseravel viver em que me arrastei até aos vinte e tantos annos. Ambos me marcaram indelivelmente. Depois, quando tu me cercaste d'uma atmosphaera inebriante de ternura, eu recebi a influencia da tua seducção e tentei elevar o meu espirito ás mesmas regiões em que o teu pairava, tentei forçar o meu coração a sentir como o teu sentia, e por uns tempos deixei que esse sonho se prolongasse. Mas acordei e o raciocinio força-me a desiludir-te: enganei-te, dizendo que te amava, embora sinta por ti qualquer coisa de vaporoso, de terno, de vago, de complexo, que se approxima do amor, mas que o não é; enganei-te quando te disse que me podias fazer feliz, visto que entre nós dois ha um grande abysmo, que nenhum sentimento pôde preencher. Eu, dentro da sociedade em que vivemos, sou um tresloucado e um imbecil. Sou por consequencia uma especie de pária que só pôde encontrar uma digna companheira n'algumas das loucas ou desequi-

libradas que exercem inconscientemente o amor livre. Não te posso arrastar comigo — nem tu me seguirias. Por tanto achei mais rasoavel desenganar-te e fugir!

Julia percebera enfim a terrivel verdade : que elle não a amava, que a tinha ludibriado e compromettido, e que este desengano era para ella um golpe muito profundo. Um certo sentimento de compaixão, que pudesse sentir ao vel-o tão triste e tão maguado, abafou-se com a lembrança do que ella propria acabava de soffrer. As raras lagrimas que lhe começavam a deslizar pelas faces, a tensão nervosa seccou-lh'as. Recuou, por instincto, do pé d'esse leproso moral que a tinha querido contaminar; e, erguendo-se, encostou-se ao muro do terraço, n'uma attitude silenciosa de estatua. Uns momentos decorreram sem que esse tragico silencio, apenas interrompido pelos rumores do baile, fosse cortado. Julia disse enfim com amargura e azedume :

— O seu procedimento foi muito infame para comigo! e as explicações com que o senhor tenta atenuar a sua mentira ainda

uma continuação da indigna comedia que commosco representou, e de que eu fui a maior victima. Fui justamente punida, por não ter dado ouvidos ás palavras de minha mãe; ella bem me precaveu contra as suas tentativas de ambicioso. E, no meio da minha desgraça, valeu-me que o senhor não fosse o consumado comediante que podia ter sido, e não tivesse a coragem de levar até ao fim o seu sinistro projecto. É a unica coisa que lhe posso agradecer: — o não me ter desposado, e o ter-me aberto os olhos, quando eu cegamente me ia despeñar no abysmo. E eu ameí-o! Ameí-o, com um amor phantasioso e sincero, idealizando um futuro calmo e tranquillo. Mas o despertar do sonho vão que sonhara foi bem cruel! Encheu-me d'amargura e de desespero; não tenho mesmo palavras para expressar todo o mal que friamente e calculadamente me fez — e que nunca lhe poderei perdoar. Fique-se com esta lembrança, e se pôde ser feliz — seja-o. Adeus!

Julia saiu do terraço e entrou na sala do baile, ainda em plena animação.

Fernando, seguindo-a com a vista, viu-a levar aos olhos o lenço, como para enxugar alguma lagrima comprometedora, e sentar-se n'uma cadeira; d'ali a pouco um sujeito magro approximou-se d'ella, tirou-a pelo braço, e ambos se lançaram no rodopio vertiginoso d'uma valsa. Fernando pensou na necessidade do fingimento, que em todos domina, na monomania de encobrir os sentimentos mais dilacerantes sob a mascara da indifferença ou d'uma ficticia alegria. Afinal ferira essa mulher no mais recondito e intimo do coração; e ella, apezar d'isso, não lhe fez a banal scena dramatica, que elle receava e que tanto o enjoaria. Antes assim. O que não tinha geito algum é que, por um inebriamento de sentimentalismo, fosse tombar no poço lugubre da familia burgueza, seduzido por essa encantadora Julia ou enganado pelo sonho d'uma felicidade que a vida nunca lhe podia dar. Essas vulgares idealisações eram supportaveis nos heroes dos romances de Feuillet; poderiam mesmo ser o eterno desejo d'algun caixeiro de popas ou d'algun janota pelintra. Mas elle, conhecendo as in-

certezas do seu espirito, o complexo do seu character, as vicissitudes do seu pensamento, as ancias continuas do seu intellectualismo, era forçado a fugir da normalidade atormentadora.

Ao entrar na sala do baile encontrou Rodrigo de Menezes, e contou-lhe o que se passára. Rodrigo fez uma interrogação muda com os olhos.

— Agora, disse Fernando, resta-me entregar-lhe as chaves do escriptorio e do cofre de seu cunhado, que eu não tenciono voltar a esta casa. Quer-me fazer este favor?

— Pois sim, disse Rodrigo resignado. E hoje ainda cá ficas?

— Não, respondeu Fernando. Sáio consigo, e, logo que amanheça, vou-me hospedar no Hotel Universal. Para ahi mandarei as malas, que tenho no meu quarto. Escreverei ao conde, participando-lhe a resolução, e, dentro d'alguns dias, espero estar a caminho de Paris.

Em redor d'elles, a multidão, apesar do canção, animava-se. Muitos convidados tinham partido; mas os que ficavam, aban-

donando os gestos de desdem ou indifferença, sentiam prazer em agitar-se, em apertar a cintura das mulheres, que, na dança, tinham spasmos lubricos, olhares electrizadores e de vagos desejos.

Essa lubricidade dos olhos era quasi geral, embora a atmospherá fosse carregada e asphixiante. Fernando e Rodrigo chegaram á casa de fumar e encostaram-se á humbreira d'uma janella semi-aberta, por onde entrava um raio azulado de luz.

— Já é dia! exclamou Fernando, recebendo na vista esse clarão, que contrastava com o amarello das luzes do gaz.

— Vou-me embora, disse Rodrigo. Vens?

— Vou, disse Fernando.

Vestiram os casacos, levantaram as gólas, e desceram a escada.

Na rua receberam em pleno rosto a claridade pallida da manhã, manhã tempestuosa d'outubro em que o vento zumbia furioso. No Passeio Publico as arvores rumorejavam assopradas com vigor, deixando cair as folhas amarellas.

A cidade começava acordando. Vinham

rumores de vida, de movimento. Operarios passavam apressados, percebendo-se-lhe a impaciencia nos seus rostos de exhaustos. Nuvens cinzentas e enegrecidas enrolavam-se. Das grandes muralhas da cidade baixa, d'esses enormes paredões alinhados, saíam sons vagos, echos longiquos de ruido. Lisboa parecia um grande monstro começando a viver e a agitar-se.

Ambos, recebiam a influencia da manhã ameaçadora. Restavam silenciosos. Fernando acompanhou até Santa Clara Rodrigo de Menezes; depois desceu a Alfama, ao largo de S. Miguel, lançando um olhar saudoso, da saudade que se tem por tudo o que passou, á casa onde durante tantas noites se enebriára n'um prazer casto e ideal, e, ao chegar á Sé, tambem fixou a janelita do antigo quarto que habitára, quando se debatia nas garras da pobreza e do amor. As recordações saudosas dominavam-lhe o pensamento; entreteve-as até chegar ao Hotel Universal. Ahi o gerente indicou-lhe um quarto, um vasto e bello aposento de duas janellas que deitavam para a rua nova do Almada.

Fernando estendeu-se no leito, e, em pouco tempo, o seu corpo cansado teve um repouso reparador.

VI

Decorridos dez dias, Fernando Ribeiro achava-se recostado n'uma carruagem de 1.^a classe, que o conduziria á fronteira hespanhola. Em Santa Apolonia reinava a habitual animação. Elle, porém, era indifferente a tudo. Com o braço apoiado á janella do vagon, passavam-lhe pelo espirito as imagens d'aquelles que conhecera e com quem lidára. A Bertha tinha escripto a despedir-se e obteve uma resposta dura, que traía o despeito de mulher abandonada. Por Rodrigo de Menezes soube do effeito produzido sobre Julia pelas palavras que elle dissera na noite do baile. A pobre pequena, vergando sob um desespero inconsolavel, recolhera á cama com uma febre cerebral; as ulti-

mas noticias, que poude alcançar, davam-n'a porém livre de perigo. Os condes de Refoyos, embora manifestassem o seu despeito pelo modo como elle se despedira e se desligava do pedido da mão de Julia, no intimo ficaram satisfeitos por se terem livrado d'um genro tão importuno e comprometedor. Do homem indulgente e benevolo que era Rodrigo de Menezes, d'esse espirito com quem tivera uma tão longa convivencia, levava Fernando sincera saudade. Pediu mesmo que não fosse á estação despedir-se d'elle, para evitar entre ambos uma scena muito triste. Rodrigo annuiu e caíu-lhe nos braços, chorando como um pae que visse fugir-lhe o filho. Elle communicára a Rodrigo o itinerario da sua viagem. Depois d'uma estada de tres a quatro mezes em Paris, visitava a Italia, a Sicilia, a Grecia e a Asia Menor. Voltava de novo á Europa, de que desejava conhecer o norte, e na Inglaterra tomaria um paquete para a America. Ignorava ainda qual a cidade em que teria mais prolongada residencia, e, quando alguma escolhesse, Rodrigo de Menezes ahi

se encontrava com elle. Esta commum promessa aligeirou mais os momentos da despedida.

Fernando, para distrair-se, acercou-se da portinhola e olhou para a immensa fila de gente, ali trazida por sentimentos tão variados. Uns, meros curiosos, passeavam serenamente, observando, mirando, examinando, só pelo simples prazer de satisfazerem o seu capricho. A outros, mais discretos, mais recolhidos, percebia-se-lhes no brilho dos olhos uma certa commoção; alguns, forçados a cumprir apenas uma forma de cortezia, manifestavam no rosto o desejo de que o comboio se não demorasse muito. Soou o terceiro signal e a locomotiva começou a mover-se. Muito barulho, muita expansão, muito agitar de lenços, de signaes de despedida. Fernando, por acaso, fixou uma mulher vestida de escuro, encostada a uma columna de ferro; a luz mortiça d'uma lanterna pendurada n'essa columna, reflectia-lhe na cara, illuminando-lh'a d'um clarão amarello, e deixando perceber uns olhos negros, negros e exageradamente abertos, que se en-

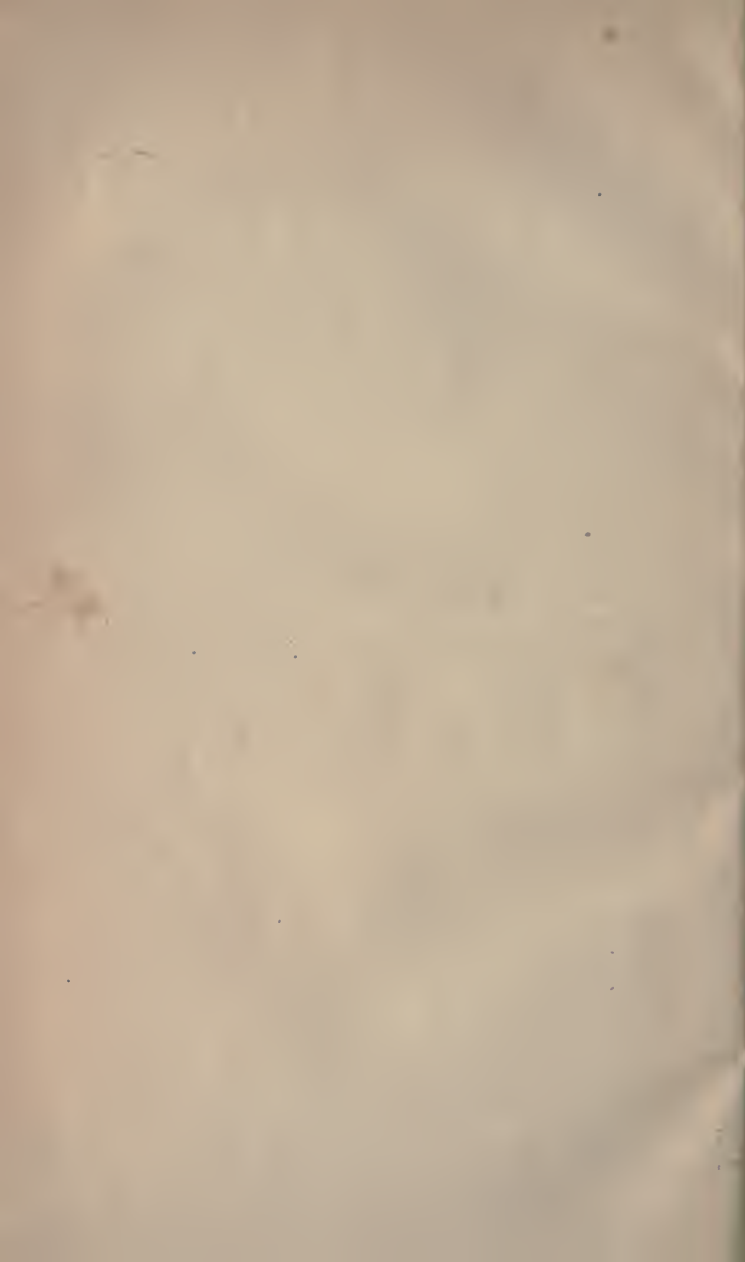
contraram com os de Fernando. Este ficou-os mais, e os olhos negros pareciam pousar n'elle com a insistencia d'um fantasma. Fernando teve a visão de Julia. Eram os olhos d'ella! O comboio porém, adquirindo mais velocidade, separou-os; elle apenas, á medida que se afastava, poudé divisar o vulto na mesma immobillidade e fixidez.

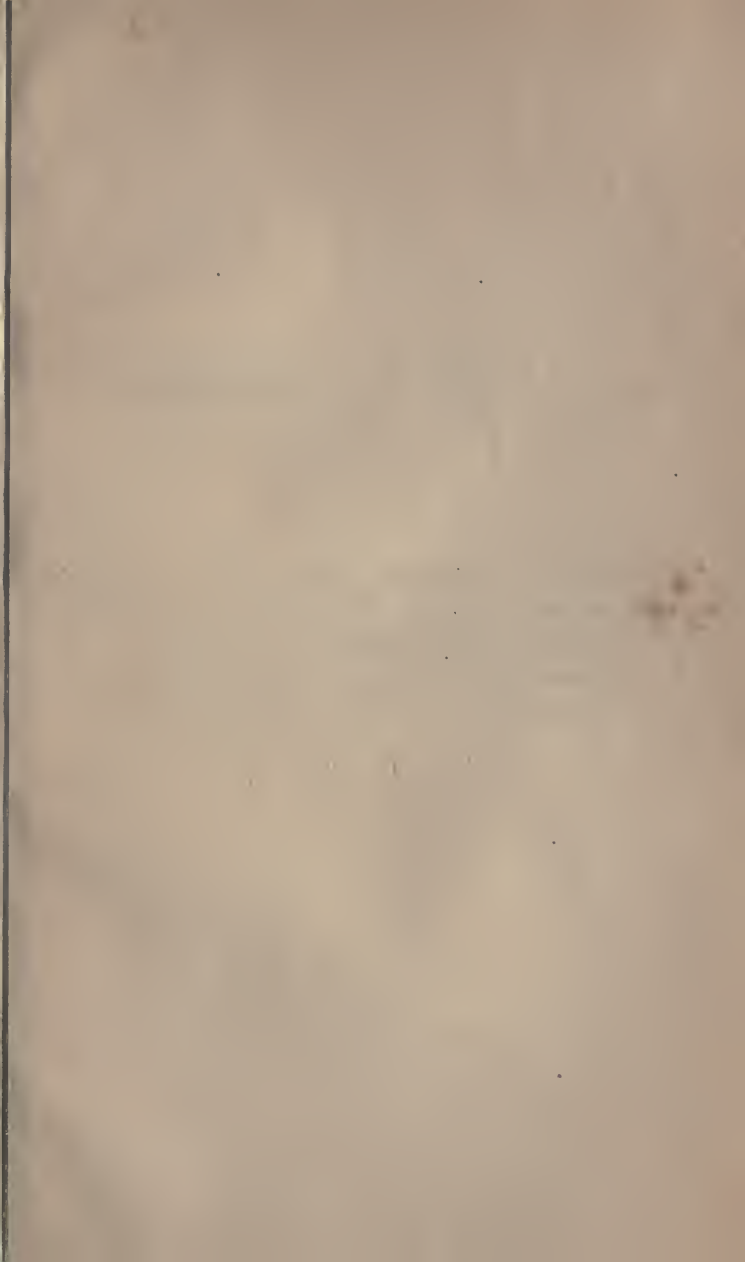
Fernando, como já não pudesse ver, sentou-se, entregue aos confusos pensamentos que a repentina apparição lhe viera provocar. Os olhos e o vulto eram de Julia, mas a razão dizia-lhe que essa mulher, que elle traíra, jazia no leito, prostrada pela febre. E de mais, vivendo com o pae e com a mãe, não era provavel que pudesse furtar-se á vigilancia d'elles, para vir áquella estação contemplar ainda uma vez quem a tinha enganado. Nem o seu orgulho lhe deixava dar esse passo. Foi engano, calculou Fernando; fiz uma approximação entre Julia e um outro vulto de mulher, approximação em que a minha mente de preocupado cuidou ver uma realidade.

Agora que elle buscava emancipar-se de todos os laços que o apertavam, tirando-lhe a liberdade do espirito, um ironico acaso tentava absorvel-o, fazendo-lhe passar pela vista uma visão de Julia, procurando attrail-o a novas vacillações e novos enganos.

Era tarde! O comboio caminhava com velocidade vertiginosa, conduzindo esse homem, inquieto e sequioso de ver outras formas mais variadas da vida, de sentir sensações novas, de se abrigar em horisontes mais vastos, livre de todas as algemas que nos prendem a um territorio restricto, sem patria, sem familia, sem moral, — como o pensamento humano.

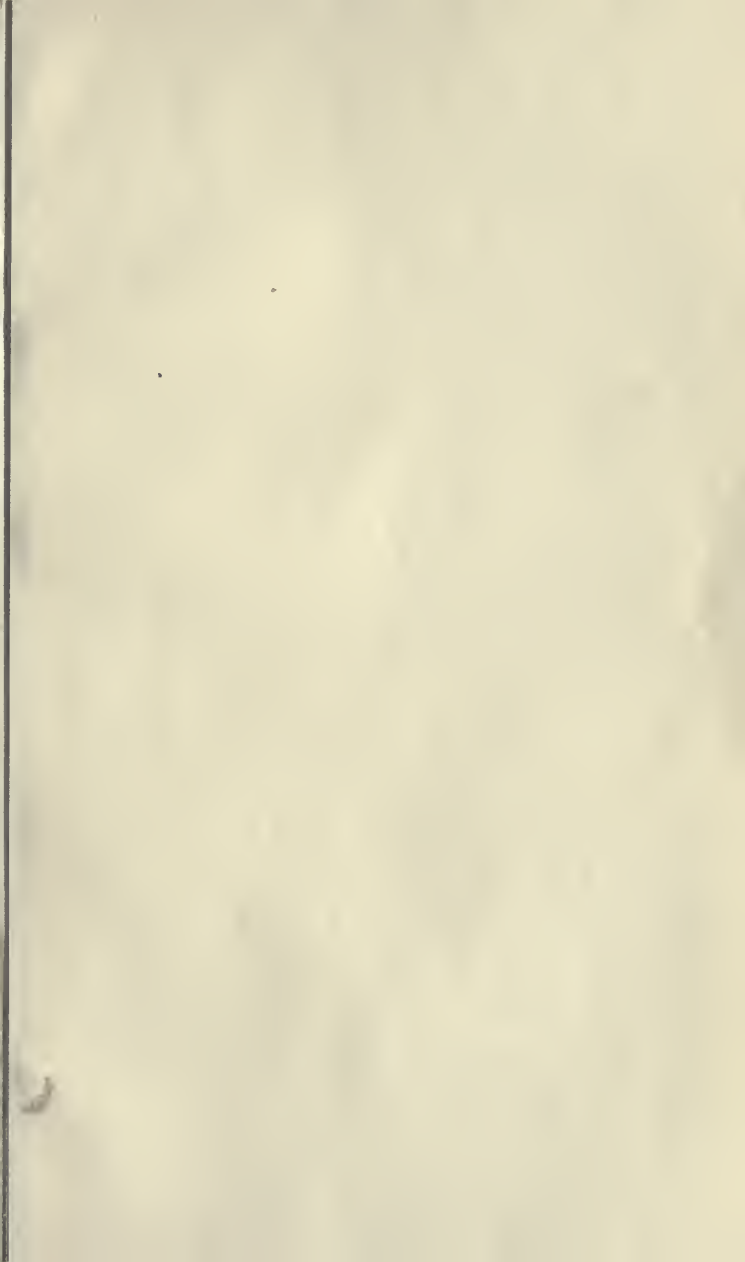


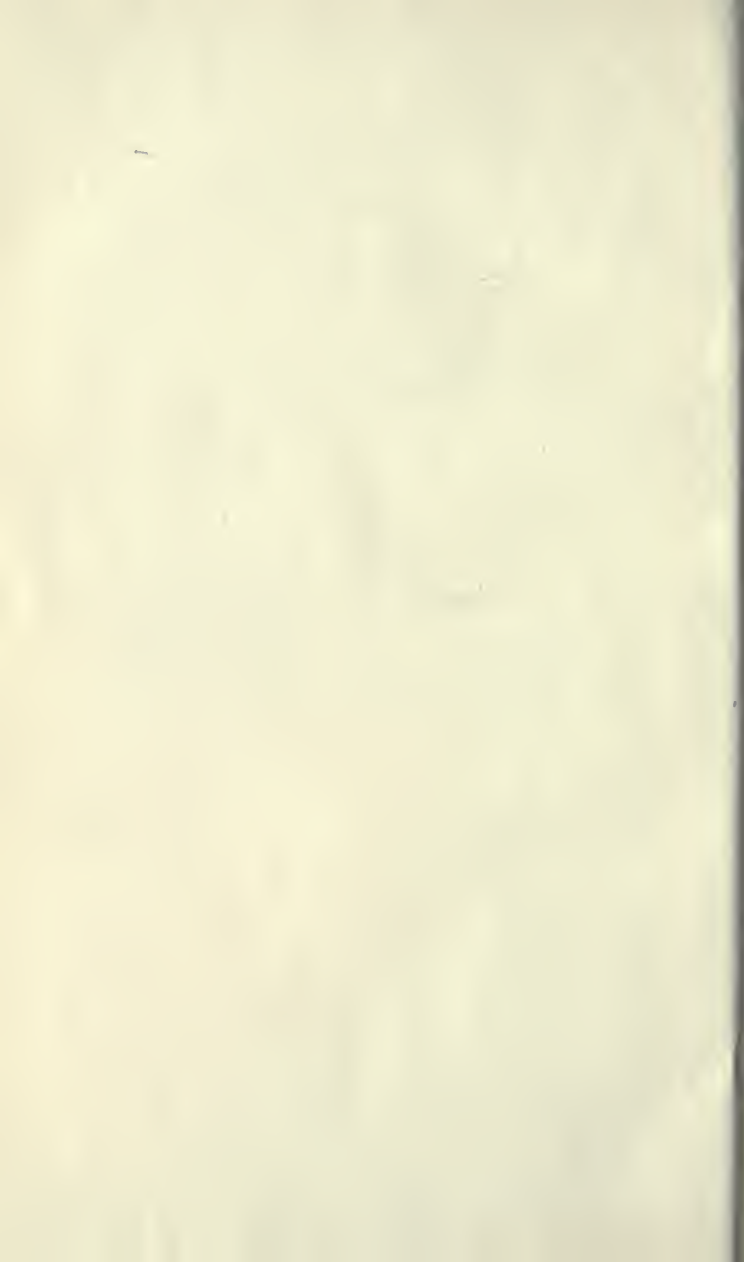


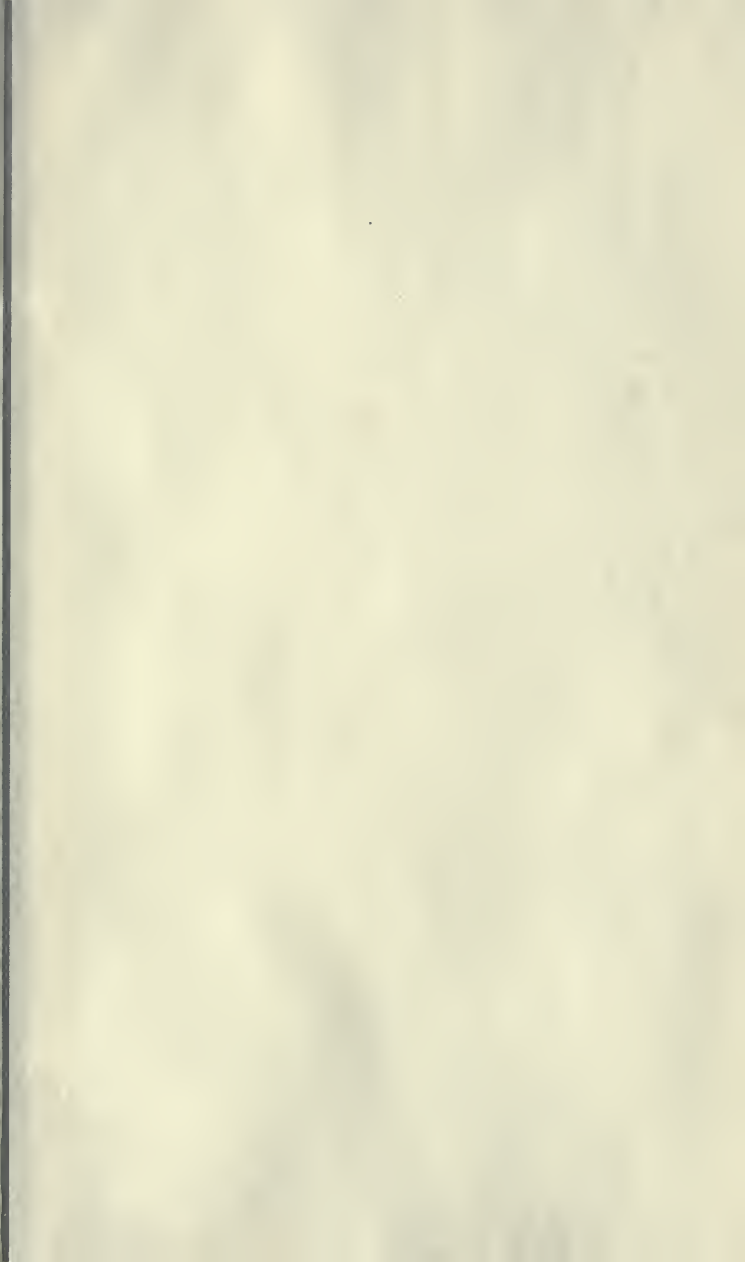


OBRAS DE CALDAS CORDEIRO

O Marquez de Pombal.—Porto, 1890	100
Envelhecer (contos).—Lisboa, 1892	300
Corações Inquietos (romance).—Lisboa, 1893.	500
Alexandre Herculano (estudo).—Lisboa, 1894.	300
Anciosos (scenas da vida em Lisboa).—Lisboa, 1895	600









PQ
9261
C22A75

Caldas Cordeiro, Manuel
Anciosos

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

